



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

KERGINALDO LUIZ DE FREITAS

**O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE NADEZHDA KRUPSKAYA:
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA PEDAGOGIA SOCIALISTA NO CONTEXTO DA
REVOLUÇÃO RUSSA**

FORTALEZA - CEARÁ

2019

KERGINALDO LUIZ DE FREITAS

O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE NADEZHDA KRUPSKAYA: CONTRIBUIÇÕES
PARA UMA PEDAGOGIA SOCIALISTA NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO RUSSA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Formação de Professores.

Orientador: Profa. Dra. Ruth de Paula Gonçalves.

FORTALEZA - CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Freitas, Kerginaldo Luiz de .

O pensamento pedagógico de nadezhda krupskaya: contribuições para uma pedagogia socialista no contexto da revolução russa [recurso eletrônico] / Kerginaldo Luiz de Freitas. - 2019.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 116 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Mestrado Acadêmico em Educação, Fortaleza, 2019.

Área de concentração: Formação de Professores..

Orientação: Prof.ª Dra. Ruth de Paula Gonçalves..

1. Nadezhda Krupskaya. 2. Pedagogia Socialista. 3. Politécnic. 4. Autogestão. 5. Revolução Russa. I. Título.

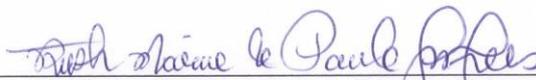
KERGINALDO LUIZ DE FREITAS

O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE NADEJDA KRUPSKAIA: CONTRIBUIÇÕES
PARA UMA PEDAGOGIA SOCIALISTA NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO RUSSA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores.

Aprovada em: 22 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Maria das Dores Mendes Segundo
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profª. Dra. Daniele Kelly Lima de Oliveira
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Em memória de meu pai, *Luiz Ferreira*, pelos
nossos desatinos e os diálogos que nunca
tivemos...

Levarei para sempre comigo o exemplo da tua
determinação.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Dona **Iolanda**, pelo simples dom da vida e pela grande mãe que tem sido ao longo de minha existência que assim como Ísis uma das deusas mais importante do Egito, teve seu aspecto maternal estendido para outras divindades.

À amada **Maria de Lourdes**, que me apareceu ao acaso, minha eterna companheira, camarada aguerrida, meu porto seguro frente a muitas aflições, que assim como Atena a filha de Zeus mantém sempre seu caminho na justiça e na sabedoria.

Ao meu filho **Matheus**, o primogênito, assim como Caos o primeiro deus a surgir no universo, despertou em mim a primeira materialização de consciência divina.

Ao meu filho **Arthur**, assim como Oxalá, tu tens o dom da bondade e da paz. Que a humildade continue sendo uma de tuas maiores virtudes.

Ao meu filho **Pedro**, *fortis hominem*, tu tens uma personalidade invejável. Assim como Odin, considerado o pai de todos os deuses deixarás o legado nesta terra. Não tenho dúvidas que serás uma das colunas da família.

A minha filha **Sofia**, fonte de sabedoria, aquela que hoje inspira os caminhos e oxigena a minha alma.

À **Ruth de Paula**, minha orientadora, pela excelente orientação, que desde o início acreditou na proposta e por suas inferências objetivas e pertinentes na construção do trabalho, a sua mansidão e a certeza de que tudo se ajustaria ao final do processo.

À **Maurilene do Carmo**, que além de intelectual, possui uma singular sensibilidade literária, mesmo estando envolvida em atividades diversas na Universidade Federal do Ceará não se furtou em participar da banca trazendo preciosas sugestões a esta pesquisa.

À **Danielle Kelly**, amiga, mulher de simplicidade ímpar, companheira do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, que tem acompanhado minha história e se disponibilizado a se deslocar do município de Sobral para fazer parte da banca.

Ao meu amigo **Érico Ricardo**, pelas calorosas contribuições, e na certeza de que sempre tudo vai dar certo.

Aos **Professores** do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará que tanto contribuíram para o crescimento intelectual.

À **Samantha Lodi**, que gentilmente me disponibilizou material para a pesquisa, e que ajudou a abrir caminho com as suas dissertação de mestrado e tese doutorado.

Ao meu amigo **Lellis Luna**, pelas constantes contribuições ortográficas, que assim na sua ortodoxia como o velho Sócrates coloca-se sempre em desvantagem com aqueles que julgam saber alguma coisa.

Aos amigos do Instituto Discens, **Geraldo Magela, Mílcia e Valdizar Forte**, que estiveram comigo nos últimos dois anos acompanhando parte de minhas angústias.

Aos amigos da Secretaria Municipal, em especial **Andrea, Alessandra, Ernane, Neuma e Roberto** que compõem a Confraria da Educação.

Aos companheiros de trabalho do **Espaço Integrar** que juntos que têm dado o primeiro passo para a realização de mais um sonho.

Aos amigos da turma de mestrado, em especial **Mário André, Maria Aires, Elândia e Larissa**, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas e pelo apoio incondicional.

Aos camaradas do **Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO**, aos revolucionários do **Grupo Estudos da Pedagogia Soviética**, em especial meu amigo **Ciro Mesquita** pelos diálogos estabelecidos e as reflexões cotidianas.

“Quando comecei a compreender o papel que tinha que desempenhar o trabalhador na liberação de todos os trabalhadores, senti um desejo irresistível de estar entre os trabalhadores, de trabalhar com eles”.

(Nadezhda Krupskaya)

RESUMO

Esta dissertação visou investigar o pensamento pedagógico de Nadezhda Konstantinovna Krupskaya, marxista e revolucionária responsável pelas principais ideias educacionais russas antes e depois da revolução de 1917, à luz da ontologia marxiana-lukacsiana. Objetivou recuperar a pedagogia produzida e revelada pela revolucionária, a fim de resgatar os elementos históricos-pedagógicos e discutir a base conceitual-ideológica que permearam os anos em que se pensou a educação socialista e que podem reverberar na educação atual. A análise do objeto partiu da elaboração de um quadro teórico-metodológico, o qual permitiu compreender a totalidade e seus determinantes. Foi utilizado como método o materialismo histórico-dialético inaugurado por Karl Marx e as contribuições de trato ontológico resgatadas por György Lukács. Os procedimentos metodológicos adotados foram guiados por uma pesquisa teórico-bibliográfica-documental. O percurso do exame se iniciou com a compreensão ontológica a partir da filosofia grega articulada as contribuições de Marx e Engels que trazem elementos fundamentais, possibilitando assim, abrir caminho para o entendimento do ser social, e seus desdobramentos. Adiante, contextualizou-se o conjunto de fatores históricos, políticos, econômicos, culturais e filosóficos que perpassaram e entremearam pela história da educação soviética, e que convergiram na Revolução de Outubro. O estudo prosseguiu com a trajetória biográfica de Krupskaya, na qual se pode perceber os determinantes e condicionantes de suas ideias. Em seguida, encaminhou-se para análise de textos e artigos, com destaque para *La educación de la juventude* e um conjunto de *Cartas de Krupskaya* remetidas em maior parte nos anos que antecedem o ano de 1917. Foi ressaltado ainda que muitos destes escritos já foram traduzidos para outras línguas, como a inglesa, a espanhola e a francesa. Dos textos extraiu-se principais categorias de Krupskaya para análise: escola única para o trabalho, politecnia e a autogestão. Além disso, traça-se um exame dos princípios da educação para meninas e meninos articuladas às categorias supracitadas. Ficou evidenciado que a concepção de uma pedagogia revolucionária possibilitou a superação do analfabetismo russo, bem como o vislumbre do horizonte da emancipação feminina, contribuindo para a retirada do véu das mulheres que protagonizaram ao lado dos grandes ícones da história a derrubada do absolutismo czarista. Reconheceu-se, ainda, que no Brasil seu pensamento foi pouco difundido pelos intelectuais da academia e pelos estudiosos do campo da pedagogia. Ao fim do estudo, conclui-se que Nadezhda Krupskaya cumpriu um papel significativo na formação do novo homem soviético e que se não fosse o regime stalinista, poderia ter implementado em essência, a educação politécnica e a autogestora, categorias por ela defendidas. Contudo, o pensamento e as contribuições desta pedagoga reverberam em solo brasileiro reconhecendo-a como teórica e uma das principais organizadoras do sistema educacional socialista soviético. Através da história a estudiosa mostra-se uma mulher à frente de seu tempo, consciente, capaz de contribuir com a unidade dos trabalhadores. Neste contexto, conclui-se também que Krupskaya assumiu uma concepção materialista de mundo, ajudou a construir uma formação teórica ligada à prática social e uma formação política ligada à vida o que a aproxima de forma objetiva de uma perspectiva ontológica marxiana-lukacsiana.

Palavras-chave: Nadezhda Krupskaya. Pedagogia Socialista. Politécnica. Autogestão. Revolução Russa.

ABSTRACT

This dissertation search to investigate the pedagogical thinking of Nadezhda Konstantinovna Krupskaya, a Marxist and revolutionary responsible for the main Russian educational ideas before and after the communist revolution of 1917, in the light of the Marxian-Lukacsian ontology. It aimed to recover the pedagogy produced and revealed by the revolutionary, in order to rescue the historical-pedagogical elements and to discuss the conceptual-ideological background that permeated the years in which socialist education was thought and that can reverberate in the current education. The analysis of the object started from the elaboration of a theoretical-methodological reference, which allowed to understand the totality and its determinants. The historical-dialectical materialism inaugurated by Karl Marx and the contributions of ontological treatment rescued by György Lukács were used as method. The methodological procedures adopted were guided by a theoretical-bibliographic-documentary research. The course of the examination began with the ontological understanding from the Greek philosophy articulated the contributions of Marx and Engels that bring fundamental elements to open the way for the understanding of the social being. and its unfolding. Later, the set of historical, political, economic, cultural and philosophical factors that permeated and intersected the history of Soviet education, and which converged in the October Revolution, were contextualized. The study continued with the biographical trajectory of Krupskaya, in which one can realise the determinants and constraints of his ideas. He then went on to analyze texts and articles, especially *La educación de la juventud* and a set of Letters from Krupskaya sent mostly in the years before 1917. It was also pointed out that many of these writings were already translated into other languages, such as English, Spanish and French. From the texts we extracted the main categories of Krupskaya for analysis: single school for work, polytechnic and self-management. Besides that, an examination is made of the principles of education for girls and boys articulated to the above-mentioned categories. It was evidenced that the conception of a revolutionary pedagogy made it possible to overcome Russian illiteracy, as well as the glimpse of the horizon of female emancipation, contributing to the withdrawal of the veil of the women who carried out alongside the great icons of history the overthrow of Czarist absolutism. It was also acknowledged that in Brazil his thinking was little disseminated by the academy intellectuals and scholars in the field of pedagogy. At the end of the study, it is concluded that Nadezhda Krupskaya played a significant role in the formation of the new Soviet man and that, if it were not for the Stalinist regime, it could have essentially implemented polytechnic education and self-help, categories advocated by it. However, the thought and contributions of this pedagogue reverberate in Brazilian soil recognizing it as a theoretician and one of the main organizers of the Soviet socialist educational system. Throughout history the scholar has shown herself to be a woman ahead of her time, conscious, capable of contributing to the unity of the workers. In this context, it is also concluded that Krupskaya assumed a materialist conception of the world, helped to build a theoretical formation linked to social practice and a political formation linked to life which approached it objectively from a Marxian-Lukacsian ontological perspective.

Keywords: Nadezhda Krupskaya. Socialist Pedagogy. Polytechnic. Self-management. Russian revolution.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PRESSUPOSTOS ONTOLÓGICOS PARA A FORMAÇÃO DO NOVO HOMEM	24
2.1	ASPECTOS ONTOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO	24
2.2	PRESSUPOSTOS MARXIANOS DA EDUCAÇÃO	30
3	DA ERA DOS CZARES À REVOLUÇÃO SOCIALISTA: O CENÁRIO DE NASCIMENTO DA INTELLECTUAL ORGÂNICA	37
3.1	O DOMÍNIO DOS CZARES	37
3.2	A RÚSSIA REVOLUCIONÁRIA	47
4	A MULHER DA PRÁXIS SOCIAL	55
4.1	O MUNDO DA MULHER EDUCADORA E REVOLUCIONÁRIA	55
4.2	EDUCAÇÃO PARA MENINAS E MENINOS	86
4.3	ESCOLA ÚNICA DO TRABALHO E POLITÉCNICA.....	92
4.4	AUTOGESTÃO	100
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS.....	113

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida com base na ontologia marxiano-lukacsiana com o objetivo de mostrar como essa relação ontológica surge a partir do trabalho como categoria que funda o ser social. Do ponto de vista da ontologia do ser social é fundamental perceber a interação entre a teoria ontológica e a práxis cotidiana, uma práxis do ser, pelo ser social e pela natureza. (LUKÁCS, 2012)

A investigação se debruça no estudo da educação soviética tomando como referência a educadora Nadezhda Konstantinovna Krupskaya examinando suas contribuições na perspectiva da construção da educação socialista no contexto da Revolução Russa e as reverberações dos seus ideais no cenário educacional brasileiro.

A exposição dar-se-á a partir da contextualização do cenário político educacional da Rússia czarista pré-revolucionária e dos reflexos cotidianos que abriram caminho para a primeira experiência comunista da história moderna.

Tomamos como ponto de partida a gênese do pensamento elaborado por Krupskaya, procurando compreender como sua práxis se articulava à militância de Lênin – a forma que foram cúmplices em suas ações, uma vez que essa foi uma ativista que caminhou *pari passu* com o líder bolchevique no movimento revolucionário russo, contribuindo de forma consistente com a educação e o processo de emancipação dos camponeses e operários (LODI, 2016).

Perscrutamos reconhecer em Krupskaya, além da expoente revolucionária, a forma como teorizou e corroborou com a construção do socialismo na Rússia, liderando o levante que culminou nas revoluções de 1905 e 1917, bem como as inferências na educação daquele país.

Sublinhamos que outras pesquisas acadêmicas já foram materializadas visando identificar a gênese do pensamento pedagógico da revolucionária – parte delas estabelecendo aproximações com a educação russa e os pedagogos soviéticos, desenvolvidas na Universidade Estadual do Ceará, como as dissertações de Oliveira (2012)¹ e Cunha (2012)². Identificamos também o estudo de Nobre (2015)³ que apresenta elementos da práxis para uma

¹ A formação do homem novo na pedagogia de Anton s. Makarenko: um estudo introdutório na perspectiva da ontologia marxiana-lukacsiana.

² Escola soviética do trabalho de Pistrak: dois passos à frente, um passo atrás?

³ Trabalho, práxis e escola: Elementos de uma formação revolucionária. Universidade Federal do Ceará.

educação revolucionária e Freitas (2009)⁴ que trata dos elementos do Escolanovismo e a pedagogia socialista russa; além de outras investigações tentando abrir caminhos para desvendar os conceitos pedagógicos produzidos e publicados pela líder bolchevique, a exemplo de Silva (2015)⁵, Lodi (2016)⁶ e, não menos importante, as traduções do professor Luiz Carlos Freitas que resultaram na publicação *A construção da pedagogia socialista e A revolução das mulheres: emancipação feminina da Rússia Soviética* organizado por Graziela Sheneider.

As diversas manifestações demonstradas pela população brasileira nos últimos dois anos revelam os limites do politicismo – é possível que esse politicismo tenha se tornado objeto inclusive dos partidos denominados progressistas – na esfera política ao mesmo tempo em que reacende a luta da classe trabalhadora. O aparato social-democrata do Estado traz consigo pseudo-soluções a partir de medidas populistas para os problemas sócio-históricos que têm se agravado nas últimas décadas e que possivelmente serão agudizadas no atual governo.

Urge a importância da elevação do nível de consciência da classe trabalhadora, – são nessas questões que o capital se agarra para impor um processo de desenvolvimento gradual que vislumbra um tipo de igualdade social. No artigo *Contra o reformismo e o politicismo*⁷, (Tonet, 2018) assenta que,

[...] ao longo desse processo a esquerda perdeu – teórica e praticamente – o norte do trabalho, substituindo-o pelo norte da política. Perder o norte do trabalho significa perder o fio condutor da história, derivado do fato de que o trabalho é a categoria que funda o ser social e, como tal, em suas formas as mais variadas, permanece sempre como fundamento de qualquer forma de sociabilidade. (TONET, 2018, p.n.p).

Os caminhos alternativos apontados pela esfera política⁸ para a resolutividade das mazelas sociais, na verdade, têm levado ao reformismo e ao politicismo e, embora se apresentem como trilhas mais convidativas, sabe-se que estas não levarão ao socialismo.

⁴ Dissertação de Mestrado: O Escolanovismo e a pedagogia socialista na União Soviética no início do século XX e as concepções de educação integral e integrada. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

⁵ Nadezhda Krupskaya: contribuições para a educação infantil na atualidade. Universidade Estadual de Maringá.

⁶ ENTRE A PENA E A BAIONETA: Louise Michel e Nadezhda Krupskaya, educadoras em contextos revolucionários. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

⁷ Publicado recentemente na revista Diário da liberdade. Disponível em: TONET, Ivo. *Contra o Reformismo e Politicismo*. Diário Liberdade, 2018. – <https://gz.diarioliberalidade.org/brasil/item/221644-contr-o-reformismo-e-o-politicismo.html>

⁸ Não esqueçamos que o pleito 2018 no Estado brasileiro foi marcado pela intensificação do processo de polarização ideológica na esfera política – muito mais que o debate racional para a consolidação da democracia, foi o ardor emocional, bem como a retomada de um regime fascista fomentado pela ignorância e ausência do conhecimento da natureza na sua totalidade.

Perder de vista a essência da revolução significa afastar-se da compreensão do trabalho como atividade emancipatória. São nestas questões que se encontra ancorado o processo brutal de exploração do capital.

Tonet (2005) nos ajuda a compreender que embora a emancipação política tenha muitas limitações – não deve se apresentar como objetivo último da humanidade, faz parte da própria reprodução do capital - também possui a sua relevância, uma vez que possibilita o reconhecimento do ser-em-si dentro de um contexto político, conduzindo o indivíduo a agir como membro de uma sociedade política – o que difere de uma comunidade social. No entanto, é preciso o entendimento de que tal compreensão não significa a emancipação humana, esta se refere a forma mais avançada de um novo tipo de sociabilidade; é muito mais que pensar e agir de acordo com aquilo que é estabelecido socialmente, embora ainda em potência tem um valor superior ao da emancipação política, pois, tem raízes na realidade, todavia sua existência seja apenas uma possibilidade.

Com o acirramento da crise estrutural do capital⁹ e seus rebatimentos nas condições da classe trabalhadora e, conseqüentemente, atingindo setores da classe privilegiada com a exacerbação da violência urbana, segmentos da população passam a se questionar sobre onde residiria o foco de tantos desajustes sociais. (MESZÁROS, 2009).

Numa reflexão coletiva, fundamentada pela ideologia da classe dominante, responsabilizaríamos os políticos, o Estado, as facções, o crime organizado, os marginalizados pela sua miséria, a preguiça, a deseducação, entre outros. Numa perspectiva emancipadora, a partir de reflexões mais aprofundadas, entende-se que os limites sociais e históricos do capital¹⁰ se encontram novamente ameaçados.

O Brasil vive hoje uma crise paradigmática que tem levado as pessoas – que constituem a classe trabalhadora – a questionarem suas verdades e certezas. Apesar da forma como se apresentam e ganham espaço as manifestações da ultradireita conservadora, entende-se que o germe do inconformismo agudiza e será determinante para se pensar uma sociedade revolucionária. É neste contexto, do assolamento do proletariado, nas falácias do modelo de progresso capitalista, que ressurgem ou começa a se formar a contradição necessária para se estabelecer uma possibilidade real de se direcionar para outra forma de sociedade e sociabilidade capaz de superar esta liberdade aparente, arraigada na lógica de que o capital é

⁹ Há décadas reconhecida por Mészáros como uma crise incontrolável em todas as suas dimensões, de caráter universal, global, regular e progressiva.

¹⁰ A fim de contextualizar o limites do capital elencamos algumas crises emblemáticas ao longo da história: Crise em 29 de outubro de 1929 quando, após três meses de quedas consecutivas da produção e dos preços, foram vendidas de forma desesperada 16 milhões de ações, o que afundou a Bolsa de Nova York, 1987: A Segunda-feira Negra”, 1994: A crise do peso mexicano, 2008-2009: A Grande Recessão.

fundamental para o desenvolvimento da humanidade. Outro tipo de sociabilidade que atenda às necessidades humanas e possibilite ao indivíduo uma liberdade plena – não significa uma liberdade por inteiro – livre de todo processo de alienação do capital. (TONET, 2016).

No marxismo, liberdade só poderá ser compreendida se o homem não estiver sujeito às forças opressivas,

[...] o fundamento da liberdade consiste, se pretendemos falar racionalmente dela como momento da realidade, em uma decisão concreta entre diversas possibilidades concretas; se a questão da escolha é posta num nível mais alto de abstração que a separa inteiramente do concreto, ela perde toda a sua relação com a realidade e se torna uma especulação vazia. (LUKÁCS, 2013, p.138)

A liberdade existe apenas no mundo material. É uma luta contra os mecanismos de alienação, manifestada por um processo de estranhamento entre o sujeito-objeto e que se sobrepõe a condição de indivíduo enquanto ser social.

Levando em conta as características e as imensas especificidades espaço-temporais dos dois momentos – Rússia de 1917 e Brasil de 2019, conjectura-se a necessidade que se comece a pensar uma educação que possa propalar as sementes do comunismo, para que os educadores revolucionários venham a contribuir com essa nova sociabilidade, “uma forma de sociabilidade que abra, para todos e todas, a possibilidade de uma vida cheia de sentido.” (TONET, 2016, p.25).

Nessas condições em que a crise do capital se mostra evidente e começa a atingir diversos setores da sociedade, produzir conhecimento a partir dos postulados teóricos e experiências de pensadores soviéticos como Krupskaya, Makarenko¹¹ e Pistrak¹² pode ser entendido como um exercício histórico-dialético imprescindível para que se pense uma pedagogia que, mesmo diante a contradição do capital, possibilite desenvolver atividades educativas que contribuam para a emancipação da classe trabalhadora.

A luta conduzida por Krupskaya a coloca em condições de protagonizar os papéis mais relevantes na Revolução Russa a fim de garantir os direitos das mulheres, especialmente na educação. A exemplo de Lunacharsky¹³ e Pokrovsky¹⁴, seu conhecimento no campo

¹¹ O mestre ucraniano concebeu um modelo de escola baseado na vida em grupo, na autogestão e na disciplina, contribuindo para a recuperação de jovens infratores.

¹² Defendia uma “escola para o trabalho” em que a ênfase estivesse nas leis que regem o conhecimento do mundo natural e social, na preocupação com as leis do trabalho humano, e no método dialético em que este atuasse como força organizadora do mundo. Em consonância com os objetivos da Revolução Russa, Pistrak procurou introduzir a dimensão política no trabalho pedagógico e em respeito disso afirmou “sem teoria pedagógica revolucionária não poderá haver prática pedagógica revolucionária.” (Tratenberg, p.29).

¹³ Anatoly Vasilievich Lunacharsky, nascido na Ucrânia em 1875, foi o primeiro Comissário de Educação da URSS.

educacional e suas habilidades revelam a importância de seu pensamento na elaboração de um sistema radicalmente novo e socialista para a educação pública. (SKATKIN,1994)

A revolucionária em questão defendia a superação do antigo sistema escolar de classes, em que a maioria das pessoas carecia de letramento e conhecimento científico, seguindo no analfabetismo mais profundo, sobretudo no campo, onde vivia a maior parte da população – por uma escola que possibilitasse uma visão integral de mundo; um sistema educacional amplo em que os ensinos primário, secundário e superior estivessem interligados.

Além disso, Krupskaya criticava a dificuldade das crianças em se alfabetizarem simplesmente por não terem acesso à escola, – estando envolvidas em atividades domésticas. E as que conseguiam, tinham algum tipo de educação nos modos mais rudimentares. Krupskaya ressalta:

É preferível para o governo manter o povo na ignorância e, dessa forma, nas escolas é proibido falar às crianças e dar-lhes livros para ler sobre como outros povos conquistaram sua liberdade, quais são suas leis e regulamentos; proibem explicar por que algumas nações têm determinadas leis; e outras nações leis diferentes, e por que algumas pessoas são pobres e outras ricas”. (Krupskaya, 2017, p.23).

Ressalta-se também que na educação contemporânea, são inúmeras as reformas educacionais prolixas e de caráter populista. Elas dialogam com a sociedade a fim de atender uma necessidade imediata dos meios de produção. Há um abismo entre a escola burguesa e a escola destinada à classe trabalhadora.

Essas questões se tornavam mais desafiadoras frente ao contexto do período pós-revolucionário que deixou um rastro de destruição e pobreza. Propor um sistema educacional diante de uma insuficiência de insumos foi algo desafiador. Organizar a educação tornou-se uma prioridade e nesse contexto, o papel do professor foi de grande relevância no processo de (re)construção da educação.

Não consideramos um descomedimento colocá-la em paridade com outras ativistas que marcaram a história no século XX, como Clara Zetkin¹⁵, Rosa Luxemburgo¹⁶ e Alexandra Kollontai¹⁷.

¹⁴ Mikhail Pokrovsky foi um historiador e revolucionário russo com larga expressividade no início do século XX, estabelecendo também um papel de liderança no campo educacional soviético.

¹⁵ Professora, jornalista e política marxista alemã. Nascida em 1857 foi uma figura histórica do feminismo. Foi uma das fundadoras e dirigentes do Socorro Vermelho Internacional.

¹⁶ Filósofa e economista marxista polaco-alemã. Tornou-se mundialmente conhecida pela militância revolucionária ligada à Social-Democracia da Polônia. (1871-1919)

¹⁷ Líder revolucionária russa e teórica do marxismo, membro do partido bolchevique e militante ativa durante a Revolução Russa de 1917. (1871-1919)

Alinhada ao pensamento de Marx, o enfrentamento protagonizado por Krupskaya e pela classe trabalhadora encontra sentido na busca por superar a sociedade capitalista, articulando os trabalhadores para agir coletivamente em um movimento que não pode ser desvinculado das relações histórico-sociais. Ancorados nas produções intelectuais e na práxis da revolucionária tentaremos responder a nossa questão de partida: quais as contribuições do pensamento pedagógico-revolucionário de Nadezhda Krupskaya para a educação na contemporaneidade?

Pretendemos assim, como objetivo geral, recuperar a pedagogia produzida, veiculada e publicada pela revolucionária. Levando em conta a problemática acima, nossos objetivos específicos nos direcionam a: recuperar os elementos históricos-pedagógicos do período revolucionário – que fundamentalmente culminaram nas revoluções de 1905 e 1917 – protagonizados por Krupskaya que serviram de aporte para a revolução socialista soviética; discutir a base conceitual das principais ideias pedagógicas que permearam os anos em que se pensou a educação socialista ancorada na educação politécnica e autogestora trazida por Krupskaya; analisar quais as contribuições da revolucionária que reverberaram no pensamento pedagógico brasileiro para formação de professores frente ao contexto do capital.

Considerando os constantes ataques às conquistas da classe trabalhadora, a resistência constituída num movimento de luta contra a exploração do capital tem se tornado um desafio frente à exploração da classe dominante que

[...] em nome do princípio da tolerância, *admite-se* a propaganda a favor da burguesia, já que a própria recusa em promover a visão de mundo proletariado, a recusa de luta contra a tolice religiosa, já é propaganda, sem falar em toda a situação que se encontra a criança sob a ideologia pela qual ela é contagiada imperceptivelmente nesta "sociedade democrática", para não mencionar todo o sistema de educação. (SHULGIN, 2013, p.14 e p.15)

É por meio da exploração da força de trabalho que vão surgindo as verdadeiras condições de organização da classe operária, levando em conta a práxis do sujeito no contexto do processo produtivo e a compreensão das dinâmicas que contribuem para a unidade da luta dos trabalhadores, como afirmam Marx e Engels:

O proletariado passa por diferentes fases do desenvolvimento. Sua luta contra a burguesia começa com a sua existência. No começo, empenham-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente, operários de um mesmo ramo de indústria, de uma mesma localidade, contra o burguês que os explora diretamente. (2007, p. 47).

Um governo operário e camponês pode resguardar o interesse das massas populares, para isto deve superar o caráter classista da escola, possibilitando que a mesma disponibilize os graus acessíveis para todos os setores da população e precisa fazê-lo não somente em palavra, mas de fato. Com efeito, a instrução seguirá sendo privilégio classista da burguesia enquanto não se modificarem os objetivos da escola.

As escolas de educação básica e superior precisam possuir um mesmo objetivo: educar indivíduos integralmente desenvolvidos, conscientes e organizados, possuidores de uma visão de mundo reflexiva e íntegra, que tenham clara compreensão de tudo o que ocorre ao seu redor na natureza e na vida social; indivíduos preparados na teoria e na prática para todo o gênero de trabalho. (SKATKIN,1994)

Nesse contexto, ratifica-se a relevância histórica de Nadezhda Krupskaya e sua ação junto aos operários russos, despertando através dos estudos marxistas uma consciência emancipadora que contribuiu para a busca de uma nova pedagogia. Krupskaya atuava em vários segmentos – uma atuação ativa na articulação do movimento revolucionário, embora sua inclinação maior tenha sido no campo da educação. Sua proposta consistia em dar voz à educação revolucionária, contrária aos modelos protecionistas das elites.

Krupskaya sempre mostrou preocupação com a igualdade de condições de ensino para meninas e meninos. Perspectivava uma educação livre das mazelas do capital, baseada numa mentalidade coletiva, eliminando, assim, qualquer possibilidade de dominação que possa ser estabelecida a partir das elites burguesas. Reconhecia-se com a educação no movimento operário, como afirma: “Quando comecei a compreender o papel que tinha que desempenhar o trabalhador na liberação de todos os trabalhadores, senti um desejo irresistível de estar entre os trabalhadores, de trabalhar com eles.” (Krupskaya In: Bobrovskaia, 1940, p.8 *apud* LODI, 2017, p.12).

Krupskaya foi talentosa em articular os ativistas do partido operário marxista, tendo um papel preponderante em preparar e redigir as publicações de folhetos e panfletos para os movimentos de 1896. Sempre preocupada em fomentar na classe operária uma pedagogia de caráter emancipador, capaz de conduzir o homem a repensar sua cotidianidade.

Procurou sempre se manter firme e sem perder a essência na qual estabelecia aos caminhos da visão “bolchevique que era baseada, portanto, em quatro preceitos: união livre, emancipação das mulheres através do trabalho assalariado, socialização do trabalho doméstico e definhamento da família”. (GOLDMAN, 2014, p.31)

Disponha de uma personalidade autêntica por ela mesma construída e amplamente reconhecida por mostrar-se leal a Lênin até a sua morte. Nas primeiras décadas do século

passado, Krupskaya alcançou os mais altos cargos no Ministério da Instrução Pública da União Soviética e, a partir de 1937, sendo ela nomeada para o Presidium¹⁸ do Soviete Supremo da União Soviética.

Muito de seus escritos foram traduzidos para outros idiomas, no entanto a composição de textos em língua portuguesa é muito escassa. Para elencar os principais apontamentos de Krupskaya fez-se necessário levar em conta as diferentes publicações, uma vez que o conjunto de textos, como veremos adiante, encontra-se em edições distintas.

A produção intelectual de Krupskaya foi aclamada pelo Estado Soviético, sendo ela condecorada com a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho (1929) e a Ordem de Lenin (1933). Em 1931 foi nomeada membra honorária da Academia de Ciências da URSS e em 1936 foi honrada com título de Doutorado em Ciências Pedagógicas. Nadezhda Konstantinovna Krupskaya morreu em 27 de fevereiro de 1939. Suas cinzas estão na parede do Kremlin ao lado do Mausoléu de Lenin na Praça Vermelha, em Moscou. (SKATKIN,1994)

As ideias sobre a educação politécnica e para o trabalho, a preocupação em conhecer com profundidade os clássicos da ciência educacional e a forma como as experiências de outros países poderiam reverberar na Rússia, bem como a autogestão das crianças, foram as grandes bandeiras de Krupskaya.

Ancorada no objetivo geral da problemática exposta e como esta reflete na historicidade dos trabalhadores, sua relevância e seu legado para educação emancipadora, nossa pesquisa foi norteadada pelos pressupostos marxianos, visto que nesse sentido o pensamento de Marx e Engels, expresso no *Manifesto do partido comunista e na Ideologia Alemã*, possibilitaram ampliar o olhar para fomentar a discussão. Bem como as contribuições do grande expoente da ontologia marxiana György Lukács nos estudos *Para uma ontologia do ser social I e II*, em especial no capítulo *O trabalho e Reprodução Social*.

As pesquisas de caráter marxista têm sua concepção voltada à totalidade, resguardam a racionalidade e perspectivam outras formas de apropriação do real. Para ontologia marxiano/lukacsiana o trabalho funda o ser social, mas não o esgota si. Em função de,

[...] a sua capacidade de produzir mais do que é necessário para a reprodução do seu produtor, o trabalho inaugura um processo de complexificação que alarga o horizonte da reprodução humana, criando novas necessidades e ampliando as formas para satisfazê-las. Como consequência dessa complexificação, o trabalho chama à

¹⁸ Instituição governamental da União Soviética.

vida novos e diferenciados complexos sociais, com os quais estabelece relações bastante complexas e forma uma totalidade social, um complexo de complexos, em cujo cerne pode se efetivar. (LIMA, 2009, p.96)

Tal investigação teórico-bibliográfico-documental situou-se na perspectiva marxiano/lukacsiana da ontologia do ser social. Uma abordagem do tipo ontológica, que possibilitou uma análise onto-histórica compreendendo que o trabalho é a categoria fundante do homem e que no ato do trabalho está posta a escolha entre as alternativas. Iniciar a investigação tomando como base a categoria trabalho foi uma opção onto-metodológica que nos possibilita o entendimento que o caminho a percorrer seria o materialismo histórico-dialético.

Propusemos aclarar as relações do homem no processo de alienação do trabalho e como se encontram reveladas as pendências econômicas na educação a serviço do capital. No propósito de compreender os fenômenos identificados, procurando o entendimento do que há de mais significativo nos sujeitos envolvidos e na tentativa de elucidar as indagações do projeto, afastamos as possibilidades de prenúncios, bem como no prefácio de 1859, na *Contribuição a crítica da Economia Política*, Marx (2011, p.3) assevera que, “Antecipar conclusões do que é preciso demonstrar é pouco correto, e o leitor que quiser seguir-me deverá passar do particular para o geral”.

Acreditamos que a busca dos clássicos nos possibilitará um olhar capaz de superar a visão positivista contemporânea, um olhar da literatura universal sobre um fenômeno considerado atual pode nos ajudar na compreensão da totalidade sobre o particular.

O método de Marx é fruto de uma longa investigação. Não é um conjunto de regras gerais que se aplicam a um objeto; a teoria social de Marx é o conhecimento prático da vida cotidiana e não oferece definições, mas determinações concretas. O método é de natureza ontológica, por isso o seu interesse em conhecer o objeto real e determinado, fruto de uma longa construção teórica a partir de repetidas aproximações. (NETTO, 2011).

Compreender o objeto em Marx é abrir caminhos para o entendimento de todo o processo de desenvolvimento na sua totalidade, cientes de que a ação do homem na natureza é teleológica; e sendo o trabalho uma categoria fundante, este estabelece uma relação com a natureza e consigo mesmo.

A análise marxiana demonstra como o modo capitalista de produção mercantiliza as relações, transformando-as em relação de fetiche. Na sociedade capitalista, o fetichismo é inerente a todas as manifestações ideológicas, como se as relações entre os seres humanos

tomassem uma forma coisificada e como se estas passassem a ter vida, produzindo um processo de alienação.

De fato, a sociedade capitalista mascara essas relações fingindo o caráter de valor das mercadorias, e esse processo de alienação ocorre também no caso do dinheiro, do capital e de todos os artefatos que compõem o sistema capitalista. Assim, percebe-se que a evolução do capitalismo imperialista apenas legitima e intensifica o fetiche, deixando muito claro o abismo entre a realidade e o pensamento. (LUKÁCS, 1967)

As reflexões realizadas através das categorias marxiano/lukacsiana permitem a apreensão do movimento real e das múltiplas determinações existentes. O conceito de totalidade, que abrange as relações entre o singular, o particular e o universal, baseia-se na compreensão rigorosamente materialista das relações entre a essência e a aparência – uma vez capturada a essência do objeto, o pesquisador a reproduz no plano ideal.

Tencionamos assim, uma perspectiva crítica e radical que proponha um caminho metodológico de superação daquilo que está posto, revelando “a essência das coisas”. Compreendendo na esteira de Marx que “Toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre aparência e a essência das coisas”. (MARX, 1984, p.939).

Buscamos com o método marxiano analisar os fatos na sua essência, superando a aparência dos fenômenos, ancorados na gênese do conhecimento, em que o fundamento do objeto não se encontra em outro local, senão na realidade.

Desta forma, de posse do materialismo histórico e do materialismo dialético, se pode estabelecer uma interpretação da exploração do capital, como se configura e se transforma o novo período de compreensão das relações sociais.

O novo materialismo fundado por Marx, considera, claro, insuprimível a base material da existência humana, mas isto é, para ele, apenas um motivo a mais para evidenciar a sociabilidade específica daquelas categorias que surgem do processo de separação ontológica entre natureza e sociedade. (LESSA, 2016, p. 21)

O materialismo histórico nos possibilitará abrir caminhos para uma concepção da essência histórica do objeto em detrimento da aparência meramente fenomênica. Nesse sentido, ratificamos a perspectiva teórico-metodológica de Marx-Lukács para a realização dessa investigação.

O conhecimento da realidade histórico-social é fundamental para a compreensão das contradições burguesas pela classe trabalhadora. Na sociedade classista ao mesmo tempo em que o trabalho explorado cria possibilidades ele desumaniza o homem.

Marx, que se apoia nos princípios do materialismo histórico e dialético, considera a época capitalista como uma etapa determinada do desenvolvimento histórico, como uma etapa que se caracteriza pela crescente intensidade de luta entre as forças antagônicas de classe.” (SUCHODOLSKI, 1976, p.55)

A partir desta compreensão, realizamos uma investigação a fim de elucidar as principais categorias pedagógicas defendidas por Krupskaya e, assim, conduzimos os estudos com o objetivo de atender as problemáticas supracitadas. Visando, portanto, sistematizar e organizar os registros, a fim de compreender e apresentar aquilo que foi pesquisado, privilegiamos como procedimentos metodológicos, a pesquisa bibliográfica e documental.

Pleiteamos, de modo geral, compreender o debate que cerca os fundamentos pedagógicos anunciados e defendidos por Krupskaya. Nesse sentido, a exposição traz a análise dos objetos específicos divididos nos capítulos da pesquisa. A fim de esclarecer e aumentar a compreensão leitora trouxemos a sequência de cada parte que, por sua vez, procuram atender os objetivos ora propostos nesta busca.

Optamos por iniciar nossas formulações teorizando sobre o ser social e a formação omnilateral. Tomamos como base para fundamentação teórica as categorias trabalho e reprodução social ancorados na literatura marxiano-lukacsiano com amparo de um dos maiores expoentes de Lukács no Brasil, Sérgio Lessa. Atribuímos à primeira sessão o título *Pressupostos Ontológicos para a formação do novo homem*. Examinamos as concepções de Marx e Engels como ponto de partida para as discussões no campo do pensamento social subsidiado pela obra de Lukács, *Para uma ontologia do Ser Social II*, especificamente os capítulos *o trabalho e a Reprodução*. Guiados pelos escritos de Suchodolski (1976) e Lombardi (2010) buscamos amparo teórico para as obras supracitadas a fim de articulá-las ao campo da educação.

O segundo capítulo apresenta como título *Da era dos Czares à Revolução Socialista: o cenário de nascimento da intelectual orgânica*. Feita a devida contextualização, tendo como fio condutor as categorias ontológicas marxianas, tentamos ladrilhar o caminho a fim de compreender o objeto da pesquisa levando em consideração os acontecimentos relevantes que transformaram a história da Rússia, bem como os desdobramentos da ação política-educacional da revolucionária. Neste capítulo ancoramos nossos escritos nas contribuições de Krupskaya (1978), Trotsky (1977), Luxemburgo (2017), Hobsbawn (1998), Skatkin (1994), Segrillo (2015), Sheneider (2017), Goldman (2014) entre outros.

No terceiro capítulo, *A mulher da práxis social*, procuramos discorrer sobre as principais categorias dispostas no pensamento da revolucionária, como se articulam com a categoria trabalho e com a teoria marxiana/lukacsiana da educação. Intentamos identificar a

influência que a militante marxista recebeu de outros pensadores para a construção de seu arcabouço pedagógico, tomando como aporte o pensamento Dewey (2016), bem como o seu compromisso com alfabetização do campesinato russo e a educação das crianças. Nele apresentamos ainda a concepção de educação politécnica e a escola única do trabalho pensada em Krupskaya com suporte teórico de Shulgin¹⁹ (2013), Pistrak (2015) e Krupskaya (1957) na obra *On Education*²⁰. Debatesmos ainda sobre a *autogestão*, uma das grandes bandeiras de Krupskaya.

Recorrer aos clássicos, bem como a outros estudiosos da Revolução Russa, possibilitou-nos levantar elementos históricos para contextualizar a investigação. Traçamos uma revisão bibliográfica dos teóricos estudiosos de Nadezhda Krupskaya, bem como os subsídios de referencial marxista.

É válido anunciar que Krupskaya, assim como Marx, não escreveu um tratado sobre educação, mas seu arcabouço teórico dilatou-se através de suas produções em panfletos, na elaboração de programas oficiais do governo que reverberaram numa ação educativa que deu indicações a uma práxis emancipadora.

Buscamos elementos produzidos pela revolucionária que possam contextualizar o pensamento pedagógico da bolchevista a partir de suas produções intelectuais, parte deles anunciados adiante quando apresentaremos elementos da vida e obra de Krupskaya. Debruçamo-nos ainda sobre o conjunto de mais 60 cartas remetidas por Krupskaya para a mãe e a irmã de Lênin²¹, entre os anos de 1898 a 1919 que possivelmente ajudarão a contextualizar a compreensão do cotidiano.

Nas considerações finais tecemos algumas reflexões buscando identificar o fio condutor da pedagogia defendida e apresentada por Krupskaya. Apresentamos elementos do pensamento da pedagoga, e como estes reverberam na educação brasileira e, especialmente, as suas contribuições para a formação de professores frente ao contexto da exploração do capital.

¹⁹ Viktor Nikolaevich Shulgin (1894-1965), educador e historiador terminou seus estudos na Universidade de Moscou em 1917. Entre 1918-1922, trabalhou no Comissariado do Povo para a Educação. Trabalhou na seção Científico-Pedagógica do Conselho Científico Estatal (GUS) entre 1921-1931, presidida por Krupskaya. Texto extraído do livro Rumo ao Politecnismo, Expressão Popular, 2013.

²⁰ Publicado também como *La educación de la juventude*, Madrid, 1978 e *Acerca de la Educación Comunista*, Moscou.

²¹ Maria Alexándrovna e Maria Ilyinichna Ulyanova.

Pretendemos com esse debate, baseados nas leituras e análises dos textos e nas formulações pedagógicas de Krupskaya, retratar, em nossas considerações finais, que um determinado tipo de atividade pedagógica emancipadora guiada por Krupskaya contribuiu para o processo de humanização na educação russa. Portanto compreendemos que, no momento em que nos é dado um cotidiano tão embrutecido, uma práxis transformadora pode reverberar no mundo real de modo que possa enriquecer o indivíduo como partícipe do gênero humano.

2 PRESSUPOSTOS ONTOLÓGICOS PARA A FORMAÇÃO DO NOVO HOMEM

Neste capítulo trouxemos ao leitor elementos teóricos que fundamentam as questões ontológicas do pensamento de Marx e Engels. Para isto, recorreremos à filosofia grega a fim de contextualizar a práxis do ser social, bem como recorreremos aos teóricos de base materialista a fim de elencar os pressupostos marxianos da educação.

Uma vez explanadas as questões norteadoras da pesquisa a partir dos componentes introdutórios, as discussões com base na ontologia marxiana nos permitiram aclarar o entendimento de como o homem dialoga com a natureza e com ele mesmo. Assim fazendo-se importante pensar como a filosofia de caráter materialista reverberou na educação da classe trabalhadora – mostrando as suas contradições – abrindo um caminho que possibilitasse um novo tipo de sociabilidade superando o abismo existente entre a educação burguesa e a educação da classe operária.

Discutir sobre a educação a partir do prisma marxiano, possibilitou-nos abrir caminho para a compreensão do pensamento dos filósofos alemão e inglês que se articulam com a questão do ensino a partir do contexto de exploração do capital.

2.1 ASPECTOS ONTOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Buscando atender as questões preliminares do ponto de vista filosófico que venham a corroborar a fundamentação teórica para a pesquisa, recorreremos aos elementos categoriais da ontologia marxiana/lukacsiana, bem como as grandes experiências da filosofia ocidental para o entendimento da práxis do ser social.

Lukács demonstra em sua ontologia as três esferas ontológicas do ser, a esfera inorgânica: movimento pelo qual algo se transforma em outro algo; a esfera biológica: caracterizada pela incessante re colocação do mesmo; e o ser social: aqui a consciência desempenha um papel fundamental, sendo esta algo pertinente apenas aos seres humanos e sendo que a partir desta é que o homem elabora respostas objetivas para um mundo objetivo, constituído numa base ontológica a fim de compreender a base da existência humana.

Entre as três esferas existe uma distinção de caráter ontológico, “apesar de distintas, as três esferas ontológicas estão indissolivelmente articuladas: sem a esfera inorgânica não há vida, e sem a vida não há ser social”, o papel da consciência só poderá ser exercido pelo ser social. (LESSA, 2016, p. 20)

Ressalta-se, nesse sentido, que o trabalho principia a ação histórica pela qual o ser social se diferencia dos outros animais. Destarte, a consciência presente no ser social é uma faculdade estritamente humana, - requer uma acumulação particular pertencente ao mundo dos homens. Esse processo de acumulação é a base ontológica para o acréscimo de novos conhecimentos.

E que, através desse processo de acumulação, os homens podem se elevar a uma consciência do seu em-si, do que de fato são, o que possibilita algo inédito: um ser que se reconheça na sua própria história. Em outras palavras, um gênero que se reconhece enquanto gênero em processo de construção. (LESSA, 2016, p. 19)

Sem o salto, este novo ser não pode se concretizar. O salto não esgota o novo ser em si. Do ponto de vista evolutivo o salto ontológico tem sua origem evolutiva das substâncias inorgânicas.

A análise da gênese da vida, da esfera biológica, evidencia que o que distingue a matéria orgânica da matéria inorgânica é o fato de a primeira existir através de um ininterrupto processo de reposição do mesmo (a goiabeira repõe goiabeiras, que repõem goiabeiras, etc.), enquanto a reposição inorgânica é marcada por um infundável tornar-se-outro. (LESSA, 2016, p. 22)

O salto ontológico é um tipo de processualidade, momento predominante. O salto requer um processo contraditório do desenvolvimento do ser.

A essência do salto é constituída por essa ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento e não pelo nascimento repentino ou gradual, ao longo do tempo, da nova forma do ser. [...] sem o salto o novo ser não pode se consubstanciar. Todavia, o salto não esgota, em si próprio, o novo ser; este apenas pode se explicitar através de uma processualidade evolutiva que, por sua essência, está para além do salto enquanto tal. (LESSA, 2016, p. 23).

Somente a categoria da contradição é insuficiente para resultar num processo evolutivo. Entre a esfera orgânica e inorgânica há uma ruptura ontológica. O *salto ontológico* de Lukács constitui-se uma ruptura de continuidade normal do desenvolvimento do ser, pois essa quebra de ordem ontológica entre a esfera inorgânica e a biológica trata-se de uma mudança qualitativa e estrutural do ser e, por isso, necessita de um longo processo de ajuste.

Lukács categoriza o trabalho como forma originária e fundamento ontológico das diferentes formas da práxis social. Denomina de prévia-ideação o momento de planejamento que precede e conduz a ação, dada por algo que já existia previamente na consciência, e acrescenta,

[...] qualquer pô do trabalho tem seu fim concreta e precisamente delineado no pensamento; sem isso nenhum trabalho seria possível, ao passo que uma alternativa da vida cotidiana correspondente ao tipo acima descrito, muitas vezes possui finalidades extremamente vagas e imprecisas. (LUKÁCS, 2013, p.139 e 140)

Embora idealizada como momento de abstração, a prévia-ideação manifesta-se na matéria e, justamente por ser abstrato, gera em si a possibilidade de confrontar o passado, o presente e o futuro e idealizar o resultado da práxis.

Segundo Lessa (2016, p.31), sem a prévia-ideação o objeto não pode existir “[...] com os novos conhecimentos e habilidades passam a ter novas necessidades; novos conhecimentos levam sempre a novas necessidades.” Ela é projetada na consciência para uma ação concreta e que embora sua substância seja de caráter abstrato, ela exerce uma força material – a práxis social. É neste momento que os homens se confrontam com a sua própria história e objetivam sua práxis.

Como assevera Lukács:

[...] o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho; ele atua sobre a natureza exterior e modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza, desenvolve “as potências que nela se encontram latentes” e sujeita as forças da natureza “a seu próprio domínio.” (2012, p. 286).

Com a exteriorização, o objeto passa por um processo de transformação a partir daquilo que era subjetivo – a objetivação, momento em que a prévia-ideação se converte em substância. Sem isso, não há teleologia, não há sujeito.

A exteriorização é esse momento do trabalho através do qual a subjetividade, com seus conhecimentos e habilidades, é confrontada com a objetividade a ela externa, à causalidade e, por meio deste confronto, pode não apenas verificar a validade do que conhece e de suas habilidades, como também pode desenvolver novos conhecimentos e habilidades que não possuíam anteriormente. [...] A exteriorização é o momento de transformação da subjetividade sempre associada ao processo de transformação da causalidade, a objetivação. (LESSA, 2016, p. 31)

A objetivação de uma prévia-ideação gera consequências as quais o acaso precisa ser levado em consideração, uma vez que as novas possibilidades vão exigir novas ideias.

Recorremos à originalidade da cultura e da ciência grega que é percebida nos mais diferentes aspectos, da matemática à pintura passando pela filosofia. Trata-se de um crescimento cultural e científico e que naturalmente proporcionou um crescimento econômico.

Desprendidos dos dogmas encontramos na antiguidade grega o berço da ontologia²², nesse período os únicos adversários eram os mitos. Esse princípio único de oferecer uma ontologia cuja a imagem de mundo garantia que os postulados morais fossem fixados como possíveis e necessários. (LUKÁCS, 2012)

Vejam os que a relação entre sujeito-objeto é fundamentalmente de natureza ontológica. Consciência e objeto estabelecem relações distintas; sem uma consciência idealizada, o objeto previamente pensado não existe o que evidencia que a diferença entre consciência e objeto está diretamente relacionada ao plano do ser. Essa exteriorização é o momento do confronto da subjetividade com a objetividade.

Essa relação ontológica sujeito-objeto requer duas observações: a primeira é que a relação sujeito-objeto não pode estabelecer uma relação de identidade e a segunda é que o sujeito que se consolida justamente pela objetivação, ou seja, na forma exteriorizada do ser.

Lembremos o papel dos monges sofistas que dominavam o campo pedagógico e discutiam qualquer tipo de questão. A sociabilidade por eles, é constituída da reprodução social – a própria complexificação do ser social. Nos estudos dos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, Marx (2011) afirma que o homem estabelece relações que não dependem objetivamente de sua vontade e que estão conectadas a um determinado desenvolvimento das forças produtivas. “O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral”. (MARX, 2011, p. 5)

É nesse contexto histórico, político, e territorial de Atenas do século V a. C., que a filosofia platônica brota, ganha expressão e se lança para o mundo. Platão está pregado nesse chão e tudo começa por uma relação amigável entre Sócrates e ele.

Do ponto de vista educativo, Platão projeta sua filosofia em Sócrates. “Ao interpretar o cenário das *paideias* sofística e socrática, Platão reflete, repensa, explicita e elabora sua filosofia da educação e, portanto, a figura emblemática de Sócrates para ser o próprio Platão.” (OLIVEIRA, 2015, p. 103)

A morte de Sócrates²³ estabelece um novo sentido ao pensamento de Platão na perspectiva de pensar uma pólis essencialmente justa. Este ensina aos discípulos a política, a justiça e a ética. É possível que o fundamento da filosofia platônica seja a morte de Sócrates – fruto da corrupção da própria pólis. Sua morte estava ligada diretamente a questões políticas.

²² Ressalta-se aqui que discorreremos para o entendimento do leitor sobre uma ontologia de base idealista. Nossos estudos se encontram ancorados numa ontologia de base materialista.

²³ Ao ser condenado por corromper os jovens, Sócrates enfrenta a morte serenamente. A filosofia socrática centraliza na figura do homem, da formação humana.

O programa educativo de Platão propõe atuar contra a corrupção da *pólis*, uma formação filosófica que superasse a superficialidade estruturada para a ideia do bem. Para além do mundo ideal platônico, vê-se no filósofo um indivíduo com preocupações que refletem o mundo cotidiano.

Platão fundou uma instituição de ensino. A academia de Platão era uma espécie de escola de governo e administração pública. Uma “proposta educativa” na qual desenvolveu suas maiores ideias. *A República de Platão* foi a maior obra desse desenvolvimento.

O projeto educativo platônico está centrado em duas dimensões: a primeira dimensão está ligado as ideias de Sócrates – a formação individual, isto é, a educação e a instrução do ponto de vista do indivíduo. A segunda dimensão se volta para o campo político – aqui, é possível perceber que as questões se voltam para a vida social desses indivíduos, portanto está vinculada aos problemas formativos dos indivíduos vivendo na *pólis*. Platão nos ensina a olhar a realidade de um novo jeito. Em sua filosofia da educação, independentemente de seu viés idealista, aproxima-se intensamente do chão da educação e da política da *pólis*. (OLIVEIRA, 2015, p. 110 e p.111)

Quando Platão traça um projeto educativo que objetiva intervir nos costumes e tradições de Atenas, tratando da natureza do governante da *pólis* e da divisão social do trabalho.

No vértice de sua sociedade, se concentra a primeira e mais importante classe da *pólis*, a dos homens livres, ou seja, os proprietários de terra, donos da fortuna e donos do poder. É a classe dos governantes, podemos assim dizer – uma pequena elite, poucas pessoas, os mais afortunados. Essa classe não está aberta a todos os cidadãos livres, mas somente aos escolhidos – os guardiões. Contudo, entre eles temos, ainda, que distinguir entre aqueles que deverão mandar e aqueles que deverão obedecer. [...] Abaixo do classe dos governantes, está a dos guerreiros. [...] Visas formar o guarda perfeito, pois é dele quem dependerá a paz e a unidade da *pólis*. [...] a terceira classe, a dos produtores, basicamente formada por camponeses, artesão e comerciantes. A essa lhe é reservada apenas um ensino basicamente técnico; não é necessária educação especial. Assim, a grande massa da população ficava sem nada, sem educação, sem instrução. [...] Portanto, em Platão, para a classe governante, temos uma escola, cuja prática formativa consiste em instruir o cidadão grego para exercer o poder, para a política, isto é, para o dizer, na verdade, para governar. (OLIVEIRA, 2015, p. 112 à p.114)

A verdadeira educação existia para os homens livres e era movida pela necessidade de atender os interesses da classe dominante. Antagonicamente aos que apresentam um Platão exageradamente idealista, o mesmo fundamenta grande parte das normas e regras baseadas no poder da constituição. Platão se mostrou um homem da práxis. A práxis social ancorada no trabalho.

As relações sociais se concretizam a partir dessa troca contínua do homem com a natureza e consigo mesmo, e que somente o ser social consegue ter uma relação com o mundo mediada pela consciência.

É através da sua própria ação que o homem objetiva a realidade – procura e dá respostas que possibilitam responder as suas necessidades. O trabalho surge como solução a uma necessidade gerando a complexificação da atividade humana. É na reprodução social que,

[...] evidencia-se em todos os momentos que a prioridade ontológica é atribuída às forças motrizes essencialmente sociais e não se assemelham às forças motrizes da realidade natural, circunscritas às determinações biológicas. [...] No ser social, todas as funções e determinações biológicas são subsumidas, são replasmadas no devenir homem do homem. Esse processo é impulsionado pelo trabalho e pela capacidade que lhe é inerente de produzir sempre mais do que é necessário para a reprodução do seu produtor. (LIMA, 2009, p.57)

Somente o homem é capaz de introduzir na história um novo objeto e interferir nas relações sociais. O trabalho do ponto de vista ontológico possibilita um diálogo objetivo com a natureza. Ele é a categoria que funda o ser social e cria a possibilidade do indivíduo determinar sua própria história. Lessa (2013, p.65) nos lembra que, para Lukács, “a história do ser social consubstancia um processo pelo qual os pequenos grupos e tribos primitivas vão se articulando em formações sociais cada vez mais complexas e abrangentes.”

As relações sociais ficam mais intensas à medida que surgem novas objetivações. A vida dos homens naturalmente fica mais entrelaçada. Nesse sentido o ser social se sobrepõe às demais esferas do ser.

Tomamos cada vez mais consciência do que somos, das leis que regem o nosso desenvolvimento, reconhecemo-nos coletivamente na nossa própria história. Isso significa dizer que o ser humano desenvolve também sua autoconsciência, o seu ser-para-si. [...] O devir-humano dos homens se consubstancia na constituição, historicamente determinada, de um gênero humano cada vez mais socialmente articulado e portador de uma consciência crescentemente genérica. (LESSA, 2016, p. 68)

O ser é uma categoria cujo caráter de totalidade não se consegue e nem se pode eliminar, pois tudo que existe o faz no interior com toda sua plenitude. O ser social apenas pode existir tendo por base as esferas ontológicas articuladas à natureza. Acrescenta o filósofo húngaro,

O sentido é socialmente construído pelo homem e para o homem, para si e para seus semelhantes; na natureza é uma categoria que não existe de modo algum, portanto nem sequer como negação de sentido. Vida, nascimento, morte estão, enquanto fenômenos da vida natural, livres de sentido, não são nem significativos nem

insignificantes. Só na medida em que o homem, em sociedade, procura um sentido para a sua própria vida e essa aspiração fracassa surge também o seu oposto, o sem sentido. (LUKÁCS, 2013, p.133)

Na ontologia lukacsiana, o ato do trabalho deve ser pensado de forma correta para tornar-se objetivo, para que na objetivação o caráter teleológico possa se estabelecer a busca dos meios para que haja um domínio dos fins. É assim a predominância da consciência sobre o instintivo, a fim de não atrapalhar o desenvolvimento de uma visão objetiva. Nesse sentido é que a vida do homem é determinada pelas ações sociais.

2.2 PRESSUPOSTOS MARXIANOS DA EDUCAÇÃO

Buscando entendimento da categoria educação numa perspectiva ontológica, faz-se necessário abrir caminho para apreender como Marx e Engels transpassaram pela questão do ensino a partir do mundo do trabalho, frente ao contexto da sociedade de produção capitalista e como pensaram a educação para a classe trabalhadora, a partir das situações concretas sobre as quais elas se manifestam.

O pensamento marxiano trata das contradições da educação contemporânea; Uma educação que objetiva superar lógica do capital consolidado nas diferentes relações sociais.

A educação articulada ao *modo de produção capitalista* expressa as contradições da burguesia e do proletariado. Para analisar a educação no modo de produção capitalista sobre o prisma marxiano deve-se considerar o abismo existente entre a educação burguesa e o proletariado e o projeto de educação destinado ao proletariado. (LOMBARDI, 2010)

Marx e Engels criticam os limites do materialismo na perspectiva inglesa e francesa – suas contradições e como o materialismo histórico dialético caminham na contramão da pedagogia burguesa. Enquanto os idealistas utópicos – embora tenham dados os primeiros passos sobre a teoria social – acreditavam que o futuro dependia das virtudes do homem, Marx e Engels estavam convictos de que o futuro dependia da própria história, da própria realidade, na relação dialética do homem com a natureza e consigo mesmo.

Ao adentrar ao papel histórico do proletariado, Marx e Engels ressaltam a importância da consciência operária frente às contradições do capital. Suchodolski (1976, p.42) ressalta a importância dos escritos de marxistas para o campo da educação,

A Sagrada Família tem muita importância para a pedagogia, especialmente por formular de um modo muito mais claro, nunca realizado até então, os fundamentos do materialismo histórico. [...] Marx sublinha a exactidão da tese que supões que ideias provêm dos interesses, concretamente dos interesses históricos de classes. [...]

ilustra esta tese com exemplos históricos e a chega à conclusão de actualmente a história propõe ao proletariado a tarefa de lutar pelos seus próprios interesses que são simultaneamente os de todos os oprimidos e formam a base de autênticas ideias humanas e não burgueses. (SUCHODOLSKI, 1976, p. 42)

Olhar para Marx pelo viés pedagógico permite-nos aclarar o entendimento da importância dos movimentos de luta de classe. Ao apropriar-se de seus escritos, é possível identificar que a alienação é um produto objetivo do capital e somente a luta da classe trabalhadora poderá criar as condições necessárias para a superação do seu caráter opressor.

A verdadeira educação deve ter como base a participação do indivíduo no movimento do progresso histórico e não apenas nas divergências ideológicas. Por isso, a teoria pedagógica deve estar isenta de qualquer posição idealista, de qualquer individualismo a propósito da ação histórica das massas. (SUCHODOLSKI, 1976, p. 43 e p. 44).

Marx concebe o desenvolvimento humano como algo histórico do ponto de vista da produção. A questão central para os pressupostos marxianos para a educação dar-se-á pela relação dialética do homem, natureza e ação humana.

Os pressupostos marxianos para o conhecimento ontológico do ser social que consistem em entender o papel da práxis na sua totalidade estabelecem que,

[...] o ser social é uma esfera da realidade na qual a práxis cumpre o papel de *conditio sine qua non* na conservação e no movimento das objetividades, em sua reprodução e em seu desenvolvimento. E, em virtude dessa função singular na estrutura e na dinâmica do ser social, a práxis é também subjetiva e gnosiologicamente o critério decisivo de todo o conhecimento correto. (LUKÁCS, 2012, p. 28)

Para romper a com a lógica da educação burguesa, faz-se necessário que se comece a pensar uma educação que engendre a gênese do novo sistema, em que se possa formar a *omnilateralidade* necessária à sociedade pós-revolução, antagônica aos interesses capitalistas ao qual o “[...] valor de uso da força de trabalho se converte no fundamento de todo o sistema [...] de sua capacidade de produzir mais que o necessário para a sua reprodução.” (LUKÁCS, 2013, p.160 e p.167).

Ao tratar dos problemas de ordem pedagógica na obra de Marx e Engels, faz-se importante a compreensão que o ponto central da pedagogia marxiana foi o seu caráter revolucionário. Os filósofos foram implacáveis nas críticas ao estado absolutista e à intelectualidade burguesa alemã. Discutiram sobre a problemática do pensamento filosófico frente às possibilidades de transformação da sociedade e a exploração burguesa a fim de superar um mundo ideologicamente abstrato.

Compreender o conceito de ideologia do ponto de vista especulativo sob o olhar da perspectiva crítica marxista é permitir-se ao entendimento de que esta caracteriza “um conjunto de concepções que simula a realidade, uma mescla de concepções, em cuja quimera se encontra uma origem de classe histórica e que desempenha um papel ao serviço de alguns interesses de classe.” (SUCHODOLSKI, 1976, p. 46)

Os escritos de Marx demonstram como ele foi muito duro com os filósofos que conduziram a luta contra a forma consciente de ideologia. Aqueles que elencaram todas as questões ideológicas para uma total abstração – distanciando das questões das possibilidades de transformação da consciência do homem, apegando-se a um tipo de realidade ilusória que caminha na contramão das questões cotidianas.

Na Ideologia Alemã, Marx e Engels aclaram a categoria da consciência – a possibilidade do homem encontrar-se consigo mesmo e transformar a realidade:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começaram a diferenciar-se dos animais tão logo começaram a produzir seus meios de vida. [...] Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. (MARX, 2009, p.24)

É possível que os filósofos idealistas não tenham entendido que as ideias seculares se tornaram ultrapassadas ao longo da história. A análise marxista traz os fundamentos do ponto de vista material que são aferidos a partir da experiência humana. Toda e qualquer forma de ideologia é produto de relações concretas. A ideologia se apresenta como uma problemática que se encontra para além da filosofia. É uma questão de história.

A análise e a crítica da ideologia exigem, pois, uma análise científica da evolução histórica real, uma investigação das etapas desta evolução, uma referência as novas forças que modificam a ordem dominante e com ela a ideologia predominante. [...] A crítica da ideologia compreende, segundo Marx, tanto o campo filosófico, no qual os filósofos supõem poder derrubar ou suprimir os anteriores erros e quimeras do espírito humano através dos seus sistemas, como o campo histórico e prático para elucidar a genealogia social e os produtos ideológicos, como também a atividade concreta, material e social que modifica a própria realidade, as condições de vida sociais dos homens e com ela também o seu sistema ideológico. (SUCHODOLSKI, 1976, p. 48)

A ideologia deslocada da realidade toma como reflexo apenas a própria realidade suprimindo o entendimento da totalidade. Afasta do indivíduo a possibilidade de uma compreensão verdadeira da realidade constituída pelo mundo dos homens. Somente com a ação revolucionária do proletariado poder-se-á criar possibilidades de superação da ordem ideológica burguesa com o fim da sociedade de classes.

As classes dominantes sempre defenderam a concepção de seu próprio papel – a ideologia sempre representou um interesse de classe e mesmo se apresentando de forma subjetiva nunca perdeu o caráter da objetividade – seja de ordem religiosa ou política, há sempre um interesse de classe.

Os pensamentos da classe dominante – escreve Marx – são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, isto é, a classe que constituiu o poder *material* dominante da sociedade constituiu também o poder *intelectual* dominante. A classe que tem a sua disposição os meios para a produção material, dispõe simultaneamente dos meios de produção intelectual...Os pensamentos dominantes não são senão a expressão ideal das relações materiais dominantes compendiadas em pensamentos. (MARX *apud* SUCHODOLSKI, 1976, p. 53)

Nesse sentido, evidencia-se o espírito da sociedade classista em apresentar os “ideais” que estejam para além das classes e que sejam “úteis” a todos os cidadãos.

Especialmente quando o poder da classe dominante está ameaçado, os ideólogos esforçam-se por conseguir um caráter abstrato para os seus pensamentos e atingir sua autonomia. [...] ao apresentarem estes pensamentos como algo objetivo e independente, manejam-nos como algo acima das classes que mais possam decidir a favor da classe ameaçada. Ao considerar estes pensamentos como verdades e normas gerais, pode-se transformá-los em poderosas armas na luta contra as classes revolucionárias, numa arma que interdita os direitos morais do inimigo. (SUCHODOLSKI, 1976, p. 55)

É evidente também que o problema da ideologia atinge a questão da educação, uma vez que ela é um excelente mecanismo para propagar os interesses de uma classe que domina. E obviamente é natural que muitos profissionais da educação se empenhem nessa empreitada. A superação desse tipo de pedagogia “pode e deve alcançar-se considerando o verdadeiro movimento revolucionário que modifica as condições de vida e trabalho, e com ele também os próprios homens.” (SUCHODOLSKI, 1976, p. 56)

A educação na sociedade burguesa adapta-se aos filhos da classe dominante garantindo vantagens e privilégios. A educação da classe trabalhadora exige um tipo de consciência – ou pelo menos deveria exigir – com base na ação revolucionária.

Marx ressalta que o comunismo “[...] não é para nós um estado que deva atingir-se, um *ideal* a que a realidade deva adaptar-se. Chamamos comunismo ao movimento real que suprime estado atual. As condições desse movimento deduzem-se das premissas atualmente existentes.” (SUCHODOLSKI, 1976, p. 56)

Nesse sentido a educação deve se encontrar ligada à práxis revolucionária, muito mais importante que uma educação imaculada é a capacidade de conhecer com profundidade

o mundo que nos cerca. Apenas a práxis social e não a atividade de consciência em si transforma o cotidiano.

Frente ao contexto social de exploração da classe trabalhadora há a necessidade de romper com a ideologia burguesa que oprime a massa operária. O homem em sua essência tem a necessidade de se apropriar da própria história a fim de compreender mundo que o cerca e esboçar um ponto de partida capaz de encontrar um novo mundo.

A crítica à ordem social constituída e a sua classe dominante, a convicção de que a tarefa do pensamento humano consiste em desmascarar o mundo burguês e cooperar com a revolução que se anuncia e devolve a dignidade humana, tudo isto representa uma parte a luta política de Marx. (SUCHODOLSKI, 1976, p. 21)

Marx observou o mundo a partir das relações sociais procurando sempre não se submeter aos ideais humanos. Os problemas da educação são históricos e para melhor entendimento necessitam ser compreendidos a partir das relações sociais.

A práxis revolucionária cria a possibilidade da emancipação. No livro *Educação contra o capital*, Tonet (2016, p. 181) afirma que as atividades educativas emancipadoras “são todas aquelas que contribuem para que as pessoas tenham acesso ao que há de mais elevado no patrimônio cognitivo, artístico e tecnológico de que a humanidade dispõe, hoje”. E para ratificar o caráter emancipador ela deve apresentar as seguintes características:

Em primeiro lugar, são atividades que contribuem para que as pessoas compreendam o processo histórico, desde as suas origens e fundamentos até os dias atuais. [...] são atividades educativas que permitem a compreensão da origem e da natureza da sociabilidade capitalista, da lógica da produção do capital, das contradições e das classes sociais típicas da sociedade burguesa, da alienação que a caracteriza, da natureza e das consequências da atual crise do capital e da possibilidade e necessidade da total superação desta forma de sociabilidade. [...] permitem compreender os fundamentos, a natureza e a possibilidade real de construção de uma sociedade comunista. [...] permitem compreender a natureza específica da educação, a função social que ela cumpre, as suas possibilidades e seus limites (TONET, 2016, p. 182 a p.184)

As atividades educativas emancipadoras não se apresentam como uma condição, mas como um conjunto de afazeres que possibilitam a construção de um novo tipo de sociabilidade. A sociabilidade é constituída da reprodução social – a própria complexificação do ser social.

O estudo do pensamento dos educadores soviéticos na atualidade articulados ao pensamento marxiano nos ajudam a compreender a relação teoria e prática que engendram um movimento revolucionário.

Embora as ideias dos educadores socialistas tenham representando muito ao longo do século XX, não conseguiu transformar efetivamente a vida da classe trabalhadora uma vez que propunha a superação da ordem burguesa.

A base da formação educacional soviética era que cada estudante devia se tornar lutador e construtor da sociedade. A escola é que deveria oferecer a possibilidade de os estudantes desenvolverem este papel, pois era sua obrigação esclarecer-lhes pelo o quê e contra o quê precisam lutar. A partir disso, eram tomadas as conclusões sobre o conceito da educação, os métodos e preparação para a prática, o lugar do estudante na vida. (FERREIRA, 2014)

Na ideologia alemã, Marx aponta o trabalho como categoria que funda a própria existência humana, – traz para o debate problemas da teoria educativa. Discorre sobre a educação na sociedade de classes que tem como fortes armas as questões de ordem ideológica, ilusória a fim de manter a própria classe, carregada de uma crítica intelectual abstrata ancorada na superficialidade e que se limita a questões puramente filosóficas – e a educação na sociedade socialista como o olhar crítico para o mundo real que tem como grande arma a superação da ordem capitalista através da massa operária. Nesse sentido, para além das questões filosóficas, há necessidade do movimento revolucionário.

Uma revolução, todavia, não se produz espontaneamente. Exige uma ação consciente dos homens debaixo das relações burguesas. Mas não há dúvidas que a participação na ação revolucionária constituiu o único método que pode destruir realmente os fundamentos educativos na sociedade de classes, ao superar a ordem burguesa de classes e com ela eliminar os fundamentos das ‘ilusões pedagógicas’, os fundamentos da ideologia pedagógica. (SUCHODOLSKI, 1976, p. 59)

Marx tece uma crítica radical às concepções ideológicas e especialmente aos idealistas hegelianos que, numa perspectiva de caráter metafísico, passam a analisar a história do homem. A crítica à ideologia também é uma análise da consciência individual e coletiva do homem, o ser consciente que dialoga direto com o cotidiano. A educação só poderá criar possibilidades emancipadoras ao ser social, caso consiga oferecer um outro tipo de consciência aos indivíduos. A realidade não é uma questão ideológica, ela representa o mundo material. Por isso os professores também devem se encontrar agregados num movimento capaz de conduzir a emancipação.

A consciência humana deve se encontrar ligada à vida material do homem, uma relação dialética do homem com a natureza. A consciência não se desenvolve por si – ela é desenvolvida a partir das etapas evolutivas da humanidade. Ela deve possibilitar,

[...] o homem a jogar, não segundo o que ele pensa de si próprio, mas segundo o que é realmente a sua própria vida. Isso leva a pedagogia a realizar investigações objetivas das condições de vida social dos homens, a investigar os processos de transformação destas relações através da atividade coletiva dos homens e somente em relação a isto formular a questão da transformação do homem. (MARX *apud* SUCHODOLSKI, 1976, p. 56)

Para Marx a realidade encontra-se na razão. O fundamento importante aqui é a realidade social enquanto critério último do ser. O ser é movimento no campo das contradições – diferente de Hegel não se trata do movimento no campo do espírito, mas no campo da realidade. Marx não admite a existência de nenhum Deus. Pelo contrário, leva em conta a função prático-social de determinadas formas de consciência no plano ontológico geral.

3 DA ERA DOS CZARES À REVOLUÇÃO SOCIALISTA: O CENÁRIO DE NASCIMENTO DA INTELLECTUAL ORGÂNICA

Neste capítulo, tencionamos explicitar as relações do homem no processo de alienação e como elas revelam as pendências econômicas da educação a serviço do capital. Tomamos como base o contexto histórico do período czarista, bem como os eventos que abriram caminho para um dos mais emblemáticos episódios da história: a revolução russa.

Iniciamos o capítulo, retomando, ainda que sem exames mais aprofundados, a forma como a Rússia atravessou uma história de fome e miséria. Dentro das nossas limitações, apresentamos os desdobramentos que levaram o povo russo da vida opressora a revolução de outubro.

Ressalta-se na escrita que aquilo que principia o pensamento de Marx é entendimento do processo da totalidade tomando o trabalho como categoria de sua ontologia. Assim, trouxemos ainda um apanhado das revolucionárias e revolucionários da história da Rússia, isso se faz importante para abrir caminho e arar o terreno necessário para fomentar as discussões.

Oportunamente, apresentamos Krupskaya, líder bolchevique, pensadora que estava para além das teorias, que sempre procurou manter-se ligada à classe trabalhadora, organizando, ensinando e conduzindo o campesinato e o operariado a uma nova visão de mundo, um outro tipo de sociabilidade.

3.1 O DOMÍNIO DOS CZARES

Há quem diga que a Rússia não estava preparada para a revolução. Concepção esta influenciada pelo liberalismo russo burguês abrigada na ala oportunista dos mencheviques. Por outro lado, se o país estabeleceu uma ditadura do proletariado foi um erro da ala radical do movimento russo bolchevique. É importante levar em consideração sim, que a experiência comunista na Rússia não foi vivida na sua essência e que, para Marx “a essência da revolução proletária não é a tomada e nem o exercício do poder político, mas a mudança

radical na forma do trabalho, isto é, a eliminação do trabalho assalariado e a substituição pelo trabalho associado²⁴.” (TONET, 2018, p.n.p)

O objetivo da classe trabalhadora é a emancipação humana alicerçada na forma mais livre possível de trabalho. É enganoso conceber algum tipo de humanização no capital – assim como não se pode pensar o socialismo pela metade independentemente da posição que ela ocupa, a classe operária é a pedra angular no processo revolucionário.

Desta feita, o desenrolar da Revolução Russa não pode ser atribuído somente à imaturidade da daquele país. Precisa em verdade, ser levado em conta a participação do proletariado alemão – na verdade, a não participação – decerto que se esperava que este também fizesse a sua revolução. O destino da revolução dependia também dos acontecimentos internacionais e diante de condições tão abruptas nenhum tipo de revolução seria capaz de conduzir a Rússia ao socialismo. (LUXEMBURGO, 2017)

Tomando como base esta compreensão, discorreremos sobre os desdobramentos da Revolução Russa a fim de compreender a importância de uma ação internacional coletiva de conflagração como condição fundamental para efetivação do processo revolucionário.

A revolução na Rússia – fruto do desenvolvimento internacional e da questão agrária – não pode ser resolvida nos limites da sociedade burguesa.
[...] De fato, seria loucura imaginar que o primeiro experimento histórico mundial de ditadura da classe operária, realizado nas mais difíceis condições – em plena conflagração mundial e em pleno caos provocado pelo genocídio imperialista, preso na armadilha de ferro da potência militar mais reacionária da Europa, em face da completa omissão do proletariado internacional –, que num experimento de ditadura operária em condições tão anormais, tudo o que se fez ou se deixou de fazer na Rússia alcançasse o cúmulo da perfeição. (LUXEMBURGO, 2017, p.26 e 28).

Muito do que aconteceu se encontrava inacessível, trancado atrás das verdades oficiais. Informações e documentos vão surgindo e sendo traduzidos para outros idiomas e isto, certamente, transformará a historiografia russa. Embora as maiores indagações não sejam sobre o que aconteceu, mas o que poderia ter acontecido levando em consideração os ideais capitalistas ou socialistas.

Para compreendermos minimamente a Revolução Russa, faz-se necessário entender a sua história, adentrar as suas estruturas. É compreender como homens e mulheres transformaram não apenas a história do próprio país, mas como suas ações influenciaram o cenário da história mundial. “A Revolução Russa tem realmente duas histórias entrelaçadas: seu impacto sobre a Rússia e seu impacto sobre o mundo.” (HOBSBAWN, 1998)

²⁴Ao discorrer sobre trabalho associado, Tonet, no artigo Contra o reformismo e o politicismo explicita que o a trabalho associado não é aquele desenvolvido em cooperativas. É o trabalho consciente e coletivo onde os trabalhadores tem todas as possibilidades sobre o processo de produção.

O que conhecemos como Rússia nasceu por volta do século IX, quando o povo começou a se reunir em volta de um clã, o Rus' de Kiev²⁵.

A origem da Rússia se dá na Ucrânia, em torno da região de sua capital Kiev. No século IX se formou o chamado Estado Kievano ou Rus', que amalgamava os eslavos orientais daquela região. [...] era uma confederação solta de cidades-Estado governada por nobres vassalos do Grande Príncipe de Kiev. (SEGRILLO, 2015, p.99).

Herdeiros da cultura e religião bizantinas construíram novas cidades e uma desta chamou-se Moscou – um forte de madeira ao lado do rio Moskva – fundada oficialmente em 1147 e seus membros ficaram conhecidos como Russos.

Por muito tempo as cidades russas foram alvo dos povos tártaros. E naturalmente essas invasões acabavam forçando a reconstrução das cidades. “A atitude dos tártaros em relação a Moscou ajudou a cidade a adquirir posição de destaque entre os povos eslavos orientais.” (LOYN, 1997, p.620).

Dos séculos XIII ao XV, a Rússia esteve sob o domínio dos mongóis. No início do século XIII, Gengis Khan conseguiu agregar o povo mongol obstinado a conquistar o mundo. “Ele e seus descendentes criaram simplesmente o maior império contíguo da história (33 milhões km²) e o segundo maior em geral (perdendo por pouco para o Império Britânico, com 33,7 milhões km²)”. (SEGRILLO, 2015, p.113).

A invasão da Rus' Kievana começou em 1237 e a conquista estava completa por volta de 1242. O domínio mongol sobre a Rússia duraria até o confronto do rio Ugra em 1480, no reinado de Ivan III, o Grande, quando os russos definitivamente derrotaram os mongóis e se libertaram. (SEGRILLO, 2015, p.116).

A ascensão de Moscou dar-se de fato a partir do século XIV, com a política de seus príncipes que, sob a proteção dos tártaros, anexavam cidades e cobravam impostos transformando tudo num grande estado.

No século XV, Ivan III²⁶, príncipe da Rússia, rompe o tratado de paz decidido a pôr um fim ao domínio tártaro. O novo czar começaria pelo casamento, escolhendo a princesa do Império Bizantino. Ordenou a construção de uma catedral para demonstrar que a Rússia era uma potência que jamais deveria ser esquecida. Depois de um pequeno tremor de terra que

²⁵ O clã que era da Ucrânia migrou para uma área onde montou um vilarejo chamado Novgorod, traduzindo para a língua portuguesa, Cidade Nova.

²⁶ Ivan III, o Grande, foi o grande príncipe de Moscou e o grande príncipe de toda a Rússia. Durante o seu reinado, o Estado russo ganhou independência dos tártaros mongóis. Ivan também fez de Moscou o centro do mundo russo expandindo consideravelmente suas fronteiras.

que fez ruir tal construção, Ivan III chamou Aristóteles Fioravanti, arquiteto italiano²⁷, para reerguer a obra que hoje é conhecida como Catedral da Assunção.

O resultado revolucionou a arquitetura russa. Com esse símbolo de poder, Ivan III sentiu-se pronto para desafiar os tártaros que, após meses de luta equilibrada, o exército russo expulsou os opressores que haviam dominado-os por quase três séculos. Quando morreu em 1505, Ivan III havia deixado uma Rússia independente triplicando as terras de Moscou, e claro, vale salientar que a Rússia ainda não era um império, uma vez que os tártaros ainda eram um problema²⁸.

Foi com Ivan IV²⁹, primeiro governante russo a oficialmente ser chamado de Czar – derivado russo de César, ou seja, um título imperial – a lançar a primeira ofensiva russa ao famoso sitio de Kazan, agosto de 1552, com um exército de quase 150 mil homens com táticas de guerra adaptadas das batalhas ocidentais. Em 1555, para comemorar a vitória, Ivan IV encomendou um monumento que seria o símbolo do império russo e hoje é conhecido como a catedral de São Basílio³⁰.

Iniciou a criação do Império Russo ao anexar regiões não tradicionalmente eslavas: ele começou a avançar para as terras mongóis ao cruzar o rio Volga e conquistar os canados de Kazan e Astrakhan, respectivamente em 1552 e 1556. [...] O epíteto “Terrível” lhe caiu bem. Ele utilizou métodos cruéis (repressões, torturas) contra seus inimigos e, num acesso de cólera, chegou a matar seu próprio filho. [...] Contudo, foi visto como herói nacional pelos soviéticos e vários historiadores russos nacionalistas por ter sido responsável pelo impulso definitivo de centralização do Estado moscovita que possibilitou o fortalecimento para a criação do império. (SEGRILLO, 2015, p.116 e p.117).

Ivan IV tornou-se um conquistador e a Rússia, um império, cujo reinado se estendeu de 1545 a 1584, – onde manteve prolongadas guerras contra a Suécia, Polônia e Lituânia para conseguir fixar-se nas costas do Mar Báltico, embora sem êxito. (MILHAZES, 2013)

Os crescentes punhos de ferro com que o czar governava corroía o próprio império, uma vez que entrara numa série de batalhas dispendiosas. Quando morreu em 1584, o império russo achava-se próximo da ruína. Depois de Ivan IV, veio uma década de

²⁷ Aristóteles Fioravanti, era um arquiteto e engenheiro italiano do período renascentista. Em 1475, ele foi a Moscou convidado pelo Grande Príncipe Ivan III e construiu no Kremlin de Moscou a Catedral da Dormição.

²⁸ A cidade de Kazan ainda dominada pelos tártaros ficava no caminho das conquistas da Rússia.

²⁹ Apelidado de Ivã (1530-1584), o terrível, alguns historiadores afirmam que ele havia tido uma adolescência desequilibrada uma vez que presenciou a morte do pai em luta pela sucessão, - atrocidades que marcariam Ivan em vida.

³⁰ A catedral de São Basílio foi construída com oito igrejas em volta de uma simbolizando os dias de sitio de Kazan erguida na praça vermelha em Moscou, Rússia.

perturbações – uma guerra civil, outra intervenção estrangeira – e a Rússia quase perdeu a independência.

O chamado Período das Desordens, personalizado por conta de muitas lutas sucessórias, foi extremamente conturbado e só terminaria com Miguel Romanov³¹ como Czar, – iniciando uma dinastia que duraria até a Revolução de 1917.

Um século após alcançar a independência, a Rússia achava-se à beira do desastre, entretanto, no final do século XVII um novo Czar subiu ao poder com um plano revolucionário para transformar a Rússia em um moderno império. Recordemos que, no século XVII enquanto na Europa Ocidental – especialmente na Inglaterra, a ideia era diminuir o poder estatal e religioso, paradoxalmente, a Rússia reforçava a influência do Estado e da religião ortodoxa. O cristianismo desde o século X havia formado uma relação estreita com a Rússia. Essa mesma Igreja é que no início do século XX se encontrava muito mais articulada e preparada do que a escola para enfrentar as questões de ordem ideológica.

Pedro I³² tinha o desejo de levar a Rússia do atraso medieval para a luz do comércio ocidental. Buscou estreitar as relações com o Ocidente – diante de um país geograficamente confuso, parte europeu, parte asiático. Fascinado pelas técnicas militares, possuía uma incansável disposição juvenil para colocar em prática suas ideias. Em 1697 realizou uma viagem à Europa com o objetivo de modernizar-se. No retorno desembarcou com muitos técnicos, artesãos e novos planos ambiciosos, estabelecendo um poder naval para competir como potência militar. Voltou-se para uma faixa de terra ao norte de Moscou, próximo ao mar Báltico, às margens do rio Neva inclinado a fundar São Petersburgo, uma cidade estratégica que poderia disponibilizar acesso marítimo direto à Europa. (SEGRILLO, 2015).

Em 1703 foi lançada a pedra fundamental da cidade, projetada para ser um centro militar naval. Seria a janela para o continente europeu por onde as ideias ocidentais inundariam todo o império russo. Estima-se que 25 mil operários tenham morrido construindo a cidade apelidada de “cidade dos ossos”. A sede de Pedro I em modernizar a Rússia a fim de tirá-la do atraso tinha um peso alto para os camponeses e solidificava o absolutismo czarista.

Em 1706 lançou o primeiro navio de guerra do estaleiro de São Petersburgo. Pedro I inicia um ousado e incessante processo em busca de expansão da Rússia objetivando

³¹ Miguel I (1596 –1645) foi o Czar da Rússia de 1613 até sua morte.

³² Conhecido como Pedro (1672-1725), O grande, desprezava as tradições e era um curioso por novidades, compreendia muito bem o atraso e as fragilidades da Rússia diante a Europa.

implementar características ocidentais – no início teve momentos folclóricos³³ -, “[...] Em 1707 dividiu a Rússia em oito regiões chamadas *guberniya* (dirigidas por governadores nomeados por ele), que se subdividiam em *provintsii* (províncias), por sua vez subdivididas em *uezdy* (distritos)”. (SEGRILLO, 2015, p.131).

Em 1712 atestou São Petersburgo como a capital da Rússia. Dois anos depois, a cidade ainda estava longe de ser um centro europeu como se esperava – atrapalhado por anos ostentação – e sem a mesma força juvenil, o projeto todo ameaçava ruir deixando a Rússia mais uma vez à beira do caos.

Embora, nesse período, a Rússia territorialmente já fosse um império, faltava-lhe algo fundamental para o fortalecimento das relações comerciais, o prestígio. No fim do reinado, Pedro I, transformara um país atrasado e pobre numa adiantada potência.

Pedro criou uma divisão, formando duas sociedades russas: de um lado, havia a educada e ocidentalizada nobreza e de outro, o povo russo, camponeses transformados em servos, que continuavam a ser explorados e viviam em condições de miséria e ignorância, formando, assim, uma contradição. [...] imbuído do ideal de uma grande Rússia, dinamizou a cultura instituindo escolas, como, por exemplo, a Escola de Navegação. Fundou também o primeiro jornal e as bases da Academia Russa, criada logo após seu falecimento. (SILVA, 2015, p.25 e p.26)

Com a morte de Pedro, o país se dividiu entre ocidentalistas³⁴ e eslavófilos.³⁵ Acentuava-se um conflito cultural, econômico, político e de identidade entre ocidente e oriente.

Na década de 1920, em especial entre um grupo de emigrados russos na Europa fugidos da revolução de 1917, surgiu uma terceira corrente alternativa: os eurasianistas. [...] Enfatizavam as raízes asiáticas da Rússia e diziam que a civilização russa era resultado de uma mistura, uma simbiose entre elementos europeus e asiáticos. (SEGRILLO, 2015, p.135)

Uma audaciosa alemã, esposa do neto³⁶ de Pedro, é quem completaria a transformação de São Petersburgo em fortaleza naval, capital dos czares e das noites brancas³⁷

³³ Como fixar “imposto da barba” para todos, com exceção dos camponeses e membros do clero.

³⁴ Defendiam a herança do imperador e acreditavam que a Rússia deveria seguir o desenvolvimento do tipo ocidental proposta por Pedro.

³⁵ Não consideravam a Rússia um país europeu ou asiático puro, e sim uma civilização única.

³⁶ Grão-duque Pedro Fedorovich ascendeu ao trono russo em janeiro de 1762 como Pedro III. Um golpe de estado tirou Pedro III do trono que morreria dias depois assassinado.

³⁷ A cidade recebe esse epíteto porque entre os meses de junho e julho ocorre um evento natural em que tona os dias mais longos, de modo que o sol começa a descer as dez da noite mas nunca se põe totalmente, e assim o pôr do sol dura o tempo suficiente até vir um novo amanhecer.

que hoje conhecemos. Catarina II³⁸ completou o processo de europeização que Pedro I havia iniciado no princípio do século XVIII. Introduziu muitas reformas – que em grande parte não contemplavam o povo – e utilizou muitas riquezas acumuladas em prol do florescimento, criou normas de arquitetura para construção de novas cidades, construiu 216 completas com planos de urbanização. “Catarina II é conhecida por ter sido uma déspota esclarecida, ou seja, uma monarca absolutista que tinha uma visão modernizadora e de elevação cultural segundo os preceitos do iluminismo europeu: correspondia-se com Voltaire, Diderot e Montesquieu.” (SEGRILLO, 2015, p.135 e p.136).

Suspeita de orquestrar um golpe para derrubar Pedro III do trono, Catarina II valorizava uma vida repleta de ostentações e muitos amantes. Sem demora converteu-se à religião ortodoxa e, ao contrário do marido, conseguiu estabelecer um diálogo de maior proximidade com a nobreza. Em seu reinado a opressão às massas camponesas estivera no seu extremo. “O resultado da carga enorme sobre o campesinato seria a mais gigantesca de todas as revoltas camponesas da história da Rússia: a rebelião do cossaco Emelian Pugatchev na região dos Urais e do Volga em 1773-1774, que prometia o fim da servidão.” (SEGRILLO, 2015, p.138).

Na ficção histórica do escritor russo Pushkin³⁹, considerado um dos maiores poetas russo de sua época, *A filha do Capitão*, datada de 1836, o artista revela a realidade da Rússia antiga, a relação de soberania entre senhores e servos. Conta a história de Andrei, jovem nobre da cidade de Simbirsk⁴⁰, por volta de 1770, a Rússia dos velhos czares, onde Catarina II era a soberana governa com a mão de ferro o vasto território russo. Em um dos trechos da obra, em que Pugatchev trata dos planos e façanhas realizadas em Orenburg⁴¹, o cossaco convida a todos para cantar uma canção:

*Não rumoreje, velha floresta amiga,
Não perturbe os meus cismares,
Pois amanhã serei inquirido
Por um juiz tremendo — o nosso próprio czar!
Já sei o que ele me vai perguntar: “Fale, fale, pobre filho de um mujique,
Quem foi seu companheiro de assaltos
E se eram muitos, fale!”
Confesso, aos vossos pés, humildemente,
Toda a verdade, grande czar e pai nosso.*

³⁸ Conhecida como Catarina (1729-1796), A grande, assumiu o trono em 1762, depois de depor o marido que fora imperador por meros seis meses. Se considerava herdeira legítima de Pedro e convergiu com o mesmo em transformar a Rússia em potência mundial.

³⁹ Alexander Sergueievitch Pushkin (1799-1837)

⁴⁰ Cidade da Rússia, localizada as margens do rio Volga. Fundada em 1648 e em 1924 passou a se chamar Ulianovsk em homenagem a Lênin.

⁴¹ Oranienburg é uma cidade de Brandemburgo, Alemanha.

*Sim, tive companheiros. Quatro eram.
 O primeiro era a imensa noite escura.
 O segundo, meu punhal de aço.
 O terceiro, o meu brioso corcel,
 E o quarto, meu arco retesado.
 Tive espíões também — minhas flechas de fogo.
 E o czar, nosso pai, então dirá:
 “Salve, ó valente filho de um mujique,
 Que tão bem roubou e respondeu!
 Por uma e outra coisa vou presentear-lo
 Com um belo castelo em campo aberto,
 Feito de dois postes e uma viga...”*

(PUSHKIN, 1981, p. 63)

Quase impossível mergulhar nessa canção sem admiração e espanto, uma canção popular cantada sobre a forca, entoada por homens que um dia poderão morrer se de alguma forma insurgirem contra as ordens supremas. Uma tristeza poética que inflamava os homens a seguir Pugatchev.

Catarina II tinha a compreensão e, acima disso, o desejo de criar um sistema nacional de educação na Rússia. Faz-se necessário elencar que o seu interesse era elevar o nível cultural da nobreza muito distante do restante da Europa para a época. Criou, inclusive, a Sociedade Imperial para Educação de meninos e meninas da nobreza.

A partir das tentativas em apregoar uma transformação cultural e educacional da nobreza russa, é em seu reinado que ocorre o aparecimento da *intelligentsia*⁴². Catarina II fundou a Universidade de Moscou e diversas escolas elementares e secundárias populares, além de colégios para professores e outras escolas superiores. (VICENTINO, 1995 *apud* SILVA, 2015, p. 26)

Uma parte desse grupo “apontará uma saída para o impasse que não é nem a aceitação da sociedade servil nem a perspectiva de reformas liberais dentro do sistema czarista, nem um niilismo sem perspectivas transformadoras: a revolução.” (SEGRILLO, 2015, p.140)

Aos poucos outros pensadores procuraram buscar reformas sociais mais explícitas. Enfim, parte da *intelligentsia* tornara-se, como a história demonstra, revolucionária, a exemplo de Lenin e Trotsky.

O projeto mais excêntrico de Catarina II foi a renovação da residência real, o Palácio de Inverno. A Czarina transformou São Petersburgo numa vitrine do Império Russo. No fim de seu reinado em 1796, a Rússia transformara-se numa superpotência. Seu neto Alexandre I subiu ao trono em 1801 com a Rússia sendo peça importante no cenário mundial.

⁴² Considerada como um extrato social fazia parte todos aqueles que tivessem educação universitária ou técnica que se dedicassem ao trabalho mental.

Vale lembrar a importância da academia francesa em estudar a Economia Política Clássica – em meados do século XVIII a início do século XIX – que tem como característica marcante explicar as categorias e instituições econômicas, dinheiro, capital, lucro entre outras, expostas por seus maiores expoentes Smith e Ricardo. Esse período compõe a transição para a nova ordem social e econômica perante a sociedade feudal ocidental. (NETTO, 2008)

O sucessor de Catarina II, Paulo I, embora tenha ficado por um período muito curto, teve seu governo marcado pela centralidade política e intransigência. “Quem ascendeu ao trono foi seu filho Alexandre I, que governou de 1801 a 1825. O novo czar deu fim à repressão de Paulo I quando libertou milhares de prisioneiros políticos e em 1803 determinou, de acordo com o novo sistema de educação pública, denominado Estatuto das Escolas, a existência de uma universidade em cada uma das seis regiões em que foi dividida a Rússia, e ainda uma escola secundária em cada província e uma primária para cada duas paróquias.” (VICENTINO, 1995 *apud* SILVA, 2015, p. 27)

No início do século XIX, Napoleão Bonaparte, que tinha praticamente toda Europa sob seu controle, empreendeu uma marcha rumo à Rússia como nunca se tinha visto, exceto no império romano. Invadiu a Rússia com mais de 500 mil soldados e os russos, percebendo que não podiam enfrentá-los, estrategicamente se retiraram, queimando tudo que ficava para trás, deixando os invasores sem alimentos e quando finalmente chegou a Moscou, Napoleão percebeu que tinha subestimado a vontade de aço do povo russo. O imperador Alexandre I ignorou Napoleão e esperou pacientemente o terrível inverno chegar e fez o imperador francês compreender que nada ganharia ficando em Moscou. Assim, o mais temido invasor do século XIX ordenou a retirada pela congelante paisagem que já havia enfrentado. O imbatível exército francês se reduziu a 50 mil homens.

Tólstói, no romance *Guerra e Paz*, descreve com riqueza de detalhes as agruras vividas pelo exército napoleônico no retorno a França.

[...]No entanto, em 1812, os Franceses obtêm a vitória em Moscovo, ocupam a cidade, e o certo é que, sem novas batalhas, não é a Rússia que deixa de existir, mas, em primeiro lugar, esse imenso exército de seiscentos mil homens e depois a própria França de Napoleão. [...] O período da campanha de 1812 que vai de Borodino à expulsão dos Franceses não só demonstrou que uma batalha vitoriosa não é só por si razão suficiente da conquista de um país, mas nem sequer disso é mesmo sintoma. Provou, pelo contrário, que a força que decide do destino dos povos nem está nos conquistadores, nem nos seus exércitos, nem mesmo nas batalhas que eles travam. Está em qualquer outra coisa. [...]A partir do incêndio de Smolensk principiou uma guerra a que se não pode aplicar qualquer das tradições guerreiras conhecidas até então. O incêndio das cidades e das aldeias, a retirada após as batalhas, o golpe de Borodino e a nova retirada, os acontecimentos de Moscovo, a caça aos merodistas, a captura dos transportes, as guerras dos partidários, tudo isto estava à margem das regras ordinárias e das tradições bélicas.

(TOLSTOI, 2009, p. 531 a 533)

[...]Ao atingirem Smolensk, para os soldados uma espécie de terra de promessa, matam-se uns aos outros pelo pão para a boca, assaltam os seus próprios armazéns e quando tudo se acaba continuam a sua rota. Todos caminhavam sem saber porque avançavam nem onde iam e ainda menos do que ninguém o sabia o próprio Napoleão, esse génio, ele que não recebia ordens de quem quer que fosse. [...] Já nada se executava, porque nada podia ser executado, e, apesar de todos os pomposos títulos que se davam uns aos outros, sentiam que não passavam de pobres e miseráveis criaturas, que muito mal haviam feito, e agora tinham de prestar contas. E, embora se fingissem interessados pelo destino do exército, só numa coisa pensavam, lá no seu íntimo: fugirem o mais depressa que pudessem e salvarem-se, se ainda fossem a tempo. [...] Os movimentos das tropas russas e francesas durante a retirada de Moscovo ao Niémen fazem lembrar o jogo da cabra-cega. E como se vendassem os olhos dos jogadores, e um deles, de tempos a tempos, tocasse numa sineta a desafiar o outro. De princípio, toca destemido, mas, quando se vê em posição desvantajosa, trata de fugir do parceiro em silêncio; e, no entanto, cai-lhe amiúde nas mãos.

(TOLSTOI, 2009, p. 580 a 581)

Em 1834, o sucessor de Alexandre I⁴³ instalou um monumento na praça principal de São Petersburgo, símbolo da devoção Russa, chamado Coluna de Alexandre. Mais uma vez um Czar forçou os russos a erigir um monumento colossal em honra ao império, processo que exigiu três anos e milhares de operários. Pesava 700 toneladas e 25 metros de altura e que hoje ainda se encontra em imenso pedestal com altura total de 48 metros.

O contexto econômico russo após meados do século XIX era abolir a servidão camponesa em troca da servidão econômica. Em 1861 Alexandre II liberta 40 milhões de camponeses da servidão, hipoteticamente essa libertação a partir da classe dominante é para não aguçar o sentido de libertação da massa campesina. Uma vez que a libertação camponesa não altera a estrutura fundiária, pois não há distribuição de terras. Ao final do século XIX à medida que a população russa passa por um crescimento significativo, a miséria vai se tornando generalizada.

Em 1864 é instituída a Associação Internacional dos Trabalhadores, no mesmo ano em que Marx e Engels publicam o Manifesto Comunista. À medida que Lenin vai compreendendo as obras de Marx e Engels, vai também ampliando o seu campo de visão acerca do mundo do trabalho, da sociedade capitalista e da necessidade da revolução.

⁴³ Nicolau I tem seu reinado marcado por grande expansão territorial em contrapartida foi um período de grande estagnação econômica.

feminina tinham frequentando algum tipo de alfabetização. O ensino público não chegava efetivamente ao campo onde as escolas se encontravam nas mãos dos latifundiários. As escolas primárias das áreas urbanas duravam no máximo três anos, recebiam uma forte influência da igreja que ortodoxa e por sua vez se limitava a leitura, a escrita e ao aprofundamento aos dogmas religiosos.

Na peça de Berthold Brecht (BRECHT, 1990, p.161-236 *apud* SILVA 37-39), *A mãe*, adaptada originalmente de um romance de Máximo Gorki de 1906, Brecht traça uma crítica à sociedade capitalista a partir uma situação ocorrida em sala de aula:

O Professor *diante de um quadro-negro* – Então, vocês querem aprender a ler. Na verdade não consigo compreender para que vocês precisam disso, na sua situação. E alguns de vocês estão, talvez, velhos demais para isso. Mas eu vou tentar, sra. Wlassowa, em atenção à senhora. Todos têm com que escrever? Então, vou escrever agora três palavras simples: Ramo. Peixe. Ninho. Repetindo: Ramo. Peixe. Ninho.

SIGORSKI – Para que essas palavras?

PELAGEA WLASSOWA *sentada com outros à mesa* – Por favor, Nikolai Iwanowitsch, precisam ser mesmo ramo, peixe e ninho? Nós já estamos velhos e precisamos, assim, aprender depressa as palavras que nos sejam úteis.

O PROFESSOR *sorri* – Olhem: tanto faz aprender com estas ou outras palavras.

PELAGEA WLASSOWA – como assim? Como se escreve, por exemplo, operário? Isso interessa ao nosso Sigorski.

SIGORSKI – Ramo não aparece nunca.

PELAGEA WLASSOWA – Mas aparecem as letras.

O OPERÁRIO – Mas em “luta de classe” também aparecem letras.

O PROFESSOR – Sei, mas vocês têm de começar pelo mais simples, e não direto com as palavras mais difíceis. “Ramo” é simples.

SIGORSKI – ‘Luta de classes’ é muito mais fácil.

O PROFESSOR – Mas não existe luta de classes nenhuma. É bom que isso fique claro de uma vez por todas.

SIGORSKI *levanta-se* – Então eu não tenho nada a aprender com o senhor, já que para o senhor não existe luta de classes!

PELAGEA WLASSOWA – Você precisa aprender a escrever. E isso você pode fazer aqui. Ler, isso é luta de classes!

O PROFESSOR – Acho isso tudo uma bobagem. O que vocês estão dizendo agora? Ler é luta de classes! Pra que tanta falação? *Escreve*. Portanto, isso significa: Operário. Copiem!

PELAGEA WLASSOWA – Ler é luta de classes, assim penso eu: se os soldados em Twer pudessem ter lido os nossos cartazes, talvez não tivessem atirado em nós. Eles eram filhos de camponeses.

O PROFESSOR – Olhem, eu sou professor e há dezoito anos que ensino a ler e escrever, mas devo lhes dizer uma coisa: no fundo tudo isso é absurdo. Livros são absurdos. Os homens se tornam sempre piores. Um simples camponês já é um homem melhor, simplesmente por não estar corrompido pela civilização.

PELAGEA WLASSOWA – E como se escreve então luta de classes? Pawel Sigorski, você precisa apoiar a mão com firmeza, senão você treme e a letra fica ilegível.

O PROFESSOR *escreve* – Luta de classes. *Para Sigorski* – O senhor precisa escrever numa linha certa e não sobre a margem. Quem escreve sobre a margem também transgredir as leis. Há gerações e gerações se vêm acumulando conhecimentos e escrevendo livros sobre livros. E a técnica avançou como nunca. E para que tudo isso?

Nunca a confusão foi tão grande. Devia-se atirar todos estes trastes no mar, onde ficassem bem no fundo, todos os livros e máquinas no Mar Negro. Resistam ao saber! Já estão prontos? Às vezes passo horas mergulhando em profunda melancolia. Então eu pergunto: os pensamentos verdadeiramente grandes, aqueles que superam o aqui

e o agora para abarcarem o sempre o eterno, o que a humanidade tem simplesmente de universal, têm algo a ver com a luta de classes?

SIGORSKI *resmungando* – Tais pensamentos não servem para nada. Enquanto mergulham em sua melancolia, nos exploram do mesmo Jeito.

PELAGEA WLASSOWA – Fica quieto, Pawel Sigorski! Por favor, e como se escreve exploração?

O PROFESSOR – Exploração! Isso só existe nos livros. Como se eu alguma vez houvesse explorado alguém! *Escreve*.

SIGORSKI – Ele só diz isso porque não ganha nada do saque.

PELAGEA WLASSOWA *para Sigorski* – O ‘o’ de ‘opressão’ é igual ao ‘o’ de ‘operário’.

O PROFESSOR – O saber não ajuda nada. A bondade ajuda.

PELAGEA WLASSOWA – Se você já não precisa do saber, passe-o para cá.
(BRECHT, 1990, p. 194-196).

A peça deixa claro como o campesinato estava à margem da sociedade – a falta de pão e terra tornavam a simples existência algo insuportável. O enfrentamento ao tzarismo aos poucos foi desenvolvendo um tipo de consciência – a consciência revolucionária.

Os acontecimentos de 1905⁴⁴ abriram caminho para as revoluções de fevereiro e outubro de 1917. Não restam dúvidas que sequelas da guerra russo-japonesa abalaram as estruturas do czarismo. Operários e camponeses se organizaram dispostos à derrubada do

⁴⁴ A história dos soviets na Revolução de 1905 dura apenas 50 dias. – tempo suficiente para abrir caminho à Revolução de 1917. “A substância do soviete consistiu no esforço de se tornar um *órgão de autoridade pública*. O proletariado por um lado e a imprensa reacionária de outro definiram o soviete como um “governo de trabalhadores”: isso não é senão o reflexo do fato que o soviete era na realidade, *um embrião do governo revolucionário*. [...] O soviete é uma organização do proletariado: sua meta final é lutar *pelo poder revolucionário*.” (TROSTSKI, 2005, p.203 e p.204)

trono – durante o período revolucionário o czarismo reforça as contradições e a burguesia ampliava seu poder. (TROTSKY, 1977)

Em 1914, o Czar mergulhou o país em outra guerra, I Guerra Mundial.⁴⁵ Essa por sua vez dizimou grande parte da população. Após séculos construindo um império à sua custa, o povo sentiu que chegava um ponto de estrangulamento, momento da ruptura. Era o colapso do regime czarista. Em 15 de março de 1917 eclodiu a revolta e Nicolau II foi deposto. Os 500 anos de poderes dos Czares ruíram por terra.

No romance *Doutor Jivago*, o escritor russo Boris Pasternak⁴⁶ apresenta como personagem principal o médico Yuri Jivago que cindi o seu amor entre duas mulheres. Tem como pano de fundo o panorama da Rússia revolucionária. Nele o romancista consegue retratar o drama vivido pelo povo russo naquele período,

[...] Existia o mundo dos subúrbios da cidade, o mundo das ferrovias e alojamentos de operários. Sujo, apertado, miserável; flagelação do homem no trabalho, profanação da mulher. Existia um atrevimento depravado risonho e impune nos filhinhos de papai, nos estudantes engomadinhos e nos filhos de comerciantes. Com brincadeiras ou explosões de irritação desdenhosa livravam-se das lágrimas e reclamações dos espoliados, humilhados, iludidos.

[...] O que uniu a época, o que compôs o século XIX numa mesma unidade histórica? O surgimento do pensamento socialista. Aconteciam revoluções, jovens abnegados subiam às barricadas. Os publicistas quebravam a cabeça sobre como refrear o despudor animal do dinheiro e elevar e defender as qualidades humanas. Veio o marxismo. Ele revelou a raiz do mal e onde estavam os meios de sobrepujá-lo. Tornou-se a grande força do século.

[...] Pois então, veja bem, todo este século XIX, com todas essas revoluções em Paris, algumas gerações de emigrações russas, iniciadas por Gertsen, todas as mortes de czares, inexequíveis ou executadas, todo o movimento operário do mundo, todo o marxismo nos parlamentos e nas universidades da Europa, todo esse novo sistema de ideias, com a novidade e a rapidez de suas conclusões, com suas malícias, toda a impiedade elaborada em nome da piedade, tudo isso misturado, Lenin absorveu e exprimiu resumidamente em tudo que realizou para que o castigo personificado desmoronasse sobre o velho, sobre tudo que realizou. Junto a ele, elevou-se uma imagem grandiosa e inesquecível da Rússia diante dos olhos do mundo inteiro que, de repente, ardeu como uma vela de redenção por toda falta de sorte e percalços da humanidade. (PARTERNAK, 2002, p.315 e 316)

Podemos pressupor que os bolcheviques estavam muito mais determinados em derrubar o poder do que tomá-lo a partir da articulação de uma grande coalizão com outros partidos socialistas. As revoltas foram antes de tudo contra a miséria herdada pela Primeira Guerra Mundial. As revoluções sociais rejeitavam o estado e as classes dominantes. A Revolução Russa estava predeterminada a acontecer a fim de erigir um país estagnado.

⁴⁵ Chamada de “Guerra das guerras” grandes potências se organizaram em duas alianças opostas: Reino Unido, França e Império Russo e os Império Alemão, Império Austro-húngaro e Império Otomano.

⁴⁶ Pasternak vem de uma família de artistas. Seu pai, conhecido pintor, ilustrara as obras de Lev Tolstoi. Sua mãe, pianista, estudara Chopin e os contemporâneos.

Antes dos soviets, os operários já se organizavam em massas populares. Na luta pela tomada de poder direcionaram todas as suas forças aos conflitos entre capitalistas e trabalhadores – uma consequência natural na luta pelas reivindicações. “O soviets é o primeiro poder democrático da história moderna da Rússia. É o poder organizado da massa sobre vários setores dela própria.” (TROTSKY, 2005, p.205)

O soviets era a base da força combativa, embora em sua organização não estivessem envolvidos todos os operários, acabavam influenciando os interesses da massa proletária.

O que caracteriza o Outubro de 1917 como revolucionário é o fato de que em sentido pleno, ele atingiu todos os setores da sociedade. É possível que a Revolução tenha sido um dos maiores golpes ao capitalismo do século XX. Uma afronta aos países imperialistas. A Revolução Bolchevique abriu caminho para uma nova experiência cultural, política e social na Rússia e inspirou o movimento proletariado pelo resto do mundo. (OYAMA, 2014)

Em 1917, as realizações do império seriam escritas por um novo regime determinado a melhorar a vida do mais humilde, mudando para sempre a história do império russo.

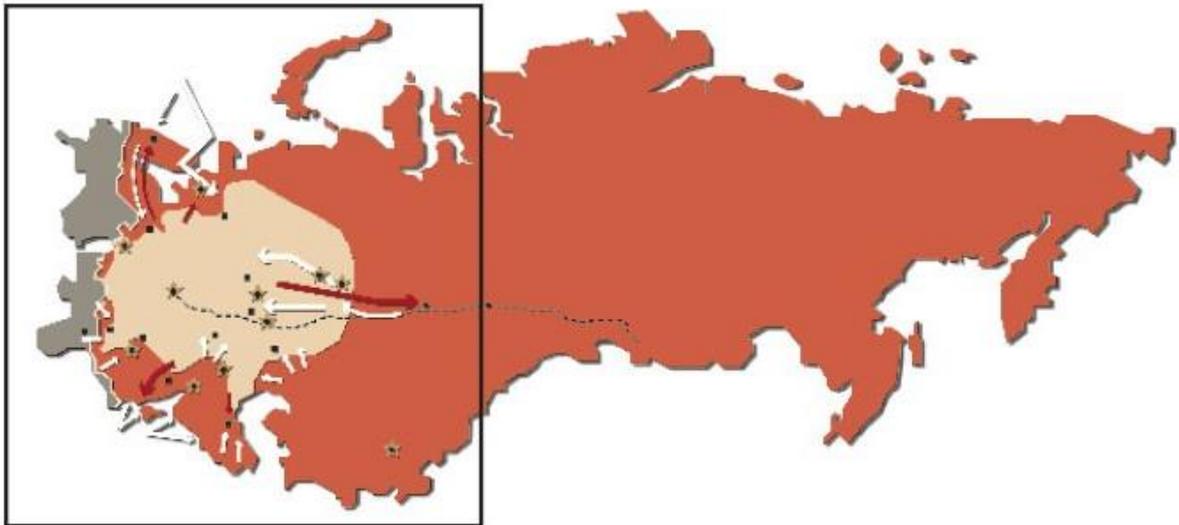
A Rússia ainda nos dois primeiros meses de 1917, era a monarquia dos Romanov. Oito meses mais tarde os bolcheviques apoderavam-se do leme, eles que, no princípio do ano, eram desconhecidos e cujos líderes, no momento mesmo do acesso ao poder, foram inculcados de alta traição. Não encontramos na História outro exemplo de reviravolta tão brusca, sobretudo se nos lembrarmos de que se trata de uma nação contando com 150 milhões de habitantes. Claro está que os acontecimentos de 1917 – sob qualquer prisma em que consideremos – merecem ser estudados. (Trotsky, 1977, p.10)

É assim que Trotsky inicia o prefácio da *História da Revolução Russa*, em que retoma a importância das massas no movimento revolucionário e como a intervenção direta destas corrobora para os novos acontecimentos da história. As transformações de uma sociedade são determinadas pelas lutas que classes travam entre si. De acordo com Goldman (2014, p. 98)

[...] Um historiador descreveu o período de 1914 a 1921 como um “terremoto demográfico”. Dezesesseis milhões morreram na guerra, na guerra civil, pela fome e por epidemias. [...] Famílias desmoronaram sob a pressão da sobrevivência e centenas de milhares de crianças acabaram órfãs ou abandonadas. No inverno de 1916-1917, os preços subiram pela metade, mas a renda das famílias caiu vertiginosamente à medida que mulheres e crianças substituíam os homens nas fábricas por uma fração dos salários. (GOLDMAN, 2014, p.98)

Com o fim da monarquia, a Revolução de Outubro de 1917 e o término da Primeira Grande Guerra em 1918, um conflito civil se instalou no país.

Figura 2 - Conflito civil



Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/10/revolucao-russa-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-periodo.html>

Figura 3 - Conflito civil 2



Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/10/revolucao-russa-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-periodo.html>

Em 1928 Stálin assume a liderança do partido e alavanca um rápido processo de industrialização – aos milhares, mulheres engrossavam a força de trabalho – uma aproximação produtivista do primeiro plano quinquenal. (JINKINGS, 2017).

Ao assumir, Stálin põe fim à Nova Política Econômica⁴⁷ criada por Lênin com o estabelecimento do plano. A década de 30 é marcada por um forte período de industrialização e da coletivização agrícola – A ideia é intensificar o processo de modernização do país, a ciência ganhando espaço, a busca de formar *O novo homem soviético*. Esse concatenado de ações geram um sentimento de modernização.

No entanto, a ascensão de Stálin ao poder desencadeia um enorme retrocesso, sendo recolocado no lugar do ensino politécnico, a formação voltada à profissionalização, acentuando novamente características de uma formação especializada.

As conquistas da revolução começaram a ruir, como por exemplo, o direito ao aborto e severas taxações ao divórcio. Retoma-se os dogmas da família, tudo caminhava na contramão dos ideais bolchevique. Contudo, Krupskaya nunca abandonou a luta da classe trabalhadora e pela emancipação das mulheres soviéticas.

A soberania stalinista significou um imenso passo atrás na ideia de formação omnilateral defendida nos primeiros anos da revolução. O recuo da politecnia para a especialização profissional foi o passo dado na educação soviética condizente com o processo de burocratização do estado promovido pelo stalinismo.

A nova constituição soviética de 1936 deveria, então, fixar as novas condições do país. Stalin anunciou que a URSS já tinha atingido o socialismo, pois não existia mais a propriedade privada nem classes exploradoras, o país tinha se industrializado e era governado por um Estado operário. (SEGRILLO, 2015, p.201).

Recuperemos ainda que o populismo dos regimes fascistas não se restringia ao território russo. Estadistas consolidavam-se na Europa – na copa de 1938, por exemplo, a Alemanha de Hitler joga com a suástica estampada nos uniformes e durante o hino realizaram saudação nazista. Ainda na mesma competição, os discípulos de Mussolini entraram de preto nas quartas final, cor do governo fascista italiano.

O stalinismo foi assinalado por um regime autoritário e personalista. Seus adversários⁴⁸ políticos foram perseguidos, criminalizados e condenados à morte. “Stálin lançou o *slogan* de “Acabar com o *Kulak* enquanto classe”. É claro que o *slogan* se referia ao

⁴⁷ Embora criticado, esse novo plano recuava com as ações centralizadoras do comunismo e acabava se alinhando ao sistema capitalista com algumas práticas empregadas, a presença do setor privado, por exemplo. Objetivava reaquecer a economia e, logo em seguida, ampliar o conjunto de ações socialistas.

⁴⁸ Os *Kulaks* que se recusavam a adentrar as cooperativas eram deportados, presos ou mesmo executados.

processo econômico de acabar com a existência da “classe” dos *kulaki* para equalização da situação dos camponeses.” (SEGRILLO, 2015, p.198)

O período stalinista também é marcado pelo assassinato de muitos revolucionários e seus parentes, o próprio Trotsky sofreu várias tentativas de assassinato, recebendo ataque fatal em 1940 com um golpe de picareta. Seu filho, Sergei Sedov, mesmo não possuindo envolvimento objetivo com as questões políticas foi assassinado em 1937.

Stalin, como secretário-geral abriu o partido para uma nova geração de membros, leais a ele. Com essa base sólida, organizou os chamados Grandes Processos ou Grandes Expurgos de 1935-1938 em que vários dos antigos bolcheviques foram reprimidos, muitos com a morte. (SEGRILLO, 2015, p.201).

Alexei Kapitonovich Gastev, revolucionário russo, ativista sindical, poeta e escritor, teórico da Organização Científica do Trabalho e chefe do Instituto Central do trabalho, foi preso em 1938 pelo Comissariado do Povo para Assuntos internos da União Soviética, em 15 de abril de 1939 foi fuzilado. Pavel Ya Pankevich (1895-1938), estudioso e professor, foi preso em 1937 e condenado à morte. Moisey Pistrak (1939) foi fuzilado. O poeta e educador Anton Makarenko que teve como *causa mortis* ataque cardíaco numa viagem de trem – já teve sua morte questionada. Sem contar o contingente de revolucionários que passaram uma vida no anonimato que tiveram mortes duvidosas. A própria Krupskaya, com a saúde já debilitada, mas que por ocasião seu aniversário,

[...] ganhou um bolo de Stálin e há grande especulação que esse “presente” teria acabado com sua vida envenenando-a. Oficialmente, Krupskaya teria morrido de apendicite, por isso esteve em agonia antes de sua morte. Os restos da educadora foram cremados e depositados ao lado do mausoléu de Lênin, no muro do Kremlin, na praça vermelha. (LODI, 2016, p.207 e p.208)

O período draconiano de intensa perseguição política, na verdade, durou praticamente toda a década de 30. Com Stalin no poder a perseguição política aos inimigos se tornara algo natural e cruel.

Nesse sentido, queiramos ou não, o nome de Stálin está ligado a um tipo de sociedade que se autodenominava socialista – embora convenhamos que um regime nesses moldes jamais poderia se chamar socialismo. Não há experiência num regime socialista que se apresente de forma tão brutal. Sem dúvidas, Stalin entra para a história como uma das pessoas mais radicais e violentas.

4 A MULHER DA PRÁXIS SOCIAL

No capítulo que segue se encontra o cerne desta pesquisa. Traz-se aqui vida e obra da revolucionária estudada, bem como a forma com que contribuiu para o movimento de emancipação da massa campesina e operária, e como a líder bolchevique se articulou para o desenvolvimento da educação naquele país.

Escrever sobre a vida e a obra de Krupskaya a partir de um olhar do mundo ocidental é uma tarefa desafiadora. É certo que há um tipo de reconhecimento da relevância histórica na educação russa, contudo a escassez de traduções e o fato de que muito de sua produção se encontra ainda no vernáculo, gera algumas dificuldades em concatenar as ideias de sua pedagogia.

Nesse sentido foi laborioso explicitar sobre as principais bandeiras defendidas por Krupskaya e como elas foram fundamentais no processo revolucionário: a questão da emancipação feminina e a educação da classe trabalhadora. Constata-se que, no campo da educação, Krupskaya foi fundamental ao tratar sobre o ensino para meninas e meninos, bem como suas grandes bandeiras de luta que foram a questão da alfabetização, escola única do trabalho e politécnica e a autogestão.

4.1. O MUNDO DA MULHER EDUCADORA E REVOLUCIONÁRIA

A história de vida da Krupskaya se confunde com a história da Revolução Russa. Do seu nascimento até a sua morte, pode-se dizer que foram os períodos mais efervescentes política e economicamente do império czarista, que culminaram no maior dos eventos do movimento revolucionário da classe da trabalhadora registrados na história.

Com o propósito de avivar a escrita, referenciamos um conjunto de documentos elaborados por Krupskaya a seus parentes, que contribuíram com as ações que culminaram com a Revolução de Outubro de 1917. Para isto, apresentamos um conjunto de *Cartas de Krupskaya* que marcam a transição do século XIX para o século XX. As correspondências relatam parte do cotidiano dos revolucionários o que nos leva a acreditar na possibilidade de se aproximar e dialogar com o pensamento da revolucionária, e como estes reverberam na sua pedagogia.

No período de exílio, Krupskaya e Lenin usaram muito desse mecanismo mesmo sob a vigilância do Estado para se comunicar. Veremos nos trechos dos documentos que mesmo com todas adversidades, sejam de natureza social ou política, Krupskaya sempre

procurou manter-se firme em sua ideologia e ao mesmo tempo demonstrava um sentimento de compaixão para com todos aqueles que faziam parte do seu cotidiano.

Para discorrer sobre parte da trajetória de Krupskaya, nada mais coerente para iniciar do que recorrer ao texto *La educación de la Juventude*, em que a revolucionária fala por ela mesma de sua vida.

Nadezhda Konstantinovna Krupskaya nasceu em 14 de fevereiro de 1869 em São Petersburgo. Oriunda de família nobre embora desprovida de recursos, seu pai era militar e sua mãe professora. Percebia as diferenças sociais através das lentes de seus pais que também não se conformavam com exploração do campesinato. Os pais de Krupskaya compartilhavam de ideais progressistas democráticos juntamente com grupos intelectuais revolucionários, o que possivelmente influenciou fortemente sua de visão mundo, levando-a a indignar-se com as diferenças sociais determinadas pela classe burguesa.

É provável que as primeiras inspirações tenham vindo do pai e foram ficando mais agudas à medida em que foi se aproximando do marxismo. No tempo em que conviveu com o pai viu a casa visitada por muitos revolucionários – Nihilistas⁴⁹, Populistas⁵⁰ e A vontade do povo⁵¹ – embora não tenha certeza de que o pai tenha sido um. (KRUPSKAYA,1978)

Aos oito anos foi morar em Kiev, período da guerra russo-turca (1877-78). Aos onze, esteve na província de Pskov⁵². Nesse período conheceu uma jovem professora chamada Alexandra Timoféievna, proprietária de uma vasta biblioteca em seu domicílio, que ensinava sobre diversos assuntos inclusive sobre o caráter de exploração dos proprietários de terra – não demorou muito para que Krupskaya entendesse como estes acumulavam em excesso. Àquela época já sentia simpatia pelos revolucionários, “[...] lembro-me vividamente da tarde de 01 de março de 1881 quando os *Naródnaia Volia* mataram o Czar Alexandre II⁵³, jogando uma bomba”. (Krupskaya, 1978, p. 3, tradução nossa).

⁴⁹ Sem um programa revolucionário bem definido, eram oposição ao regime de servidão e das ideologias burguesas.

⁵⁰ Composto por pequenos burgueses e camponeses russos eram adversários do marxismo.

⁵¹ Tida como uma organização terrorista russa criada por partidários da sociedade *Naródnaia Volia*, tinha um caráter mais radical na luta contra o regime czarista.

⁵² Uma das cidades mais antigas da Rússia, datada do início do século X.

⁵³ O imperador já havia sido alvo pele menos em cinco tentativas (em 1866 em São Petersburgo; em abril de 1879; em dezembro de 1879 com o grupo *A vontade do Povo*; em fevereiro de 1880 o grupo colocou uma bomba-relógio no palácio de inverno; em março de 1881 um jovem membro *A vontade do Povo* colocou explosivos embaixo da carruagem que para sua sorte era blindada e que não esperava que um segundo jovem estivesse aguardando com outra bomba o momento em que deixava a carruagem, dessa vez seria fatal.

Talvez por conta da juventude, Krupskaya tivesse o ingênuo entendimento que, após a morte do Czar, todos estariam livres. Na verdade, tudo agravara com os autores presos⁵⁴ e executados, e a vida social seria expropriada.

Krupskaya era uma leitora ávida. Sua mãe havia sido responsável pelas primeiras aproximações com as letras. Nos primeiros contatos com o Liceu questionava o tipo de educação ministrada e a forma como eram tratadas as meninas e os meninos. Ao aproximar-se das obras de Tólstoi permitiu-se atinar para o abismo que separa os ricos dos pobres, motivo pelo qual ligou-se mais ainda aos camponeses e operários sem perder consciência de que não era o suficiente para acabar com a questão da exploração. Influenciada pelo escritor russo, tomou como inspiração a experiência da escola libertária em *Yasnaya Polyana*⁵⁵ que se fundamentava no princípio da liberdade. (LODI, 2017)

A morte do pai, naturalmente aproximou-a mais da mãe com a qual desenvolveu uma relação muito afetuosa – com quem conviveu por grande parte da vida – que rapidamente compreendeu que deveria seguir em frente com sua jornada e que por sua vez simpatizava com as tendências revolucionárias da filha. Ainda muito jovem, Krupskaya demonstrou habilidade para o magistério. Aos 14 anos ministrava aulas particulares para ajudar a suprir as dificuldades financeiras enfrentadas pela família, uma vez que com a perda do pai, a genitora alugava quartos onde recebiam hóspedes.

Em 1886, aos 17 anos, concluiu o ensino secundário, começando a trabalhar como professora no ensino primário. Abandonou as aulas que ministrava no liceu no período noturno para se dedicar à educação dos operários. Identificada com a causa, abriu mão de todas as rendas enquanto professora para se engajar numa escola de operários.

Suas primeiras ações junto aos operários aconteceram através da educação, quando se dedicou a ensiná-los o conteúdo escolar, mas não se restringiu a isso. Junto ao conteúdo necessário, para integrar o sujeito à sociedade, despertava consciência através dos preceitos marxistas. (LODI, 2017, p. 79)

O tipo de educação destinada aos operários – quando tinham – se restringia a uma leitura e escrita rudimentar. Krupskaya compreendia a necessidade da práxis social para a classe trabalhadora.

Aos 20 anos teve acesso as obras de Marx, bem como a outras literaturas que tratavam das questões sociais. À medida em que estreitava os laços com o operariado

⁵⁴ Nikolai Kibalchich, filho de um pároco ortodoxo e tio do revolucionário Victor Serge, Sophia Perovskaya, Nikolai Rysakov, Timofei Mikhailov e Andrei Zhelyabov foram condenados à morte e enforcados em 3 de abril de 1881.

⁵⁵ Escola destinada aos filhos dos camponeses.

aumentava a certeza que o pensamento do filósofo alemão convergia com as suas convicções, pela capacidade de análise do mundo real ao considerar diversos aspectos da sociedade para compreensão do mundo capitalista.

Krupskaya ensinou aos trabalhadores e aprendeu com eles. O ensino despertou nela um novo tipo de consciência política. Assim como Tólstoi, Krupskaya teve a escola fechada, pois para os representantes do czarismo os operários aprendiam mais do que deviam.

Sorver a literatura marxiana possibilitou uma nova visão de mundo e ao mesmo tempo o entendimento de que apenas isto não bastava, pois desejava trabalhar e ser útil à causa da classe trabalhadora. Nesse sentido, afirma, “Compreendi apenas que o movimento revolucionário poderia mudar a vida e que para ser útil deveria entregar todas as forças à causa operária.” (KRUPSKAYA, 1978, p. 3, tradução nossa).

Em função da dificuldade de mulheres frequentarem universidades, acabou estudando por conta própria. Krupskaya chegou a frequentar o curso superior para mulheres de São Petersburgo, embora não tenha ficado por muito tempo por não se adequar a postura dos professores.

Leitora voraz de Marx e Engels⁵⁶, aliou-se de forma determinada à causa dos trabalhadores e camponeses, apropriando-se do marxismo como caminho para a transformação social. “Em 1890 entra para União da Luta pela Libertação da Classe operária, período em que conhece Lênin”. (SCHNEIDER, 2017, p.87)

Krupskaya estudou também os clássicos de Comenius, fundador da didática moderna, Rousseau, Pestalozzi, Ushinsky⁵⁷, Tólstoi e Dewey. Primeira estudiosa a levar para a Rússia as ideias de Bellers⁵⁸ e Owen⁵⁹. (SKATKIN, 1994)

É possível que umas das ações mais surpreendentes de Krupskaya no tocante à educação tenha sido a destreza em comparar a pedagogia dos países que ia conhecendo com a pedagogia de fundamento socialista – aprofundou seus conhecimentos nos sistemas educacionais aplicados nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e Suíça.

Estudou, inclusive no exílio, as concepções pedagógicas de Dewey e James, nos Estados Unidos, de Cecil Reddie, na Inglaterra, de Edmond Demolins, na França, e de Herman Liets, na Alemanha. [...] juntamente com o comissário Lunatchrski, criou um sistema única de ensino, garantindo o acesso universal à educação pública e gratuita. Os temas “trabalho educativo”, “métodos de ensino”, “organização da

⁵⁶ Lê inicialmente o primeiro tomo de *O Capital* o que ajuda-a abrir o caminho revolucionário.

⁵⁷ Konstantin Dmitrievich Ushinsky, professor e escritor, um dos fundadores da pedagogia científica na Rússia.

⁵⁸ Economista inglês, nascido em meados do século XVII esboçou alguns escritos sobre projetos de reformas sociais.

⁵⁹ Nascido no século XVIII, pode ser considerado um dos mais influentes pensadores do socialismo utópico.

escola” e “processo educativo” passa a dominar o debate nos anos da década de 1920. (LEUDEMANN, 2002, p. 16)

Krupskaya ressalta a importância das pesquisas de Dewey que organizaram a educação dos Estados Unidos, apresentando algumas das conclusões chegadas pelo educador americano no tocante às atividades com as quais a criança se interessa naturalmente e desenvolve forças mentais para alcançar grandes resultados,

A personalidade da criança é a soma de determinadas forças enraizadas no organismo, [...]. Estas forças, predisposições, podem ser direcionadas de uma determinada forma, colocadas em um caminho, mas não podem ser reprimidas. O interesse da criança por um assunto ou outro assunto ou atividade indica que esse objeto ou atividade possui em si algo que atrai a criança para ele, que satisfaz determinadas necessidades do seu organismo em desenvolvimento. [...] A tentativa de reprimir a personalidade do estudante, obrigando-o a fazer aquilo que para ele não desperta interesse interior, conduz a uma dispersão da atenção, à fadiga, a uma redução de atividade do organismo, ao enfraquecimento da vontade. [...] Na era do capitalismo, quando uma grande parte da população se transformou em um mero apêndice da máquina, quando os trabalhadores foram equiparados a mercadorias, o desenvolvimento da pessoa, de sua personalidade teve pouca atenção. Se a personalidade da pessoa adulta não tinha valor, era difícil chamar a atenção para o desenvolvimento da personalidade da criança. (KRUPSKAYA, 2017, p.50 e p.51)

Krupskaya chama atenção para a escola americana que, baseada num tipo de princípio democrático, consegue um desenvolvimento mais amplo que a escola pública alemã baseada no adestramento da classe trabalhadora. Os princípios americanos ou da nova escola inglesa, onde os pilares do ensino se encontravam nos interesses dos estudantes, caminhavam na contramão de decorar conteúdos inúteis e não tinham como foco o disciplinamento excessivo – datada do final do século XIX para dar instrução necessária aos futuros líderes, tinha por objetivo atender à elite imperialista, bem como aos interesses do estado – não à toa que em pouco tempo essas escolas ganharam espaços em outros países.

As escolas “novas” constituem-se em internatos. Pelo estudo e manutenção nelas, pagava-se entre 1500 a 2000 francos por ano. Elas geralmente ficavam localizadas longe do barulho da cidade, na natureza ao ar livre, em alguma propriedade. O ambiente era mais confortável: banheiras, eletricidade, salas separadas para cada estudante, salas de leitura e por diante. Os livros dedicados à descrição das escolas “novas” são cheios de fotografias que mostram como tudo era organizado de modo rico, racional e confortável. (KRUPSKAYA, 2017, p.54 e 55.)

Assim como Krupskaya reconhece o salto da escola ocidental, bem como os seus limites, John Dewey também reconhece os avanços da educação soviética. As impressões de Dewey encontram-se registradas na revista *New Republic*, uma revista de opinião americana criada em 1914. Dewey viajou o planeta a fim de conhecer novas experiências e apresentar um trabalho sobre o rumo da educação no início do século XX.

Adepto de uma base inegavelmente liberal, Dewey possuía inquestionável autonomia intelectual. Contrariando o que era veiculado nos Estados Unidos, pelo caráter das publicações anticomunistas, fica surpreso com o tipo de educação oferecida em solo socialista.

As impressões de Dewey sobre a Rússia Soviética caminham na contramão do apelo anticomunista da religião e dos liberais americanos. As visitas realizadas sobre as experiências soviéticas possibilitam o entendimento de que ocidente andava longe de compreender o que realmente se passava na Rússia.

[...] me sinto obrigado a declarar e dar testemunho sobre minha impressão referente a revolução e a capacidade intrínseca do povo russo, manifesta na inteligência e na simpatia pela arte em que as novas condições são educacionalmente aproveitadas por alguns dos seres humanos mais sábios e dedicados que até então conheci.” (DEWEY, 2016, p. 67)

Dewey lembra do tempo que gastou numa visita ao museu⁶⁰ de Leningrado, visitado em sua grande maioria por camponeses e operários e de uma a visita a Casa de Cultura Popular, um edifício que havia custado mais dois milhões de dólares, criado e gerido pelos trabalhadores e voluntários dos sindicatos. Via com otimismo os desdobramentos da revolução a fim de possibilitar à Rússia traçar o próprio caminho. E acrescenta,

Talvez o mais importante na Rússia não é o esforço para a transformação econômica, mas a vontade de usar a mudança econômica como meio de desenvolver uma cultura popular como o mundo jamais conheceu. Posso facilmente imaginar a incredulidade que tal declaração desperta nas mentes daqueles que concebem as atividades bolcheviques como dotadas de uma essência meramente destrutiva. (DEWEY, 2016, p. 67)

Embora Krupskaya entendesse que a escola nova era um salto, estava distante de uma escola que contemplasse os anseios da classe trabalhadora, uma vez que as escolas “novas” eram burguesas. Reconhecendo que o ensino rural vai na contramão do ensino politécnico, as escolas novas instaladas nestas zonas, isoladas do cotidiano apresentam um convívio social completamente superficial. Esse deslocamento retira do estudante a realidade. Contudo é possível aproveitar a experiência, mas de uma forma emancipadora. (KRUPSKAYA, 2017).

Possuía a habilidade em conduzir uma ressignificação dos modelos educativos apreendidos e a implementação de novos modelos pedagógicos juntos ao comissariado. E

⁶⁰ Hermitage, um dos maiores museus de artes do mundo, localizado em São Petersburgo. Site:<http://hermitage--www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/>

embora tenha sido figura central no Commissariado do Povo⁶¹ para educação era desprovida de vaidade profissional e política.

Krupskaya defendia a escolarização dos filhos dos trabalhadores como forma de consolidar a expansão do acesso à educação. Para ela, a coletividade enquanto objeto da educação deveria favorecer a experiência revolucionária e ser desenvolvida em sua máxima potência.

Na segunda metade do século XIX, o movimento operário foi se intensificando. Em 1883 foi fundado o primeiro partido russo ancorado nos ideais de Marx. Em 1893, Lênin muda-se para S. Petersburgo e tornar-se líder do movimento marxista.

Krupskaya conheceu Lenin no carnaval⁶² de 1894 e teve um segundo contato no outono do mesmo ano, momento em que Lênin orientava um grupo⁶³ interessado em aprofundar estudos em Marx e que tinha Krupskaya como uma das organizadoras, período ao qual ambos vão estabelecendo maiores aproximações com a classe trabalhadora.

Lênin, revolucionário, teórico político russo e que mais tarde se tornaria seu companheiro, tinha grande interesse na ação de Krupskaya, a forma como se relacionava, aproximava-se dos operários, levando em conta o movimento da realidade, da perseguição do governo e ao mesmo tempo nutrindo as questões ideológicas revolucionárias necessárias à classe operária.

Dedicou-se intensamente à atividade revolucionária, dando palestras, aulas, ouvindo e conhecendo as condições de vida dos trabalhadores, seus interesses sempre voltados para a educação proletária e o processo revolucionário. Entre os anos de 1891 a 1896⁶⁴ utilizou-se de salas de alfabetização do turno noturno, onde lecionava, para inserir o ideário socialista junto aos trabalhadores (KRUPSKAYA, 1978).

Em 1895, Krupskaya se juntou à liga de luta pela emancipação da classe operária em São Petersburgo, fundada por Lênin, cujo objetivo era lutar contra a opressão e a miséria da exploração do capital submetido aos proletários russos. Colaborou na publicação e distribuição do jornal clandestino *Iskra, A faísca*. Nesse mesmo ano Lênin foi preso.

⁶¹ O *Narkompros* ou *Comissariado do Povo de Educação* foi o departamento soviético responsável pela administração da educação pública.

⁶² Na Rússia, esse tradicional feriado eslavo celebra o final do inverno e o início da primavera. Comemorado durante uma semana inteira a partir da segunda quinzena de março, o evento caracteriza-se pela avidez e muito excesso de bebida.

⁶³ *Organização dos Marxistas Ativos*.

⁶⁴ Ano em que foram presos por apoiarem a greve dos tecelões.

Através do Iskra⁶⁵, a revolucionária estreitava os laços com militantes, “se correspondia com os operários russos, cuidava do transporte e da distribuição da publicação.” (LODI, 2017, p.26)

A Iskra causava problemas todos os dias, pois estava dividida em duas vertentes: de um lado Plekanov, Axerold⁶⁶ e Vera Ivanovna Zasluch⁶⁷, posteriormente com adesão de Krassikov e de outro Lenin, Martov e Potressov. (KRUPSKAYA, 1937, p.51 apud LODI, 2017, p. 29)

Krupskaya, bem como outras mulheres mobilizava os trabalhadores para a luta da causa operária. Com a prisão de Lenin, ela e Anna Ilich continuam articuladas com mobilização⁶⁸ e panfletagem.

O trabalho de Krupskaya com folhetos se deu até agosto de 1896, quando ela foi presa por panfletagem e divulgação de ideais comunistas. Permaneceu por sete meses na prisão de São Petersburgo, até que ocorreu o suicídio de uma estudante dentro da cadeia. A prisioneira ateou fogo em seu próprio corpo dentro da prisão “Pedro e Paulo”, muito provavelmente após ter sido abusada.” (LODI, 2017, p. 22)

O fato provocou a soltura antecipada das presas políticas. No entanto, após julgamento em 1897-98, Krupskaya foi exilada. Foi para o exílio acompanhada da mãe – que é sempre mencionada nas cartas trocadas – mais de sessenta catalogadas – com a mãe e a irmã de Volodia⁶⁹ entre 1898 e 1919. À medida em que se envolvia com o movimento operário, a sede de Krupskaya pela causa da classe trabalhadora na luta contra as injustiças aumentava.

Em carta datada em 06 de março de 1898, enviada de São Petersburgo a Moscou, a Maria Ilyinichna Ulyanova⁷⁰, irmã de Lênin, publicada pela primeira vez apenas em 1931, Krupskaya trata dos arquivos que o líder bolchevique enviara para publicação. Em Moscou a censura é muito mais aguda do que em São Petersburgo, o que naturalmente dificulta muito as possibilidades de publicação. Relata ainda da sua ansiedade que antecede os dias para a Sibéria.

Confiei o tempo inteiro que minha sentença fosse pronunciada dia 04 de março e depois poderíamos partir no dia 10 a tarde. Mas eles adiaram a sentença para o dia 11 de março (e até mesmo isso não é seguro), enquanto no departamento eles dizem:

⁶⁵ Nesse período, na Alemanha, se esconderam sobre o nome de Dr. Iordanov e sua esposa Maritsa

⁶⁶ Revolucionário marxista, um dos principais dirigentes mencheviques e fundador do grupo *Emancipação do Trabalho*. Combateu violentamente os bolcheviques e acabou morrendo no exílio.

⁶⁷ Revolucionária russa que atirou no general Fyodor Trepov. Uma das fundadoras da organização marxista russa *Emancipação do Trabalho*.

⁶⁸ Embora tenha conseguido escapar algumas vezes sua práxis ativista não permitiu o anonimato por muito tempo.

⁶⁹ Era a forma que os mais próximos chamavam Lenin, um apelido familiar. Na Rússia muito comum adotar o termo aos meninos chamados Vladimir. Analogamente chamamos Francisco de “Chico”.

⁷⁰ Apelidada em sua família de “Manyasha”.

“*meu pedido será provavelmente será levado em consideração*”, e se eu tiver permissão para viajar para a Sibéria, não será antes que sentença seja ditada, e pode ser que me permitam viajar de Petrogrado e não da província de Ufa. Amanhã vou voltar para o departamento. (Cartas de Krupskaya, 1898, tradução nossa)

A forma como sempre se referia à irmã de Lênin deixa evidente a forma afetuosa com a qual se tratavam. Toda família de Lênin se encontrava de uma forma ou de outra envolvida como o movimento revolucionário.

Redigida em 10 de maio de 1898, enviada de Shushenkoye⁷¹ a Moscou para Maria Alexándrovna Ulyanova, publicada pela primeira vez em 1931, Krupskaya envia notícias sobre a boa adaptação de Volodya comparado a São Petersburgo, de seu semblante de felicidade e de como o mesmo tem se dedicado a outras atividades.

Ressalta que embora a vida seja muito agradável ainda tem dificuldades para receber as encomendas com os livros. É possível ainda observar como Krupskaya se apega aos detalhes e nunca esquece de enviar notícias do estado de saúde da família e agradecer a ajuda disponibilizada.

Embora Krupskaya tenha absorvido muito da intelectualidade de Lênin, é importante ressaltar a objetivação da revolucionária no tocante as questões educacionais. “Qualquer análise simples dos textos produzidos por Krupskaya evidencia sua capacidade intelectual. Ela compreendia a situação russa e buscava, através da educação, despertar consciências que um dia poderiam mudar a sociedade.” (LODI-CORREIA, 2017, p. 23)

Em carta de 14 de junho de 1898, enviada de Shushenkoye a Poldosk⁷² para Maria Ilyinichna Ulyanova, publicada pela primeira vez em 1929 na revista *Revolução do Proletariado*, Krupskaya ressaltava como Volodya levava uma vida simples, adaptando-se aos costumes locais, à pesca e à caça.

Shush era caracterizada pela monotonia que fazia parte da rotina, tais traços não tiravam a beleza do local. Acrescenta,

Todas as tardes, saímos para passear, a mãe, não vai muito longe, mas as vezes nós caminhamos para lugares mais distantes. A tarde não há muita umidade e você pode andar muito bem. Como há muitos mosquitos, fazemos mosquiteiros, mas não sei porque os mosquitos gostam especialmente de Volodya.” (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1898, p.n.p)

Exilada na Sibéria, estabelece matrimônio com Lênin, período no qual ele produz *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* e ela escreve *A mulher operária*.

⁷¹ É uma localidade urbana e centro administrativo de Shushensky, na Rússia. Lênin esteve exilado aqui de 1897 a 1900.

⁷² Cidade industrial da Rússia situada no óblast (divisão administrativa) de Moscou.

Enquanto estiveram exilados, receberam grande número de cartas de outros camaradas, principalmente aqueles que também estavam no exílio. Ana, irmã de Lênin, escrevia com bastante frequência e sempre enviava livros. O casal também se dedicou a fazer traduções nesse período. Avaliando esse exílio, Krupskaya recorda que não foi um período muito duro, foi um momento de produção e organização.” (KRUPSKAYA, 1937 *apud* LODI-CORREIA, 2017, p. 24)

Nas *Cartas de Krupskaya*, enviadas de agosto a novembro de 1898, de Shushenkoye a Poldosk para Maria Alexándrovna Ulyanova e Maria Ilyinichna Ulyanova, publicadas pela primeira vez quase três décadas depois em revistas e livros, a fiel escudeira relata sobre os textos que Volodya havia recebido em nome da Sra. Fridman, neles constavam obras de Adam Smith, alguns textos filosóficas e dois volumes de Ada Negri⁷³.

Krupskaya sublinha que Volodya via com muito esmero as obras e se impressionava com a forma que se debruçava sobre elas. Enfatiza como Lênin trabalhara intensamente nos últimos tempos em concluir *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*.

Nos textos é sempre muito comum encontrar *linhas pontilhadas* omitindo fragmentos, certamente para evitar conteúdos que possivelmente pudessem ser utilizados como provas para novas acusações.

Debruça-se em ressaltar o cotidiano, do tempo em que Volodya se dedica à arte da caça como forma de passatempo, ou mesmo de episódios curiosos, porque não dizer, pitoresco, como por exemplo em viagem a Krasnojarsk, Lênin aproveitou o momento para extrair um dente que o incomodava. Por um destreza esdrúxula, o dentista acabou extraindo outro dente, obrigando-o a extrair o dente correto no dia seguinte. Apesar do episódio foi uma viagem proveitosa pela quantidade de livros de que tomou posse. Recorda ainda a chegada de uma criada, jovem de quinze anos para ajudar nos afazeres domésticos.

Sempre faz menção a sua mãe que se encontra ao seu lado e das dificuldades quem a mesma encontrava para adaptar-se ao inverno rigoroso em Shushenkoye que debilitava o seu o estado o estado de saúde acometida de pleurisia⁷⁴.

Krupskaya e Lênin sentiram muito com a censura nas publicações, dos atrasos nas correspondências, as conturbações e as incertezas políticas, bem como as dificuldades de acesso à literatura que servissem de subsídios para seus estudos. Acrescenta “É bastante complicado pedir livros aos amigos e, além disso, quais? Em duas semanas devo partir e minha reserva de livros é muito pobre.” (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1898, p.n.p. tradução nossa).

⁷³ Poetisa Italiana (1870-1945)

⁷⁴ Pneumo inflamação crônica da pleura.

As cartas apresentam ainda elementos que demonstram como Volodya não se desprendia do hábito de escrever e sair para caçar. Se dedicando a leituras, aos estudos em língua inglesa, bem como o tempo em que Krupskaya se dedica à escrita do texto *A mulher operária*, produzido efetivamente em Shushenkoye.

Obstinada no movimento de luta da massa trabalhadora, não esquece o zelo pelos afazeres domésticos. Reconhece a dedicação e o tempo que Lênin tem se dedicado a escrita para concluir *O desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* para fevereiro do ano seguinte.

Comemoravam muito sempre que chegavam artigos que poderiam contribuir com a escrita. Mostravam-se sempre preocupados com o ritmo da produção de material para o movimento revolucionário, ainda assim, não esqueciam de enviar notícias como estavam se adaptando à região, e como usavam as “horas livres” mesmo no período de frio mais intenso e de lagos completamente congelados. Nessa época acabavam se dedicando à prática da patinação e as noites jogando xadrez, acrescenta, “Volodya patina muito bem, e ele faz isso com as mãos colocadas nos bolsos de sua jaqueta cinza, como um desportista realizado.” (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1898, p.n.p, tradução nossa.)

Em dezembro do mesmo ano, Krupskaya ressalta as dificuldades com as baixas temperaturas e da rotina de Volodya com os estudos.

[...] nos dedicamos ao estudo dos idiomas em geral e do alemão em particular. Volodya encomendou o dicionário russo-alemão de Pavlovsky da livraria, e pede a Aniuta que procure por Turguéniev em alemão e boa gramática alemã. Ouvi dizer que uma das melhores gramáticas alemãs é a de F. Fidler, mas não tenho certeza. (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1898, p.n.p, tradução nossa.)

É relevante o esforço empreendido para estudar outros idiomas por conta própria, em especial, o alemão e para conclusão da escrita de *O desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*.

No panfleto *A mulher e a educação das crianças*, escrito em 1899, para um folheto chamado “*A mulher operária*”, Krupskaya ressalta o tipo de vida da mulher operária, que se encontra praticamente dedicada à vida dos filhos. O ativismo feminino e a enorme quantidade de atividades atribuídas à figura feminina sequer permitiam a objetivação do trabalho e muito menos o exercício do papel da maternidade. As crianças eram na maioria das vezes cuidadas por idosas ou até mesmo por outras crianças, uma vez que as mães não conseguiam dispor de tempo para cuidar dos filhos e as que conseguem não dispõem de orientações necessárias – impotentemente oprimidas pela figura masculina – para exercer o papel da maternidade. (KRUPSKAYA, 2017)

Krupskaya ressalta que aquele tipo de sociedade reservara um destino muito cruel às aquelas que trabalhavam como domésticas, pois estas estavam impossibilitadas até de estabelecer laços afetivos com familiares, ou seja, nunca poderiam ter tempo para si – uma vez que era tão absurdo o processo de alienação das operárias que eram incapazes de discernir sobre a educação dos filhos. E mesmo se tivessem acesso a algum tipo de educação para ajudar os filhos, seria inútil diante das péssimas condições de trabalho.

Nesse sentido, a impotência da mulher camponesa impossibilita-a de cuidar dos filhos e conhecer algum tipo de caminho que conduza à emancipação. Sobre a educação das crianças, a revolucionária destaca:

As crianças estão envolvidas no trabalho da indústria artesanal de os 5-8 anos de idade. Elas são encarregadas de algumas operações, mas elas trabalham também como adultos e, frequentemente, com a mesma carga horária deles. Esse trabalho exerce uma força destrutiva no organismo da criança, prejudica sua saúde e embota suas faculdades mentais. Sem movimento, sem ar limpo, em habitação sufocante, a criança definha, o trabalho monótono de manhã até a noite não fornece alimento para sua inteligência, não a desenvolve, a criança torna-se indolente, obtusa. (KRUPSKAYA, 2017, p.24)

As mulheres tinham péssimas condições de trabalho. Não tinham como cuidar da família e muito menos gerar filhos saudáveis – sem falar na restrição ao direito das gestantes e a dupla jornada de trabalho. As operárias acabam se distanciando dos filhos assim que estes são aceitos no trabalho das fábricas e muitas destas crianças acabam se tornando autônomas, afirma: “As crianças crescem quase na rua. Elas passam fome, frio, andam esfarrapadas, sujas e desde a infância vivenciam tudo – a embriaguez, a baderna, as brigas e assim por diante. E assim crescem as crianças de idade pré-escolar.” (KRUPSKAYA, 2017, p.26)

No período de exílio na Sibéria, Lenin produziu importantes materiais. Além de ajudá-lo nos trabalhos, Krupskaya publicou em 1900 vários panfletos para o mesmo folheto, entre eles *A mulher operária*, que teve por objetivo fomentar o caráter revolucionário nas mulheres que trabalhavam nas fábricas. Esse período foi muito utilizado para praticar as leituras que fomentavam a revolução e circulavam pela Europa. Desta feita, o tempo que passaram juntos na Sibéria, em exílio, foi importante para aprofundamento das reflexões revolucionárias.

Nas *Cartas de Krupskaya* enviadas no ano que antecede ao fim exílio de Volodya, a maior parte delas de Shushenkoye a Poldosk, para Maria Alexándrovna e Maria Ilyinichna, Krupskaya sem perder o humor faz referência ao novo carteiro que sempre as entrega atrasadas e não esquece de agradecer pelos materiais recebidos, especialmente, os dicionários e gramáticas em russo e alemão.

Krupskaya e Lênin se mostravam meticolosos, seus escritos procuravam seguir um rigor na ortodoxia marxiana e não deixavam de levar em consideração a imprensa internacional.

É início de 1899, Krupskaya não esquece de ressaltar como as festividades de final de ano foram memoráveis e a paciência de Lênin em jogar xadrez o dia inteiro e da encomenda de doces que havia recebido da sogra. Nesse período diminuem o fluxo de cartas aos familiares por conta de precisarem se dedicar à escrita. Contudo, não abrem mão do xadrez e da patinação. Lênin tem se dedicado ao último capítulo – O desenvolvimento do capitalismo na Rússia, acrescenta, “[...] Volodya mergulhou em seus “mercados⁷⁵”. Agora ele está escrevendo o último capítulo, e em fevereiro será concluído.” (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1899, p.n.p, tradução nossa)

Lenin realiza a leitura do *Die Agrafrage*⁷⁶ de Kautsky⁷⁷, sobre o qual acaba escrevendo um comentário em março do mesmo ano, publicado em abril de 1899 na revista *Nachalo*⁷⁸. “Da cidade recebemos *Nachalo*; Volodya está muito indignado com o artigo de Bulgákov e já está pensado um artigo contra ele.” (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1899, p.n.p, tradução nossa)

Krupskaya ressaltava como Lênin tem se dedicado às questões filosóficas, como Holbach⁷⁹, Helvetius⁸⁰ entre outros. E embora a caça continue sendo algo prazeroso, ele tem se debruçado com mais intensidade aos estudos – uma vez que embora o período de caça tenha começado não havia se dedicado como de outras vezes. Ressente-se ainda sobre a doença de Lunacharsky.

Uma das questões que mais a incomoda é a dificuldade em responder as correspondências, pois estava usando muito tempo ao lado de Volodya e das dificuldades que ambos têm na apreensão de outros idiomas.

Debruçam-se ainda sobre o livro de Bernstein, *As premissas do socialismo e os objetivos da social democracia*. Relembra o tempo do ensino que era oferecido pelo antigo regime e enfatiza que somente quando se tem acesso às ciências sociais é que se entende o quanto se deve superar as leituras das ciências naturais. O tempo passa e Lênin não se cansa

⁷⁵ O termo é sempre utilizado para fazer ao livro *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*.

⁷⁶ Uma visão geral das tendências da agricultura moderna e a política agrícola da social democracia.

⁷⁷ Filósofo marxista, tcheco-austriaco, um dos fundadores da social-democracia.

⁷⁸ Uma revista mensal marxista publicada em São Petersburgo.

⁷⁹ Materialista francês. Suas principais obras: *Sistema Natureza* (1770), *O sentido comum* (1772), *Sistema Social* (1773), *Política Natural* (1773).

⁸⁰ Claude Adrian Helvétius, filósofo e literato francês. Recebeu influências de John Locke e Condillac.

de trabalhar – a escrita do livro tem se tornado uma tarefa árdua por conta da tradução. Menciona ainda suas preocupações no retorno a São Petersburgo,

[...] quanto a mim, embora eu não faça nada, para dizer a verdade, eu não sei como se passarão os dias. Falta pouco para nossa partida: três meses e treze dias. Já pedi permissão ao Departamento de Polícia para viajar para Pskov. Mamãe também pensa em pedir isso. (Cartas de Krupskaya, 1899, tradução nossa.)

O exílio de Lênin chegou ao fim em 1900. *Em correspondência de 19 de janeiro*, enviada de Shushenkoye a Moscou para Maria Alexándrovna, publicada em 1929, aproxima-se o retorno do exílio para a Rússia e Krupskaya precisaria resolver algumas questões quanto as autorizações – sabendo já que certamente viajaria separada de Lênin. Relata,

[...] finalmente o problema foi esclarecido: podemos ir para a Rússia; não se espera que prolonguem o exílio. No dia 28, vamos emitir coisas, e no dia 29 iremos a caminho. Teremos companhia V.V. e Olga Alexandrovna. O Lepeshinki também pensou em viajar, mas duvido muito de que eles estejam preparados a tempo. O.A. corre para encontrar a M.A., que foi enviado para Riga; também V.V. se apressa. Mais ou menos até 30 poderemos deixar Minus. (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1900, tradução nossa.)

E mesmo às diante as ansiedades com a viagem, Lênin escrevia um artigo em resposta⁸¹ a Skvortsov⁸². Chama atenção também para as condições da viagem.

[...] Devido às geadas, queríamos obter um trenó coberto, mas não há um na cidade inteira e pedir um aqui é arriscado, provavelmente não duraria até Achinsk⁸³. Nós temos muitas roupas quentes, então eu não acho que vamos congelar, e o tempo parece estar ficando mais quente. Oskar diz que viu uma nuvem, e esta manhã havia apenas 28 graus abaixo de zero. O que nos preocupa é que a mãe está sempre com frio e tossiu de novo.” (Cartas de Krupskaya, 1900, tradução nossa.)

Em carta de 28 de março de 1900, enviada de Ufa a Moscou para Maria Ilyinichna Ulyanova, publicada em 1929, trata da indisposição para escrever. Faz referência a uma carta escrita por Lironchka⁸⁴ (Apolinária Yakubova) e das dificuldades em se articular às questões ideológicas da ativista tão estimada por Lênin.

A parte teórica da carta me desagradou muito, diz que, no aspecto teórico, Bernstein não contribuiu com nada. “É idiotice!”. Mas, ela diz que o significado prático do seu livro é enorme, porque ele atendeu a toda as necessidades das massas e chama a

⁸¹ Lênin redige *Uma crítica não crítica* frente ao artigo de P. Skvortsov *Fetichismo Mercantil* publicado em *Nauchnoic Obozrenie*, nº 12 de 1899.

⁸² Nascido em 1870, foi escritor, historiador, importante bolchevique e um dos participantes mais antigos do movimento revolucionário.

⁸³ Cidade no Krai de Krasnoyarsk, Rússia, localizada na margem direita do rio Chulym, perto de sua interseção com a Ferrovia Transiberiana.

⁸⁴ Apelido de uma militante a quem Lênin dispunha profunda admiração.

realidade, a coisas concretas. Isso explica o sucesso do livro devido ao fato que a tendência ortodoxa já correrá o mundo inteiro. [...] Em geral, Lironchka é agora um enigma para mim. Antes de termos sempre concordado em nossos pontos de vista, mas por três anos para esta parte, não sei o que está errado, não sei. Se nos conhecemos, poderíamos entendermo-nos, mas não podemos conseguir isso por carta. (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1900, tradução nossa.)

Um historiador britânico do *Jornal Independente* diz que sendo Lironchka uma russa muito bela, foi apresentada pela própria Krupskaya a Lênin e que sentimento de atração pelo charme da anarquista seduziu o revolucionário bolchevique. Segundo Robert Henderson, Lironchka possuía um arcabouço teórico-político para debater com Lênin. É possível que ela de fato tenha sido o seu grande “amor”, e que era a sua primeira opção conjugal e que talvez pela recusa tenha se casado com Krupskaya em 1898.

Mesmo casado continuou a escrever a Lironchka e quando ela se mudou para Londres, continuou a visitá-la. Acabaram se distanciando por não comungarem como os mesmos ideais. Nunca se soube ao certo se chegaram a consumir algum tipo de romance.

Nas missivas que se seguem de Julho a Novembro de 1900, enviada de Ufa a Poldosk para Maria Alexándrovna e Maria Ilyinichna, publicadas em grande maioria na década de 30, destaca-se o período em que Lênin se encontrava na Áustria. Krupskaya partilha de uma desavença contra Filippov por ter publicado um artigo de Lênin de forma distorcida e que por tantas inconsistências achou melhor não falar com o companheiro sobre o assunto.

Enquanto Volodia estava em Ufa, ele escreveu uma carta áspera a Filippov, por ter publicado seu artigo tão mutilado e distorcido⁸⁵. Após a partida de Volodya, uma carta veio de Filippov, no qual ele se esforça para organizar as coisas e diz: "Caro senhor, temos a oportunidade de resolver o assunto". Envio o artigo original de Skvortsov para contestações. Exorto-o a ter em conta as restrições da censura e a ser "breve". Como você pode ver, queria desarmar o Volodia enviando gentilmente o artigo, mas dois dias depois mudou de opinião e enviou um segundo. A carta, não mais "para entregar ao V.I.", como antes, mas para o Sr. Ulyanov. "A aparência externa da carta era evidência de seu desdém: metade de uma folha de papel rasgado, escrita em Remington e cheia de correções. A carta é ridiculamente ofensiva. Se vê que o homem não sabe o que ele está dizendo. Respondi que ele havia recebido as duas cartas, mas disse que não podia enviá-las imediatamente a Volodya, porque não conhecia seu endereço e, assim que tivesse enviaria e que devolveria o manuscrito porque, se o enviasse para o exterior, demoraria a publicação do artigo, e isso provavelmente não agradaria o autor. Volodia certamente não teria consentido em aproveitar a bondade desse imbecil. O artigo de Skvortsov também está cheio de insolência. Tem as mesmas citações inúteis de Marx e revela a mais completa incompreensão de seu oponente. Com um sujeito assim, não há interesse em argumentar. (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1900, p.n.p, tradução nossa.)

⁸⁵ O artigo em questão é *Uma crítica não-crítica*, sobre o artigo Skvortsov *Fetichismo Mercantil*.

Krupskaya se mostra sempre firme nas respostas. Contudo, mesmo nos períodos mais turbulentos em que estava muito envolvida com as questões políticas, sobressaía-se a afetividade em relação aos parentes, especialmente, à mãe e à sogra e sempre preocupada com Ilyinichna Ulyanova⁸⁶. Era uma mulher que tinha se adaptado à vida provinciana e dedicada às aulas que ministrava para manter-se. Nos dias de descanso se dedicava ao estudo de idiomas, especialmente o alemão e falava das dificuldades do companheiro na França.

Volodya lamenta a correria da vida parisiense, mas é Paris e é normal que esse seja o caso, enquanto em Ufa a agitação não é comum. O que acontece é que alguns dias uns vêm e outros vão e outros de passagem por aqui. Os camaradas que chegam dizem que Zina⁸⁷ está muito deprimida, que nos últimos tempos mudou muito, que perdeu peso e é muito pálida. (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1900, p.n.p, tradução nossa.)

Relata o envio da cópia do Zhikn⁸⁸ e solicita a reprodução de *O desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* para Pablo Fiódorovich Sávinov. Agradece a Maria Ilyinichna pelos envios de muitos “recortes”, possivelmente uma referência a conteúdos de artigos políticos.

Krupskaya agradece os livros que recebeu em francês e ressalta como tem se dedicado ao estudo de outras línguas. Preocupa-se com as leituras que estão sendo realizadas e com período que antecede a sua partida, possivelmente em março em função da autorização para passaporte. O inverno muito rigoroso e o estado de saúde de sua mãe que tende a piorar. Nessa época do ano o tempo começa a ficar muito frio, normalmente são “[...] 30 graus abaixo de zero todos os dias, e as vezes, além das geadas, tempestades de neve. Para usar o caso de pelo de mamãe e as botas de feltro, porque ela não sai porque o frio corta sua respiração.” (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1900, p.n.p, tradução nossa.)

Em carta de 22 de dezembro de 1900, enviada de Ufa a Moscou para Maria Alexándrovna e Maria Ilyinichna, publicada em 1931, Krupskaya saúda os parentes e fala da felicidades do recesso das atividades escolares. “Hoje estou de bom humor e tenho um dia excepcional. Não vou ter estudantes por duas semanas; ontem eu dei a última aula, o francês também saiu para as férias, e eu, sou dona de mim.” (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1900, p.n.p, tradução nossa.)

⁸⁶ Foi presa em 30 de setembro de 1899 e deportada para Nizhni-Novgorod (fundada em 1221, no século XIX, tornou-se um grande centro comercial do império russo.) No final de dezembro do mesmo ano voltou a Moscou.

⁸⁷ Zina Linina, do Zinovievs. Mãe de Stepan, uma criança que Krupskaya e Lênin desenvolviam um tipo de afeição, assim como aos filhos de Inessa Armand. Krupskaya e Lênin não tiveram filhos. Possivelmente por questões ginecológicas e anos sem diagnosticar o problema de Tireoide.

⁸⁸ Revista socialista russa de nome *Vida*, publicada inicialmente em São Petersburgo de 1897 à 1901 e posteriormente em Londres e Genebra.

No tempo de exílio, Krupskaya lecionou até o final de sua condenação em 1901, mesmo ano em que viaja com Lênin para à Alemanha. Os fragmentos a seguir foram coletados das correspondências catalogadas desse período, especificamente *de fevereiro a agosto do referido ano*, enviadas de Munique a Moscou, outras para Poldosk. Tem como destinatárias Maria Alexándrovna e Maniasha, publicadas somente na década de 1930, Krupskaya manifesta nos escritos muita saudade de Moscou e conta os dias que faltam para o regresso, sublinha ainda sobre os boatos que se espalham com relação ao fim do exílio para muitos camaradas.

Nas cartas agradece pelos recortes dos artigos enviados. Requisita os originais de Lênin enviados a Filippov da *Anticrítica* o mais rápido possível. Solicita ainda os artigos do Kautsky, provavelmente da revista *Neue Zeit*, traduzido por *Novo Tempo*, da qual ele foi o editor até 1917.

O tempo para estudar tem sido escasso, – o período tem sido de poucas leituras, exceto Berdiáev⁸⁹ e da determinação no estudo do francês e do alemão. A educadora sempre demonstra sede em mergulhar no mundo literário. Sendo o tempo o grande opositor, consegue ainda se articular com alguns amigos para colaborar com o jornal de Samara, Samárskaja Gazeta, com o artigo *Escola e Vida*.

É um período em que pouco tem saído à rua para explorar a cidade – o local em que estavam instalados era muito agradável por ser uma mistura de cidade e campo. Nas oportunidades em que visita as escolas da região percebe uma qualidade de vida melhor que a das crianças da Rússia.

As temperaturas negativas voltam a fragilizar a saúde de sua mãe que continua sofrendo com o frio e as crises reumáticas que vão se tornando mais frequentes, ainda assim deseja ir a São Petersburgo. Quanto a Volodya, como um bom leitor, frequenta regularmente a biblioteca: trabalha muito, goza de saúde e não sofre de insônia.

Em abril de 1902 se instalam em Londres. Em outubro do mesmo ano conheceram Trotsky⁹⁰, que acabara de sair do exílio na Sibéria. Nesse período criaram um comitê a fim de combater os domínios czaristas. *Em carta de 04 de março de 1903, enviada de Londres a Samara*⁹¹ para Maria Alexándrovna, publicada em 1957, Krupskaya queixa-se do tempo de escrita das correspondências que vão se tornando mais espaçosos. Época em que Volodya

⁸⁹ Filósofo russo-ucraniano, nascido em 1874, Kiev, Império Russo.

⁹⁰ Época em que conhece Natália Sedova, sua segunda esposa, revolucionária inclinada ao marxismo e que foi fundamental ao lado de Trotsky antes e depois da revolução convivendo juntos por mais de 30 anos.

⁹¹ Fundada por decreto do Czar Teodoro I no final do século XVI se transformou em um centro de comércio de grãos para a região do Rio Volga. É a sexta maior cidade da Rússia.

viaja para Paris – ministra várias palestras na escola superior de ciências sociais para tratar da questão agrária. Para eles que estavam acostumados com uma rotina intensa, a vida em Londres se apresentava muito monótona e sempre as mesmas pessoas. (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1903)

Em 1903 passam operar no Partido Operário Socialista Russo, ano do *II Congresso da Social Democracia Russa* – lembrado por acentuar a divisão entre bolcheviques e mencheviques.

Em 1904 as perseguições e prisões aos militantes se acentuam. Lenin e Krupskaya usam o tempo para refazer planos, realizam por conta própria uma excursão passando por algumas comunas suíças.

No final de junho de 1904, Vladimir Ilyich e eu colocamos nossas mochilas nas costas e fomos para as montanhas por um mês, sem um destino fixo. Ficamos por uma semana em Lausanne, recuperamos nossa força um pouco e depois fomos a um lugar ao redor de Montreux⁹²; fomos em lugares selvagens e impenetráveis, onde havia alguns lenhadores, que nos disseram como sair na estrada e onde passar a noite. Através de Aigle, descemos ao Vale do Ródano⁹³, passamos por Bexles-Bains⁹⁴, onde minha escola e companheiro de curso moram, para vagar por um longo tempo ao longo do Ródano; Nós fizemos cerca de 70 verstas⁹⁵: foi o estágio mais cansativo da viagem. Finalmente, descemos através de Gemrnipass⁹⁶ para Oberland⁹⁷; Estávamos ao pé da Jungfrau e, depois de ficarmos muito cansados, nos instalamos perto do Lago Brienersee em Iseltwald, onde passamos cerca de uma semana e continuamos novamente através de Interlaken⁹⁸ e Zimmmental de volta para a área de Genebra. O inverno de 1903-1904 foi extremamente difícil, nossos nervos foram quebrados e nós queríamos fugir das pessoas, esqueci por um momento todos os problemas e choques. As montanhas nos ajudaram. Novas impressões, ar da montanha, solidão, cansaço saudável e sono saudável exerceram uma influência verdadeiramente saudável sobre Vladimir Ilyich. Ele recuperou sua força e seu espírito, seu espírito alegre. Passamos o mês de agosto no Lac de Bret, onde, juntamente com Bogdanov Vladimir Ilyich, esboçou o plano para a luta subsequente contra os mencheviques. (CARTAS DE KRUPSKAYA, 1904)

Nesse período foram para Interlaken e depois para Lucerna,⁹⁹ também utilizaram tempo para descansar.

A guerra de 1904 no Japão gera um clima de descontentamento na capital russa. Nesse momento bolcheviques e mencheviques, embora divergentes, questionam juntos os

⁹² É uma comuna da Suíça, no Cantão Vaud, com cerca de 25 199 habitantes.

⁹³ Nasce na Suíça e termina na França. Por desaguar no Mediterrâneo, esse rio é de extrema importância histórica, desde o tempo dos gregos e romanos.

⁹⁴ Vila no distrito de Aigle, no cantão de Vaud, na Suíça.

⁹⁵ 1 verst equivalente a 1 quilometro.

⁹⁶ É uma passagem de alta montanha suíça através dos Alpes Berneses que liga Leukerbad no cantão de Valais com Kandersteg no cantão de Berna. A passagem se encontra dentro do cantão de Valais, a uma altura de 2.270 metros acima do nível do mar.

⁹⁷ Antigo cantão suíço pertencente a República Helvética.

⁹⁸ É uma comuna da Suíça, no cantão de Berna, atualmente com cerca de 5300 habitantes.

⁹⁹ É uma comuna da Suíça, no Cantão homônimo, atualmente com cerca de 76 156 habitantes.

tzarismo. Em janeiro do ano seguinte, trabalhadores se organizaram em torno do czar – entre as principais pautas estavam a jornada de trabalho e educação pública.

Essa forte ação popular em frente ao palácio de Inverno, em São Petersburgo, desencadeia o domingo sangrento e marcou o início da revolução de 1905. Apesar do tom da petição, a população mais pobre da Rússia marchou pacificamente e os manifestantes nem ao menos tiveram chance de se aproximar do palácio, foram duramente massacrados na porta do edifício. O palácio estava todo cercado com neve branca o que destacou o sangue vermelho que escorria e formava poças de sangue por entre a neve. O czar mandou trucidar o povo que manifestava por estar faminto e cansado da exploração. (LODI, 2017, p. 31)

Com o destroço da greve de 1905¹⁰⁰, ganha fôlego a ideia de constituição dos soviets. Nesse ano Krupskaya e Lenin voltam para a Rússia e logo que chegam a São Petersburgo se envolvem com as atividades revolucionárias – período no qual assume cargo de secretária do Comitê Central do Partido Socialista.

Krupskaya voltou para a Rússia no final de 1905, com outro nome e em um momento diferente de Lênin, que já havia anunciado seu retorno aos camaradas, para não levantar suspeitas. A entrada na Rússia foi feita via Estocolmo. Primeiro ele foi e, dez dias depois, Krupskaya seguiu pelo mesmo caminho com a ajuda de finlandeses. (LODI, 2017, p. 33)

De 1905¹⁰¹ a 1907, Krupskaya foi secretária do Comitê Central com a função de grande importância de garantir a comunicação com Lênin e, a partir de 1917, se dedicou à instrução pública, trabalho do qual ela gostava e considerava muito importante.

Após o movimento revolucionário de janeiro de 1905, o governo concedeu o “perdão” aos prisioneiros políticos e exilados. Contudo com receio das práticas czaristas Krupskaya e Lênin cumprem um tipo de itinerário pela Finlândia, Genebra e Paris.

Em 1906 a Duma é retomada pelo czarismo. Perseguidos pela polícia, Krupskaya e Lênin se transferem para Suíça em 1907 – Entre 1908 e 1911¹⁰² as perseguições se intensificam.

¹⁰⁰ Foi um ano extremamente conturbado, no qual a forma radical que o czar perseguia os insurgentes foi abrindo caminho para a revolução de 1917

¹⁰¹ Mesmo ano em que muda-se para França por onde passa um longo período. Enquanto estavam na França, estiveram na casa dos Lafargues. Lenin aproveitou para discutir filosofia com Paul Lafargue e Krupskaya foi até o jardim com Laura. Desse dia registrou duas impressões que se fixaram fortemente: sua postura abobada por estar diante da filha de Marx e uma frase dita por Laura a Paul quando retornaram à sala. Disse Laura que logo Paul provaria até que ponto era sincero em suas concepções filosóficas, que a princípio parecia sem sentido para Krupskaya, que só entendeu o real significado quando ficou sabendo que o casal Lafargue se matou no ano seguinte. Aos dois materialistas, somente fazia sentido viver para lutar e, sem luta a vida perdia o sentido. (KRUPSKAYA, 1937, p. 140-141 *apud* LODI-CORREIA, 2017, p. 38).

¹⁰² Entre agosto e setembro de 1910, ocorreu o congresso socialista Internacional de Copenhague, o VIII da II Internacional. (LODI-CORREIA, 2016)

[...] O governo praticando sentenças de mortes frequentes, enquanto afirmava praticar “justiça” imediata a todos os rebeldes. Foram anos difíceis também para a manutenção do partido, principalmente por causa das campanhas realizadas por mencheviques contra a doutrina materialista. (LODI, 2017, p. 36)

Em 1911 aproxima-se de Inessa Armand, que possivelmente mantivera caso amoroso com Lênin. Os três viveram momentos muito intensos empenhados na causa revolucionária. Talvez por essas questões Krupskaya e Inessa tenham deixado para trás questões de ordem pessoal. “Nesse mesmo ano “fundaram em Longjumeau¹⁰³, nos arredores de Paris, uma escola livre para trabalhadores. Krupskaya lecionava na escola, assim como Inessa que ainda abrigava em sua casa alguns alunos que para lá se dirigiam.” (LODI, 2017, p. 42)

O projeto da escola não teve o resultado esperado e Krupskaya acaba se debruçando sobre a causa feminina. Não precisamos a cronologia do período que Inessa e Lenin se conheceram e por quanto tempo tiveram um romance, e como Krupskaya lidou exatamente com essa questão, visto que ela não negava em Inessa a figura de uma grande revolucionária.

Em 1912¹⁰⁴, Lenin e Krupskaya mudam-se para a Cracóvia, cidade polonesa margeada pelo rio Vístula, objetivando maior facilidade para aproximar-se da Rússia e agindo com a máxima discrição. Sempre procurando se manterem no anonimato – as cartas nunca eram postadas da Polônia para a Rússia.

A primeira década do século XX serviu para fortalecer o movimento contra o capital, por outro lado era muito comum entre os revolucionários a infiltração de espiões que levantavam informes para o czar.

Lenin e Stálin se aproximam em 1913 – ano em que Lênin apresenta os primeiros problemas de saúde.

Em fevereiro, Stálin foi recebido na casa de Krupskaya e Lênin estreitou as relações com o novo camarada, inclusive, o recomendou a Gorki com alguém que poderia escrever para os jornais revolucionário. Stálin ficou alguns dias na Cracóvia e, assim que voltou para a Rússia, foi preso.” (LODI, 2017, p. 45)

No verão de 1915, Inessa Armand passou mais uma temporada com Lênin e Krupskaya, período este que a última já se encontra completamente envolvida com a questão da emancipação feminina.

¹⁰³ Longjumeau é uma comuna francesa na região administrativa da Île-de-France, no departamento de Essonne.

¹⁰⁴ Período fundamental para (re)organização do Partido Bolchevique.

Em março de 1915, Krupskaya participou, como delegada russa, da Conferência Internacional de Mulheres, em Berna, organizada por Clara Zetkin¹⁰⁵. Sua luta maior era pelo desenvolvimento do comunismo, porém para sua completa realização pensar as condições da mulher e buscar seus direitos era parte da defesa comunista. (LODI, 2017, p. 48)

Em 1917 retornam para a Rússia e sem perda de tempo se direcionam para uma reunião com bolcheviques locais, ano em que publica a *Instrução popular e a Democracia*. Pela cronologia, é possível conjecturar que Krupskaya seja factualmente a primeira educadora que se assume essencialmente comunista.

Após o período de exílio, Lênin e Krupskaya concentraram forças na produção do *Iskra*, periódico em que Krupskaya contribuía efetivamente para sua organização e distribuição, imprescindível para agregar as bases dos círculos dos operários revolucionários. A liderança de Krupskaya foi fundamental nos momentos que antecederam a revolução. Além de organizar os agentes revolucionários, preparava-os para os trabalhos ilegais. Sempre foi hábil em manter um estreitamento nas relações com todos os grupos que se encontravam espalhados pela Rússia, base para mais tarde a criação do governo socialista soviético.

Chegada a Revolução de Outubro, Krupskaya já havia produzido mais de quarenta publicações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento do pensamento marxista de caráter educativo, entre elas, *Educação Pública e Democracia*, que, para Lenin, oferecia uma visão da educação a partir da perspectiva da classe trabalhadora a fim de superar a organização da educação que, ao longo da história, se encontrava na mão da burguesia. (SKATKIN, 1994)

Escreveu sobre temas políticos e literatura. Trabalhou na publicação do *Pravda*, um dos principais jornais soviéticos. No texto *Deve-se ensinar coisas de mulher aos meninos*, publicado entre 1909-1910, em resposta a uma crônica em um boletim de educação, Krupskaya argumenta que as tarefas domésticas sempre recaem sobre a mulher e que exceto em raras situações o marido divide com a esposa as atividades do lar.

Ao retornar do trabalho, nos feriados, nos dias de folga, o trabalhador por vezes vai até a mercearia, varre o chão e cuida das crianças. É claro nem sempre e nem todos fazem isso; além do mais muito nem sequer sabem fazê-lo (costurar, lavar), e a esposa, que às vezes também passa o dia trabalhando fora de casa, quando volta, põe-se a lavar roupa, a limpar o chão e fica até tarde da noite costurando, quando o marido há muito está dormindo. Mas se entre os trabalhadores às vezes ocorre do marido ajudar a esposa com trabalho doméstico, nas assim chamadas famílias da *intelligentsia*, por mais desprovidas que sejam, o homem nunca participa desse serviço, deixando que a esposa faça as suas “coisa de mulher” da maneira como ela sabe. Um membro da *intelligentsia* limpando o chão ou remendando uma roupa branca seria alvo de gozação de todos à sua volta. (SCHNEIDER, 2017, p.89)

¹⁰⁵ Foi secretária da Internacional das Mulheres Socialistas

Krupskaya indignava-se com essa postura sexista – que acreditava que as atividades da mulher deveriam se resumir às obrigações domésticas e considerava as atividades domésticas mais simplórias, uma vez que não há nada no trabalho doméstico que o caracterize como trabalho feminino.

Sustenta que, enquanto apenas os homens forem o principal elemento de arrimo da família, inevitavelmente as tarefas domésticas serão destinadas às mulheres. Tais condições provocavam Krupskaya a preocupação com a instrução das mulheres e inserção das mesmas no mercado de trabalho.

Defendia a implantação de uma educação socialista. Acreditava que a escola deveria romper com a influência do governo e da igreja. No estado burguês, a escola é instrumento de manobra de massa. A relação de dominante e dominado reforça o ensinamento limitado aos filhos dos operários ratificando a instrução suficiente para a leitura diante da sociedade que se industrializa tornando a massa operária um rebanho fácil de governar.

Ao escrever *Ao congresso dos professores públicos*, em dezembro de 1913, para um folheto chamado *Verdade Proletária*, tece crítica ao tipo de vida dos professores no campo com míseros salários e péssimas condições de vida. No primeiro congresso de professores públicos em São Petersburgo, do referido ano, ressalta sobre uma nova perspectiva do ponto de vista emancipatório. A líder bolchevique chama atenção de como a escola deve superar o tipo de educação oferecido pela burguesia. (KRUPSKAYA, 2017)

Compreendia que o materialismo histórico-dialético, proposto por Marx, poderia possibilitar uma nova visão de mundo e que tudo aquilo que era ensinado à juventude pode mostrar um caminho para uma nova sociabilidade¹⁰⁶.

Nessa perspectiva, apresentava as demandas da classe operária para se objetivar uma escola livre de todas as formas de opressão. Entre elas: educação gratuita para crianças de todos os sexos; escola separada da igreja; ampla participação da comunidade no desenvolvimento das atividades escolares; plena liberdade de opinião docente a fim de contemplar as crianças que são o futuro. Krupskaya escrevia sempre a partir das necessidades humanas – nunca se permitia se distanciar da realidade. (KRUPSKAYA, 2017).

Em outubro de 1917, após o triunfo bolchevique, as mulheres soviéticas ganharam mais liberdade. Nesse período, passa a dedicar-se de forma mais intensa à educação para as massas. No primeiro governo soviético, liderado por Lenin em 1917, assegura-se o direito de

¹⁰⁶ Trata-se da sociabilidade comunista. Com ela se apresenta a possibilidade de compreender a realidade social até a sua raiz mais profunda, vale dizer, até a ação humana como responsável última e única e, ao mesmo tempo, de superação da sociabilidade capitalista. (TONET, p.7)

votar e serem candidatas, o direito ao divórcio, o acesso universal aos salários iguais aos dos homens, auxílio educação para aliviar responsabilidades familiares, o direito à liberdade de aborto. Mesmo diante a repressão czarista, não esqueçamos que o conflito de 1905 é que abre as possibilidades para revolução de 1917. “Quando Lênin assumiu o comando em 1917, o contexto era de instabilidade devido à ameaça constante provocada pelas forças armadas estrangeiras, às quais se somaram ao frio, à fome e à crise econômica e política.” (SILVA, 2015, p.56)

A revolução de outubro abriu uma possibilidade para construção do comunismo. Para um comunista, muito mais importante do que saber o que é o comunismo é vive-lo.

Isto significa que o comunista não fica indiferente aquilo que acontece no seu entorno, pois ele está lutando ativamente contra aquilo que prejudica a causa do comunismo, está lutando contra aquilo que prejudica os interesses da massas operárias. (KRUPSKAYA, 2017, p.93)

As condições adversas do campesinato e do operariado russo ao final do século XX acabaram contribuindo para a luta contra a aristocracia. Em 1917 Krupskaya acentuou as críticas da situação educacional vivida na Rússia. Nessa Revolução, a educação foi um dos problemas mais solicitados para ser solucionado com urgência. O primeiro programa soviético de educação (1917) foi redigido por N.K. Krupskaya, Lunacharsky e Blonsky. “Desde então experimentou mudanças (em 1923, 1926,1935, 1939,1948,1958), porém seus princípios permaneceram no substancial”. (LARROYO, 1974, p.849 *apud* FERREIRA, 2014, p.66).

Com a revolução de outubro, Krupskaya publicou o *Programa Russo de Ensino* que recomendava ao governo organizar instituições gratuitas para crianças em idade pré-escolar. À medida que essas instituições se organizavam se fazia necessário organizar congressos para discutir sobre a temática.

No relatório *O Trabalho Pré-Escolar no Campo*, salienta também a importância das instituições pré-escolares no campo, pois este garantia o cumprimento das atividades do Partido sobre a mobilização das camponesas para a atividade social e política, além de também contribuírem para a educação das crianças. (SILVA, 2015)

Foteeva (1986) reforça que para a edificação do sistema de educação estatal pré-escolar nas bases socialistas era necessário elaborar a teoria da educação pré-escolar. No III Congresso sobre a Educação Pré-Escolar de 1924, foi dada atenção especial às questões afetas à formação dos educadores e à educação que se deveria ofertar aos escolares, e uma questão colocada em pauta foi a educação musical. Foi elaborada uma carta metódica intitulada “O trabalho musical e rítmico para a educação pré-escolar” e foi sistematizada ainda uma coletânea de canções que

incluía canções revolucionárias, populares e contemporâneas para todos as faixas etárias dos jardins infantis. (FOTEEVA, 1986 *apud* SILVA, 2015, p.77 e p.78).

No período pós-revolucionário, o partido comunista procurou estabelecer novos paradigmas para a escola a partir de dois grandes objetivos: superar as questões do analfabetismo e a superação das ideologias burguesas nas escolas.

Para Lênin e Krupskaya a apropriação do conhecimento científico moderno e de uma visão comunista de mundo eram fundamentais à construção de um novo paradigma, complementa Silva (2015, p.69), “Lênin defendia que não se poderia desvalorizar a cultura burguesa do passado, nem a ciência e a tecnologia. Defendia a necessidade da conscientização quanto à luta de classe e à importância da formação politécnica voltada para o trabalho.”

Krupskaya chama a atenção para a importância do Escolanovismo e sua influência na organização do ensino soviético, especialmente nos primeiros anos pós-revolução. Embora se tivesse a clareza que a educação baseada nesses métodos objetivavam a atender os interesses burgueses.

Em 1919 o Partido Comunista cria o Departamento de Mulheres, o primeiro coletivo de massas criado por mulheres obstinadas em defender a luta de classes. Levantar a bandeira e defender a causa feminina foi desafiador, uma vez que o movimento era encarado como segregador, muitas foram hostilizadas nas lutas do movimento feminino e ficaram como as “*bytoviki* (ativistas dedicadas a transformação do cotidiano).” (JINKINGS, 2017)

O Zhenotdel, Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Mulheres Camponesas, rebento de conferência realizada em Moscou em 1818¹⁰⁷, foi oficialmente criado em 1919 e objetivava alcançar a emancipação feminina superando a visão da figura da mulher submissa e despolitizada.

No ensaio *A libertação das mulheres e a Revolução Russa*, Wendy Goldman (2014) retoma como a Revolução de 1917 gera uma nova expectativa de liberdade com relação a emancipação feminina – mulheres e homens livres para escolherem os objetivos de vida. Com a Revolução de Outubro,

A dependência das mulheres em relação aos homens, tanto no seio da família camponesa patriarcal quanto entre os trabalhadores assalariados, seria abolida. As mulheres seriam trabalhadoras assalariadas financeiramente independentes, em igualdade de condições com os homens. (JINKINGS, 2017, p.63)

¹⁰⁷ Tendo a frente as militantes Alexandra Kollontai, Inessa Armand, Nadezhda Krupskaya, Konkordia Samoiloova, Klavdia Nikolayeva e Zlata Lilina.

O código da família de 1918 rompe com as tradições tzaristas e anuncia uma nova era de liberdade social – marcada por um rompimento com a Igreja Ortodoxa.

No prazo de dois meses após a tomada de poder, foram aprovados dois pequenos decretos substituindo o casamento religioso pelo civil e estabelecendo divórcio a pedido de qualquer dos cônjuges. [...] No lugar da autoridade religiosa, criou cartórios de registro de nascimento, morte, casamento e divórcio, tornando o casamento uma questão de simples registro. (JINKINGS, 2017, p.67)

O código reforça o papel da igualdade de gênero perante a lei. Ele reverbera os ideais da revolução e em 1920 a Rússia torna-se o primeiro país do mundo a legalizar o aborto e, importante salientar, custeado pelo governo. Apesar dos fortes ideais revolucionários, o código da família esbarrava em questões pragmáticas como a miséria herdada por sucessivas guerras, além de entrar em conflito com as tradições patriarcais camponesas. A possibilidade de liberdade plena também apresentava suas contradições. (JINKINGS, 2017).

Com a Revolução de Outubro, Krupskaya critica o magistério herdado pelo regime antigo, alheio às verdadeiras necessidades da classe trabalhadora – contrária à escola do ensino em que o professor protagoniza o mero fazer. Somente com a transformação da escola do pequeno burguês é que se pode pensar na escola do trabalho em sua plenitude.

O analfabetismo na Rússia, herança czarista, virou uma prioridade na educação soviética, que em 1919 o governo emitiu um decreto¹⁰⁸ para erradicar o analfabetismo dos oito aos cinquenta anos. Os primeiros anos pós revolução (1917-1921) foram de intensa instabilidade em função do caos político e econômico.

Em maio de 1922, Lênin sofreu o primeiro de uma série de derrames, e como estava atento às ações de Stálin, começou a afastá-lo do cargo de Secretário-Geral do Partido Comunista. Lênin, o principal dirigente da Revolução, faleceu em janeiro de 1924. Trotski, mesmo com sua popularidade, não conseguiu vencer Stálin. No cargo de Secretário-Geral, Stálin obtinha o poder do Partido e, em decorrência da Guerra Civil, os trabalhadores que poderiam apoiar Trotski haviam morrido. Devido à sua oposição a Stálin, Trotski foi expulso do Partido, exilado e assassinado por um agente de Stálin. (SILVA, 2015, p.57)

Especula-se também que em 1919 a doença de Krupskaya começa a se evidenciar e ela se vê na condição de desacelerar seu ativismo. A falta de saúde atribui a Krupskaya o “fardo” de não haver tido filhos com Lênin. Fala-se ainda, embora sem registros que evidencie, que isso era um ponto dolorido para família de Lênin com a qual Krupskaya precisava conviver. No entanto, no conjuntos das cartas analisadas em momento algum o

¹⁰⁸ O Libkeze, *Sobre a erradicação do analfabetismo entre a população da RSFSR em sua língua materna.*

assunto é tocado por Krupskaya, pela mãe ou pela irmã de Lênin, com a qual Nadezhda manteve estreita relação.

O contexto revolucionário russo se desenvolveu em condições totalmente adversas em que imperava a fome, o frio e a miséria e numa população de flagelados em que o pão se tornava muito mais importante do que algum tipo de liberdade. Um povo de mais de 80% de analfabetos.

Em 1923 uma organização voluntária, Down Wirth Illiteracy,¹⁰⁹ trouxe uma campanha para alfabetização em massa. Suas ações foram notáveis no campo e dez anos após o decreto, a Rússia já havia quase dobrado o número de matrículas na escola primária. Ressalta-se ainda que solucionar a questão da alfabetização¹¹⁰ era apenas o primeiro passo para resolver os problemas da educação.

A revolucionária contribuiu para o desenvolvimento de novos currículos e métodos – preocupada sempre em oferecer um novo conteúdo que pudesse vincular a escola à vida cotidiana, introduzindo os alunos a pensarem de forma autônoma e coletiva.

Não esqueçamos a preponderância do papel de Makarenko e Pistrak no combate ao analfabetismo que assolava o povo russo. Obviamente a revolução socialista visava romper e superar as estruturas econômicas e, também, formar o novo homem, novos hábitos, novos costumes.

As primeiras grandes experiências no tocante à organização e aos métodos das instituições pré-escolares iniciaram pouco tempo após a revolução. Recupera Silva,

Para a organização de jogos e de aulas recomendava-se não só utilizar brinquedos, mas o material mais variado (argila, areia, madeira, metal, tecidos, pregos, conjuntos de instrumentos); criar terrários, viveiros etc. Dedicava-se uma grande atenção à condução de diversos tipos de aulas: desenho, moldagem, recorte, construção com cubinhos de areia, tratamento de plantas e animais, canto, escuta de música, rítmica. Acentuava-se a atenção dos educadores em questões tais como: desenvolvimento da linguagem, narração de histórias através de ilustrações, leitura em voz alta, formação do amor pela natureza, etc. (FOTEEVA, 1986, p.38 *apud* SILVA, 2015, p.76 e p.77).

Em 1921, Krupskaya liderou a comissão¹¹¹ responsável pela criação dos currículos e programas escolares da Rússia. Para os pioneiros da educação russa, esta deveria

¹⁰⁹ Seu slogan, “Alfabetizado, Ensine o Analfabeto!”. Trouxeram jovens estudantes, professores e grandes setores da *intelligentsia* para participar o trabalho. O resultado foi que entre 1920 e 1940 cerca de 60 milhões de adultos foram ensinados a ler e escrever.

¹¹⁰ Ao que parece as contribuições da Teoria da Aprendizagem do bielorrusso Vygotsky foram fundamentais para ajudar a praticamente erradicar o analfabetismo da Rússia em oito anos.

¹¹¹ Comissão Científica Estatal, onde fundou a revista *A caminho de uma nova escola*.

apresentar um novo horizonte ao homem. Uma educação capaz de transformação social da classe trabalhadora em direção ao socialismo. (KRUPSKAYA, 2017)

No mesmo ano escreveu ainda sobre *A questão da educação comunista*, evidenciando como as questões da educação mudam de acordo com os interesses da classes burguesa.

Krupskaya coordenou a elaboração dos programas oficiais do governo de 1º e 2º graus. Considerava que ensinar é tratar a vida, o trabalho e o estudo de forma integrada. O estudo era conduzido pela observação do meio e dos livros e organizado por complexos¹¹².

Para ela o papel da educação era fundamental para a construção do socialismo, a fim de fomentar um novo tipo de relação entre os homens. Sua grande bandeira foi a educação. Compreendia também que a escola sozinha não daria conta de todos os desafios, esta por sua vez deve relacionar-se com os outros organismos sociais.

Certamente uma escola destinada à burguesia inevitavelmente contribuirá para a classe dominante governar a população. Por isso a burguesia deseja inexoravelmente uma educação obrigatória e rudimentar ao proletariado, uma vez que, com as massas semiletradas, será muito fácil reforçar a relação de poder – nessa perspectiva a construção do conhecimento causa um processo de afastamento da realidade, acrescenta:

Na escola, cada dia, cada hora, cada minuto, o estudante executa suas atividades em obediência e respeito aos mais velhos. A adoração pelo poder pela riqueza e pela educação burguesa é ensinada aos estudantes a partir da pouca idade. [...] O sistema de estímulos, recompensas, punições e notas destina-se a criar entre os estudantes a concorrência, a “competição”. Em poucas palavras, a tarefa da escola pública é manter os estudantes com a moral burguesa, diminuir a sua consciência de classe, fazer deles uma rebanho obediente, fácil de controlar. (KRUPSKAYA, 2017, p.68)

Uma escola que doutrina a ordem burguesa certamente formará pessoas muito mais obedientes à ordem mundial. De acordo com a perspectiva de progresso, modificam-se as formas de alienação que sempre são sutis e ardilosas, porém eficazes. Para superar uma escola classista, a educação precisa refletir as necessidades da sociedade.

O governo dos operários e camponeses que respeita os interesses das massas populares deve romper com o caráter de classe da escola, deve fazer com que a escola em todos os níveis seja acessível a todos os segmentos da população, mas fazer não em palavras, mas em atos. (KRUPSKAYA, 2017, p.70)

¹¹² Conjunto de fenômenos concretos tomados da realidade e agrupados em torno de uma ideia ou tema central definido. Os *Temas Centrais* são eixos em torno dos quais todas as forças da escola devem ser empregadas, incluindo o estudo das matérias. O ensino deve se basear partir do cotidiano.

Krupskaya acreditava que a principal função da escola era transmitir uma visão científica do mundo sem perder o caráter da autogestão. Em um país onde a classe trabalhadora havia tomado o poder pelas próprias mãos, a escola deveria ensinar as crianças a resolverem juntas os problemas do cotidiano. Confluindo seus pensamentos com Máximo Gorky¹¹³, para Krupskaya a construção do socialismo não significa apenas a construção de grandes fábricas e moinhos de cereais: essas coisas são necessárias, mas não em si suficientes para a construção do socialismo. (STATKIN, 1994)

Identificar, ainda que parcialmente, as produções de Krupskaya exigiu um esforço cronológico para concatenar as ideias que nortearam seu pensamento, uma vez que o conjunto de seus escritos encontram-se em edições distintas e em fragmentos de revistas e periódicos, por exemplo: a) Obras pedagógicas de Krupskaya em dez volumes, Moscou, Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR (República Socialista Federativa Soviética da Rússia)¹¹⁴; Obra Pedagógica de Krupskaya em seis volumes. (Academia de Ciências Pedagógicas SSSR)¹¹⁵; Produções do Instituto Marxismo-leninismo; Seção francesa e diversos textos em inglês e espanhol. O quadro abaixo apresenta publicações de revistas e periódicos cuja parte da tradução foi elaborada pelo autor, especialmente no que tange ao conjunto de *Cartas de Krupskaya* remetidas entre 1898 e 1915.

Quadro 1 - Publicações de revistas e periódicos (Continua)

Rússia Soviética (1957-1963) – Ed. em 10 volumes ¹¹⁶ Ed. em 11 volumes ¹¹⁷	URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviética – 1978 (80) (06 volumes)	Instituto Marxismo- leninismo. NKK: Obras escolhidas. Moscou: Politizdat, 1988.	Produções diversas (Livros, artigos, panfletos etc)
A Mulher operária (1899) v.1	Educação Pública para Crianças e Adolescentes. v.4.	Ao congresso dos professores públicos (1913)	Tarefas da escola de primeiro grau. Na putyakh k novoy shkole, n.1, 1922.
Prefácio - Educação Pública e Democracia (1915). v.1.	Auto-Gestão das crianças na escola. v.4.	Sobre a questão da escola socialista (1918)	Questões sobre os programas. Na putyakh knovoy shkole, n.2, 1922.
Sobre a questão do trabalho socialmente necessário da escola. (1916). v.3.	Problemas da educação politécnica. v.4.	As operárias e as camponesas nos conselhos. (1927)	Esquema dos programas do primeiro concentro do II grau. Na putyakh k novoy shkole, n.3, 1922.
Materiais para revisão do programa do partido (1917). v.2.	Na educação pré-escolar das crianças v. 5.	Lenin: como propagandista e agitador. (1933).	Sobre os novos programas. Revista Narodnyy Uchitel, n. 1, 1924.
A questão da educação comunista. (1921). v.2.			Diretrizes Leninistas no campo da cultura. Moscou, 1934.
Sobre a questão da educação comunista da juventude.	Seção de publicações em Francês.	Conjuntos de Cartas	Escritos Pedagógicos [Obras Educativas] Moscow, Progress,

¹¹³ Escritor e ativista político russo, estudioso de Marx e seguidor de Lênin.

¹¹⁴ Consistia em dezesseis repúblicas autônomas, cinco oblasts autônomos (divisão administrativa equivalente a uma província), dez okrugs (similar ao distrito federal) autônomos, seis krajs (territórios subdivididos em distritos) e quarenta oblasts.

¹¹⁵ Unidades administrativas subordinadas diretamente ao governo da União Soviética (Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, Transcaucásia, Estônia, Lituânia, Letônia, Moldávia, Geórgia, Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Quirguizão e Tadjiquistão).

¹¹⁶ Edição em 10 volumes apresentada pelo professor Luiz Carlos de Freitas.

¹¹⁷ Edição em 11 volumes apresentada por Skatkin (1994), organizada por YA Alferov. Publicações UNESCO.

(Conclusão)

(1922). v.2.			1978. 311 páginas.
Ideologia proletária e cultura proletária (1922). v.7.	Trabalho e instrução política na Rússia Soviética. (1920) Instituto Superior de Formação Política e Instrução Geral (1920)	Cartas de Krupskaya (1898): 12 cartas; Cartas de Krupskaya (1899): 10 cartas;	Acerca de la educación comunista. (1978) La educación de la juventude. (1978)
As tarefas da escola de primeiro grau. (1922). v.3.	Cinco Anos (1922) Como viveu Lênin no exterior (1922) Da emigração para Petrogrado (1922) Sobre a passagem de Lenin pela Alemanha (1922)	Cartas de Krupskaya (1900): 11 cartas; Cartas de Krupskaya (1901): 05 cartas;	Sobre Educação Politécnica, Trabalho Educação e Instrução. Trabalhos Coletados. Moscou, 1982. 223 páginas.
Auto-organização escolar e organização do trabalho. (1923). v.3.	Memórias sobre Lenin. v. 2. (1926) Diferença entre o ensino profissional e educação politécnica. Lênin e a politecnia	Cartas de Krupskaya (1902): 01 carta; Cartas de Krupskaya (1903): 01 cartas;	Educação e instrução orientada para o trabalho. (Prefácio de MN Skatkin.) Moscow, Progress, 1985. 165 páginas.
Sobre os complexos. (1925). v.3.	A reconstrução da economia nacional e a instrução politécnica: A escola do proletariado. (1976)	Cartas de Krupskaya (1904): 03 cartas; Cartas de Krupskaya (1907): 02 cartas;	Prefácio a emancipação da mulheres (1933) Como Lenin estudou Marx.
Lenin: sobre a educação e o professor público. (1927). v.2.	Sobre o ensino politécnico Escritos pedagógicos Sobre ensino e a formação para o para o trabalho	Cartas de Krupskaya (1909): 01 carta;	Da ética comunista. (1924)
Sobre o Politecnicismo. (1929). v.4.			The Lessons of October. (1925)
Dias de Lenin. (1931). v.2.			Lenin – Su vida, su doctrina (1984) ¹¹⁸
O papel de Lenin na luta pela escola politécnica. (1832). v.4.	O papel educador do professor. Educadores devem valorizar as potencialidades. (1927). Artigo.	Cartas de Krupskaya (1910): 01 carta;	Fragmento do Discurso pronunciado no VI Congresso das Juventudes Comunistas da Rússia. (1924). **
A escola politécnica e a organização dos pioneiros. (1932). v.5.		Cartas de Krupskaya (1911): 02 cartas;	Carta a Gorki (1932) **
Marx e a educação comunista da juventude. (1933). v.2.		Cartas de Krupskaya (1912): 02 cartas;	Carta aos Operários e Operárias da Fábrica “As Três Montanhas” (1933) **
O que o professor deve dominar para ser um bom educador soviético. (1933). v.3.		Cartas de Krupskaya (1913): 05 cartas;	Porque é que a II Internacional Defende Trotsky (1937)
Por uma educação internacionalista. (1934). v.5.		Cartas de Krupskaya (1914): 04 cartas;	Acerca de la educación pré-escolar. Editorial Moscú. Prosvieschenie(1973).
Lenin e a moral comunista. (1937). v.5.		Cartas de Krupskaya (1915): 03 cartas;	La unión de la juventude. Jornal Pravda , 27 maio de 1917.
Os ensinamentos de Marx para o educador soviético. (1938). v.3.	Cartas de Krupskaya (1915): 01 carta;	La lucha por la juventud obrera. Jornal Pravda , 30 maio de 1917. La educación laboral e la enseñanza, 1986.	

Fonte: Elaborada pelo autor

No curso de sua vida, chegou a mais de três mil publicações: livros, panfletos, artigos, resenhas entre outros. Muito do seu trabalho foi traduzido para vários idiomas entre eles, o espanhol, o inglês e o francês e, mais recente, para a língua portuguesa, traduzidos direto do russo. Muitas obras produzidas possivelmente devem se encontrar sistematizadas em tomos.

¹¹⁸ Krupskaya descreve em quinze capítulos a experiência ao lado de Lenin, desde o período de exílio até a revolução de 1917.

** Coleção Biblioteca do Socialismo Científico – Editorial Estampa, Portugal.

O movimento feminista na Rússia, sem dúvida, deixou um legado para o mundo. “Os bolcheviques articularam uma visão da libertação da mulher, e as mulheres soviéticas lutaram para alcançá-la.” (JINKINGS, 2017, p.75).

O *Manifesto Comunista* escrito por Marx foi uma convocação para a luta do proletário internacional e indissociavelmente também para incorporar um movimento que abre caminho para a emancipação feminina diante das condições desumanas de trabalho nas fábricas. Anunciar uma greve geral em 08 de março de 1917, além de inaugurar o dia internacional da mulher, serviu também como propulsor para a Revolução de Outubro.

No artigo *Guerra e Maternidade*, datado de 1920, Krupskaya reconhece como a guerra reconfigura as relações familiares com a ausência da figura masculina no lar, ao mesmo tempo desperta um sentimento de autonomia nas mulheres.

A guerra levou o país ao extremo da miséria e da ruína. E, em regra, a miséria é a sepultura das relações. Vemos como a mulher e entrega a si mesma pelo pão, pela permissão de atravessar a tropa de barreira com um saco de farinha. Ainda há um número significante de canalhas propensos a abusar de mulheres indefesas, e elas engravidam dos homens que nunca tinham visto antes. Não podemos nos calar sobre isso. A miséria força a mulher a se vender, e que se vende não são prostitutas, que fazem disso a sua profissão, mas mães de família, muitas vezes pelos filhos ou pela mãe idosa. (SCHNEIDER, 2017, p. 92)

Krupskaya reage com indignação à forma como a mulher é obrigada a prostituir-se em troca da própria alimentação ou para sustento da família. Nos remete a refletir sobre a hipocrisia social em que vivemos que marginaliza a prostituição e, por outro lado, alimenta um mercado clandestino permissivo pela figura masculina que leva o indivíduo ao processo de desumanização.

O governo precisa criar condições para colocar a mulher ombreada ao homem. Necessita proteger a maternidade, as crianças e especialmente os recém-nascidos. Se antes ainda que de forma limitada o marido dividia os afazeres com a esposa, no período da guerra tal tarefa havia caído no esquecimento. (SCHNEIDER, 2017).

No tocante ao período pós-revolução, acrescenta:

O poder soviético se esforça ao máximo para tirar da mulher o peso de cuidar dos filhos. Ele abre maternidades para mulheres desfavorecidas, creches, jardins de infância, colônias. Mas, a bem da verdade, temos que admitir que isso é uma gota no oceano. Agora que a guerra civil está terminando, que a atenção se volta cada vez mais para o *front* interno, onde não se derrama sangue, é possível fazer muito mais na área da educação pública. (SCHNEIDER, 2017, p. 95)

Krupskaya é uma das mulheres de sua época a tratar a questão do aborto – embora proibido – que era praticado em clínicas, ainda que clandestinas, por pessoas de condições

mais abastadas. Aquelas que não tinham condições para esse procedimento submetiam-se a pessoas sem competência. No que se refere a legalização do aborto, afirma:

A luta contra o aborto não deve consistir na perseguição das mulheres, que muitas vezes arriscam a própria vida ao abortar. Tal esforço deve ser direcionado para eliminação das causas sociais que colocam a mãe em uma situação em que, para ela, só resta abortar ou afogar-se. Enquanto as circunstâncias gerais não forem extintas, as mulheres continuarão abortando, não importa quão cruéis sejam os castigos sofridos por elas.

[...] Discutir a questão é discutir o fracasso da sociedade capitalista, é discutir uma ampla categoria de mulheres que precisam controlar a procriação, é discutir a pobreza, a desigualdade social etc.

[...] Enquanto não for garantido à mulher parir, amamentar e educar o filho em circunstâncias bastante favoráveis, enquanto isso não fizer parte da realidade, enquanto o governo não organizar essa condição, será preciso proporcionar a ela a possibilidade de abrir mão da maternidade com o menor prejuízo possível para a sua saúde e para as forças de sua alma. (SCHNEIDER, 2017, p. 95 e p.96)

Para Krupskaya somente com a legalização do aborto era possível acabar qualquer tipo de especulação. O aborto não pode criminalizar uma mãe e, se a mulher não deseja ter o filho, o melhor é prevenir. Passados 100 anos após a legalização do aborto na Rússia, esse assunto é um tabu em muitos países conservadores e com os piores IDH do planeta e que o Brasil¹¹⁹ não se encontra fora desta lógica.

Passada a revolução, Lênin sofreu três derrames. É possível que nesse período tenha se estabelecido efetivamente os primeiros ruídos entre Stálin e Krupskaya. A morte de Lênin em 1924 acaba deixando-a a margem da esfera política, o que mais tarde leva-a a conduzir seus ideários sob a linha dura do stalinismo, ainda assim, torna-se membro do *Comitê Central* e deputada do *Soviete Supremo*.

Ao final de 1925 enfrenta de forma mais objetiva Stálin e Bukharin¹²⁰ em nome da oposição de Leningrado. Nesse período, “no XIV Congresso do bolchevique, Zinoviev¹²¹ e Krupskaya enfrentam Stálin a fim de retomar a ditadura do proletariado, contudo não saem vencedores.” (LODI, 2016).

¹¹⁹ Tomando como base o Relatório de Desenvolvimento Humano (2016), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), lançado em março de 2017 na Suécia, os países (Noruega, Austrália, Suíça, Alemanha, Dinamarca, Cingapura, Países Baixos, Irlanda, Islândia e Canadá) que lideram o ranking do IDH possuem o aborto permitido. Por outro lado, completam a outra ponta da tabela países (Guiné-Bissau, Serra Leoa, Eritreia, Moçambique, Sudão do Sul, Guiné, Burundi, Burkina Faso, Chade, Níger e República Centro-Africana) que ainda tem o aborto como tabu em seus territórios. O Brasil ocupando 79ª posição acaba seguindo essa lógica.

Fonte: <http://www.br.undp.org/content/dam/brazil/docs/RelatoriosDesenvolvimento/undp-br-2016-human-development-report-2017.pdf>

¹²⁰ No período revolucionário fazia parte da esquerda comunista e após a morte de Lênin tornou um dos principais aliados de Stálin. Acusado de deslealdade foi executado no pelo próprio stalinismo em 1938.

¹²¹ Grigori Zinoviev era um revolucionário bolchevique. Foi executado em 1936 no regime stalinista.

Krupskaya permaneceu na oposição até 1927. Especula-se que sua saída se deu por conta da divisão do partido e por conta de chantagens de Stálin sobre a sua vida privada. A expulsão de Trotsky da Rússia com exílio que findaria no México, também sinalizava que aquele seria um período muito truculento.

É provável que Krupskaya tenha tido a lucidez de pensar que, ao invés de alimentar questões de ordem pessoal com relação a Stálin, fosse mais importante convergir sua energia no projeto educacional russo. Nesse sentido, acabou tomando parte nos planos quinquenais, bem como na educação da juventude comunista e na implementação da Escolas-Comunas que posteriormente viriam a ser fechadas pelo regime e integradas aos sistema de ensino.

Em 1929 foi condecorada a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho¹²². No período em que antecede sua morte afasta-se para cuidar da irmã de Lênin. Em 1939, aos 70 anos, falece dias antes de participar de um importante congresso.

4.2 A EDUCAÇÃO PARA MENINAS E MENINOS

Krupskaya entendia que a educação deveria ser dirigida com as mesmas atividades para homens e mulheres e que o ensino deveria ser do tipo geral e para a vida. A divisão de atividades dessa natureza, para ela, não passava de uma questão social.

O abismo que existia na educação oferecida aos gêneros diferentes, acabava se tornando um processo naturalizado. As meninas orientadas ao trabalho manual, enquanto os meninos ao trabalho intelectual. Na transição do século XIX para o século XX essa era a realidade da educação da Rússia dos tzares, em Krupskaya,

[...] a educação aparece como elemento necessário a todos, independente do sexo e, principalmente, independente de classe social porque, para além da discussão de sexo, o elemento mais discriminador se dava por parte das questões de classe. [...] O capitalismo tende a naturalizar as diferenças socialmente criadas, como a que existe entre as classes dominantes e os dominados. Essa diferença é também reproduzida no interior da família, onde o pai – homem – exerce o papel de dominador enquanto a mãe – a mulher – e os filhos – as crianças – são dominados, por isso deveriam respeito e obediência em um sistema de desigualdade. (LODI, 2017, p. 83 e p.84).

A escola deveria ser livre. O olhar de Krupskaya, embora possa em alguns momentos se apresentar como um discurso essencialmente feminista – como aqueles proferidos por outras revolucionárias de sua época – defendia os direitos iguais para homens e mulheres.

¹²² Condecoração atribuída para honrar grandes feitos na educação e na política.

O capitalismo tem essa característica singular, ao mesmo tempo em que aproxima as pessoas, paradoxalmente, provoca uma relação de estranhamento entre os indivíduos. Krupskaya sempre defendeu a coletividade – um tipo de relação que pudesse reverberar na sociedade socialista.

No início do século XX, a figura da mulher e da criança passaram a receber um outro olhar. O Partido Social Democrata da Rússia já reivindicava a separação da escola da igreja, a fim de que o Estado garantisse a gratuidade do ensino até os 16 anos.

Lênin, juntamente com o partido dos bolcheviques lutava a favor da democratização da instrução pública na Rússia e pela criação de um sistema educação social para as crianças. Lênin deu atenção especial ao Engajamento das mulheres para o trabalho social e para o movimento evolucionário, reforçou a necessidade da instalação de instituições de Educação Infantil.

[...] Exigiam ainda que fosse proibida a utilização do trabalho das mulheres nos locais prejudiciais a elas, liberá-las do trabalho antes e depois do parto, com garantias ao salário. (SILVA, 2015, p.65 e p.66)

Nesse período, diversos revolucionários dedicaram-se à luta da educação pública,

Tólstói (1828-1910) era o principal defensor das teorias de Uchinski, tanto que ele próprio, no ano de 1859, instituiu sua própria escola, situada em sua propriedade de Iasnaia Poliana, em Tula, a 100 quilômetros de Moscou. Nessa escola, Tolstói escrevia, especialmente para seus alunos, um ABC em quatro volumes, contendo contos populares e noções científicas. A escola era gratuita, mas que não era obrigatória, e atendia o filho dos seus colonos. (SILVA, 2015, p.66 e p.67)

O regime czarista nunca apoiou nenhum tipo de organização e muito menos preocupou-se com a situação da mulher trabalhadora. No período que antecede a Revolução de Outubro, a maioria das escolas estava a cargo do controle da Igreja. Uma educação baseada na leitura de textos eclesiásticos, característica, também presente nos países latinos.

Krupskaya deu grande importância às organizações infanto-juvenis, – diante a conjuntura adversa nos aspectos econômicos e políticos, suas contribuições foram importantes principalmente no que concerne à educação infantil.

Em artigo publicado no Pravda, 1923, Krupskaya nos faz chegar ao Comitê Executivo da Juventude Comunista Internacional que em julho do referido ano organizou a *III Semana Internacional da Criança*, era o movimento infantil em fase de organização. Nos Jovens Pioneiros, como é chamada a organização comunista infantil, onde meninas e meninos poderiam ingressar a partir dos 11 anos, prevalecia,

[...] instintos coletivistas em seus membros, acostumando-os a compartilhar as alegrias e tristezas com a comunidade, não se separar dela e pensar que são membros da coletividade, esforçar-se para formar hábitos coletivistas, isto é, a arte de

trabalhar e agir coletivamente, de maneira organizada, submetendo sua vontade à comunidade, para realizar suas iniciativas através dela, conquistando a opinião da comunidade e, finalmente, buscando forjar a consciência comunista das crianças, ajudando-os a entender que eles são membros da classe trabalhadora que luta pela felicidade da humanidade, membros do grande exército do proletariado internacional. (KRUPSKAYA, 1978, p.27, tradução nossa.)

Para Krupskaya, quanto mais cedo as crianças se incorporarem ao movimento infantil, mais rápido se preparariam para o mundo – e a organização deveria ter o papel de ajudar as crianças no tocante à ausência da família e ajudar a desenvolver suas atividades ocupando suas mentes.

Compreendia que as crianças deveriam ter acesso a coisas para crianças. As brincadeiras são uma necessidade ao desenvolvimento infantil, ajudam na formação da força física, inteligência e criatividade, tornam a criança mais firme e mais ágil, ajudam a adquirir hábitos de organização e integridade.

[...] os jogos, as excursões ao campo, a poesia das histórias em torno da fogueira, as visitas às fábricas e a participação nas confraternizações proletárias deixam uma impressão que não se apaga em toda a vida, e unem todas estas emoções com a ideia da organização, de coletividade. A participação em festas proletárias, visitas a clubes de trabalhadores, fábricas e comparecimento a reuniões de trabalhadores vincula-se a laços fortes com os filhos da classe trabalhadora, laços que devem ser fortalecidos por todos os meios. As seções femininas, as células partidárias e os sindicatos devem patrocinar os pioneiros e não barganhar os esforços para fortalecer o espírito de solidariedade de classe para as crianças. (KRUPSKAYA, 1978, p.27, tradução nossa.)

Manifestou sempre a necessidade do espírito coletivo e tendo por finalidade a formação das massas operárias e camponesas objetivando o desenvolvimento múltiplo das crianças e jovens de todos os sexos, tendo como um dos grandes desafios da revolução a emancipação feminina.

Ao lutar pela emancipação feminina, nunca demonstrou ser contra a família. Questionava na verdade o modelo de família patriarcal, os conceitos de matrimônio, o papel da mulher na sociedade, a erradicação do analfabetismo entre as mulheres, bem como a garantia de direitos para mulheres e homens.

No livro *O melhor para as crianças: a educação pré-escolar pública na URSS*, Foteeva (1986) assevera que

na segunda metade do século XIX, existiam, na Rússia, os primeiros Jardins Infantis, de ordem privada, e por esse motivo os filhos dos trabalhadores não tinham acesso à Educação Infantil. Somente em 1866 foi instituído o primeiro Jardim de Infância gratuito na Rússia. Essa instituição era financiada pela opinião pública e não pelo Estado, por isso manteve-se aberta por um período curto, devido à falta de recursos.

[...]atesta que o índice de alfabetismo na Rússia era baixo, e reforça que os documentos de recenseamento da população em 1897 demonstram que, entre os homens, apenas 29,3% sabiam ler e escrever enquanto a percentagem das mulheres alfabetizadas era ainda menor, de 13,1%. [...]Que cada educadora tinha sob sua responsabilidade 50 ou mais crianças e o trabalho acabava sendo limitado devido à falta de recursos para a aquisição de materiais domésticos, didáticos, jogos e brinquedos; os espaços não eram devidamente adequados. (FOTEEVA, 1986 *apud* SILVA, 2015, p.63 e p.64)

Krupskaya se debruçou sobre os sistemas e ações pedagógicas que nos fazem pensar de que forma o seu pensamento contribuiu para a atualidade. Silva (2015) traz como recorte o período de 1916-1939, ressaltando especificamente a importância que Krupskaya dava às crianças. No período mais adverso econômica e politicamente da Rússia, a revolucionária centra seus esforços na educação. Como mencionamos anteriormente, a Rússia antes da Revolução possuía altos índices de analfabetismo.

Nesse sentido, cumpre salientar que Krupskaya escreveu para seus contemporâneos, e seus estudos e pesquisas se desenvolveram a partir de uma necessidade histórica. Isto não significa que seus escritos não sejam importantes para nos ajudar a pensar questões da atualidade – pelo contrário, o estudo dos textos de Krupskaya e dos demais autores que se dedicaram à reorganização da educação soviética, dentre eles Makarenko (1888-1939), nos permite entender as respostas dadas por esses autores às necessidades de seu tempo e a pensarmos em respostas e soluções para as questões atuais, uma vez que muitas delas foram objetos de estudo de Krupskaya. (SILVA, 2015, p.61)

Krupskaya é uma das principais interlocutoras da pedagogia de Makarenko. A experiência na Colônia de Gorki, na segunda década do século passado, supera o método geral de organização para um método baseado na coletividade ancorado no trabalho produtivo e na autogestão.

A escola makarenkiana é organizada de acordo com os princípios da instrução geral e do trabalho produtivo, retirando a centralidade da sala de aula. [...] Aos professores caberia a tarefa principal de instruir, de educar e ser educado, junto aos alunos, na vida coletiva autogestionária. (LEUDEMANN, 2002, p. 16)

Em artigo publicado na revista *Vozhati* em 1937, Krupskaya chama atenção para a questão do desenvolvimento da criança. Reflete junto às organizações comunistas infantis a não necessidade de apresentar às crianças o caminho para o comunismo antes de que estejam preparadas para isso, antes mesmo da idade escolar.

Existem muitas histórias que podem ser reproduzidas para as crianças, no entanto, existem histórias que refletem o exemplo de caráter e existem histórias que obscurecem a consciência,

[...] Precisamos conversar com elas sobre muitas coisas, ampliar seu horizonte e contribuir para que colaborem ativamente na vida social. Dizemos a elas muitas histórias, no entanto, a realidade muitas vezes é mais interessante que as histórias. Além disso, existem histórias e histórias. [...] A vida força os garotos a olharem muitas coisas e não devemos ficar de braços cruzados. Os governos burgueses tentam inculcar suas políticas às crianças, usando a religião, tentando inocular o ódio de outras nacionalidades. Eles fazem isso com habilidade, eles têm uma longa experiência para entorpecer a consciência das crianças desde a infância. Nesse sentido, a Igreja Católica e a burguesia são distintas. (KRUPSKAYA, 1978, p.32, tradução nossa.)

Por isso a importância de recorrer à literatura para possibilitar aumentar o nível de consciências das crianças e é muito importante selecionar o que as crianças vão ler, embora haja um tipo de separação dos livros, as crianças devem ter a liberdade de escolha.

[...] Eu não gostava quando ouvi que em tal e tal idade só se podia ler tal e tal coisa. As crianças não devem ser excessivamente protegidas. Você tem que dar-lhes alguma liberdade para escolher e a possibilidade de manifestar sua iniciativa. Quando os meninos realizam algo, evidenciam grande iniciativa e aprendem a se organizar, isso os disciplina. (KRUPSKAYA, 1978, p.32, tradução nossa.)

É muito importante levar em consideração o desenvolvimento da criança, as aventuras, a sua realidade. As narrativas contadas às crianças precisam conectar-se com a realidade. Krupskaya compreendia a importância da literatura para a construção do conhecimento e chama atenção para que os professores dos *Pioneiros* – na compreensão de que estes não entendiam devidamente o pensamento das crianças e suas reais necessidades – estejam atentos a esse tipo de realidade. O acesso aos livros articulados às atividades extracurriculares podem possibilitar à criança um olhar crítico para a natureza, o homem e o cotidiano.

Não devemos infundir crianças muito bem dotadas que sejam algo especial ou colocá-las em uma situação privilegiada. Você precisa se preocupar em receber uma instrução adequada que lhes permita, quando crescerem, escolher uma profissão de acordo com suas aptidões e gostos. Não deve ser predeterminado, desde os primeiros anos, se uma menina será uma dançarina e um menino, um engenheiro. Devemos nos preocupar com todas as crianças e dar-lhes o máximo que pudermos. (KRUPSKAYA, 1978, p.33, tradução nossa.)

O trabalho fora da escola contribui para o desenvolvimento da educação multifacética. As crianças precisam ser direcionadas às suas preocupações – suas necessidades. Apenas um governo com ampla representatividade das massas terá a capacidade de organizar uma escola capaz de pensar num bem estar coletivo. Uma escola capaz de romper com as escolas classistas e que dialogue com as reais necessidades cotidianas.

O nome da NK Krupskaya está diretamente ligado aos Jovens Pioneiros (Vladimir Lenin All-Union Pioneer Organization¹²³), às Organizações de *Komsomol*¹²⁴ e com suas atividades ao longo de muitos anos.

No texto *União da Juventude*, publicado no Pravda em maio de 1917, meses que antecedem a Revolução de Outubro, formula uma crítica quanto à Associação dos Escoteiros que corrompe a alma das crianças com uma pseudo-ideia de patriotismo, sustentada, sim, por uma moral burguesa. Compreende que nem todas as associações são boas.

É o veneno que faz que com todos os jovens sejam incapazes de tomar parte no grande movimento de libertação do proletariado, que liberta todo mundo do jugo da exploração, aniquila a divisão de classes e dá à humanidade a possibilidade de uma existência feliz. (SCHNEIDER, 2017, p. 92)

As organizações de caráter burguês muito eficientes no século passado, e ainda muito presentes no século atual, alimentam um chauvinismo fanático a fim de consolidar uma educação civilizatória – esse movimento se fortalece no cenário político educacional brasileiro com as reformas educacionais e os modelos de escolas profissionalizantes.

No texto *Como a juventude trabalhadora deve ser organizada*, publicado em junho no *Pravda*, 1917, Krupskaya ressalta a necessidade de elaboração de estatutos que possam ser discutidos nas assembleias de jovens e depois colocá-los em prática. No *Estatuto da União da Juventude Operária Russa*,

1. A juventude da classe trabalhadora da Rússia, todas as meninas e meninos que vivem da venda de sua força de trabalho, sejam quais forem suas crenças religiosas e a língua em que falam, são organizadas na União da Juventude Operária Russa. 2. A União da Juventude Operária da Rússia pretende direcionar suas afiliadas tornar cidadãos livres e conscientes, participantes dignos na grande luta que os espera nas fileiras do proletariado para libertar do jugo do capital todos os oprimidos e explorados. 3. Tendo em conta que a Internacional Juvenil composto por jovens trabalhadores de todos os países, surge o objetivo de que a União da Juventude de Trabalho da Rússia é fiel ao lema "Proletários de todos os países, uni-vos" a União adere à Juventude Internacional e se torna uma seção dela. 4. Os jovens trabalhadores devem ser fortes e saudáveis para lutar eficazmente pela causa dos trabalhadores. 5. Os trabalhadores e jovens trabalhadores devem adquirir conhecimento, tanto quanto possível estar ciente de melhores combatentes futuros, de modo: a) A União da Juventude de Trabalho da Rússia exige gratuita e obrigatória a educação se em geral aos 16 anos, b) a organização de bibliotecas, salas de leitura, cursos, exibição de filmes científicos, etc., c) a juventude trabalhadora organizará imediatamente círculos de autoformação, circulando bibliotecas, clubes, excursões, etc. (KRUPSKAYA, 1978, p.36, tradução nossa.)

A escola moderna, destinada aos filhos dos operários, oferece uma aprendizagem mecânica – suprime as possibilidades de uma construção social na vida das crianças na

¹²³ Organização Pioneira de Toda a União, chamada posteriormente de Jovens Pioneiros era uma organização Juvenil de massa da União Soviética para crianças de 9 à 15 anos de idade.

¹²⁴ A Liga Comunista dos Jovens Leninistas de Toda a União ligado ao Partido Comunista da União Soviética

primeira etapa da aprendizagem. Todos os experimentos da escola burguesa moderna acerca do trabalho produtivo com as crianças devem ser utilizados dando um caráter multilateral. Ela deve estar conectada com a cotidianidade preparando multilateralmente para o trabalho produtivo e para o trabalho intelectual atendendo aos anseios de uma sociedade socialista. Nas escolas modernas do sistema capitalista podem aparecer características que formam pessoas multilateralmente e que, desenvolvidas sobre essa égide, não passaram de experiências apartadas. Da mesma forma que uma escola socialista em um sistema burguês não passaria de uma experiência encantadora. (KRUPSKAYA, 2017).

A pedagogia de Krupskaya refletia o mundo à sua volta. Ressaltava a formação do novo homem para uma nova sociedade – suas ações pedagógicas respondiam as necessidades cotidianas. Entendia que a escola, enquanto instituição, se apresentava como elemento basilar para a educação.

4.3 ESCOLA ÚNICA DO TRABALHO E POLITÉCNICA

A pedagogia do período revolucionário tinha como grande bandeira educacional a conflagração de outubro e a escola única. – os oprimidos deveriam ser reeducados e assumir a sociedade.

Shulgin (2013), ao discorrer sobre os objetivos do trabalho – da escola do trabalho – chama atenção para a reforma da escola numa perspectiva que supere os limites da escola burguesa que sequer era questionada. Chama atenção para a necessidade de instrumentalizar a escola proletária contra as mazelas da sociedade burguesa. Ressalta a incoerência que estudar o desenvolvimento econômico da sociedade sem aprofundar os estudos na luta de classes, não se esclarecem as principais leis do desenvolvimento da humanidade.

Quando não se compreende os aspectos da luta de classes e não há um chamado para a luta, as questões ‘revolucionárias’ limitam-se ao campo das ideias. A escola de estudos também conhecida como velha escola funcionava com as disciplinas fragmentadas,

Há um encarregado, mas ele está sobrecarregado com outros assuntos, e há os ‘voadores’, assim chamados pelas crianças aqueles professores que têm 30-40 aulas por semana. Eles não têm tempo de pensar em ‘ninharias’. Eles ‘voam’ de uma aula para outra. Não importa para eles o que as crianças pensam, com quem vivem, o que as preocupa. A aula acaba e eles desaparecem. (SHULGIN, p.139, 2013).

Chama atenção para a educação através do estudo por complexos a fim de superar a escola de estudos alicerçada na superficialidade e pensar com profundidade sobre o sistema educacional ancorado na escola velha.

Nos seus escritos também se mostrou um entusiasta ao discorrer sobre o papel da escola única do trabalho e dos avanços da politécnica e da luta incansável do *Komsomol*. Ao escrever sobre os Dez anos da escola única do trabalho, encerra parafraseando Marx, em artigo do Pravda, datado de 18 de outubro de 1928,

Torna-se uma questão de vida ou morte a mudança da ordem monstruosa, na qual a miserável população trabalhadora de reserva está mantida em reserva para as necessidades de exploração mutáveis do capital, *para um regime no qual cada pessoa é incondicionalmente adequada para as diferentes necessidades mutáveis* da sociedade no trabalho; *no qual um indivíduo parcial, um simples portador de uma função social específica é substituído por um indivíduo desenvolvido em todos os aspectos, para o qual as diferentes funções sociais são trocadas uma na outra pelas características da atividade.* (SHULGIN, 2013, p. 158)

Para dimensionar o entendimento sobre a escola única do trabalho inicialmente se faz necessário a compreensão do papel do trabalho e este se articula frente ao cenário educacional. O trabalho produtivo deve estar ligado ao ensino e a vida cotidiana, deve apresentar às crianças as mais diversas formas de produção. A escola única do trabalho “[...] deve servir de base para vida. Não como um meio para remunerar os gastos da educação das crianças, e não apenas como um método de ensino, mas justamente como trabalho produtivo, socialmente necessário. (SHULGIN, p.153, 2013)

Com a Revolução de Outubro, o primeiro e grande desafio foi possibilitar equidade de acesso à educação para meninas e meninos, assim, o

[..]primeiro ato proclamado pelo Comissariado da Educação Pública foi a Declaração do *Sistema único de educação*, “escola única”, gratuita, dividida em dois graus que fornece preparação sólida para a vida e para o trabalho. Fazer uma escola de dois graus, com nove anos de duração – não apenas em palavras, mas na realidade – torna-la acessível para todas as crianças. (KRUPSKAYA, 2017, p.83)

Instituíram uma declaração sobre os princípios da escola única do trabalho, que defendia que a escola deveria ser gratuita e obrigatória: nenhuma criança na URSS deveria estar fora da escola. Foi considerada única porque todo o sistema de ensino, do jardim da infância até as universidades, constituíam uma única escola que se deu efetivamente a partir 1918.

Isso significa que todos os alunos frequentariam o mesmo tipo de escola, sem distinção de sexo ou origem social. O objetivo era superar a educação herdada pelos czares

que oferecia um ensino precário para os filhos dos camponeses e operários e um ensino diferenciado e de qualidade para os filhos da burguesia.

Gramsci¹²⁵ também nos ajuda a ampliar o entendimento ao tratar da escola unitária, uma escola ativa, na qual trabalho e teoria estão intrinsecamente ligados. Sua concepção de *escola única*¹²⁶ é em grande parte baseada no modelo que havia sido implantando na União Soviética, uma educação capaz de superar a unilateralidade pela omnilateralidade. Uma escola única inicial de cultura geral que harmonize de forma racional e justa o desenvolvimento das capacidades do indivíduo. Apta a promover a formação básica que seria na perspectiva de uma escola unitária em tempo integral, coletiva, capaz de libertar o aluno das disciplinas dissimuladas e que permita-lhe absorver uma noção de totalidade do mundo. Uma escola que procure minimizar as diferenças entre as crianças. Ensino mútuo em que alunos e professores colaborem com o processo pedagógico. (COUTINHO, 1989)

Para os revolucionários, a educação era fundamental para a construção de uma sociedade sem classes. A educação para a classe trabalhadora sempre foi diferente daquela para a burguesia e os demais estratos das elites. Estes últimos sempre tiveram uma formação voltada para se tornarem dirigentes.

As condições de vida na Rússia exigiam muito mais que o simples aprendizado na escola e em virtude da degradante situação herdada dos czares, o governo soviético toma para si todos os grandes desafios educacionais.

Assim, o real objetivo da Escola Única, – uma escola com seus vários ramos, graus e níveis articulados por diretrizes comuns – na perspectiva de Krupskaya, é consolidar a educação geral e politécnica a fim de criar as condições de escolha que atendam às necessidades de cada indivíduo para que este não dependa da casualidade. Para ela, os jovens deveriam conhecer as leis, bem como as tendências do desenvolvimento social, possuir conhecimentos politécnicos, pautar-se na concepção materialista do mundo, ter formação teórica ligada à prática social e formação política ligada à vida.

O Narkompros defendia uma educação politécnica, ou seja, uma educação voltada para um ensino multilateral da juventude. Desta forma os alunos tinham oportunidades de realizar não apenas vários ofícios com a finalidade de escolher no futuro uma especialização,

¹²⁵ Em 1917 ingressa como secretário na comissão executiva do *Partido Socialista Italiano*. Passa um período na União Soviética e em seguida volta para Itália. Em 1926 é preso. Em 1929 consegue permissão para escrever na prisão, quando começa a redigir os *cadernos do cárcere*, sua mais importante obra. Após a sua detenção é que Gramsci começa a produzir os primeiros apontamentos, enche 29 cadernos abordando vários assuntos organizados em eixos principais.

¹²⁶ Faz-se necessário sublinhar que a pedagogia de Gramsci também traz reflexões como: acerca do caráter classista da escola, o trabalho como princípio educativo, o Estado e a escola como instrumento de hegemonia entre outras.

mas também de conhecerem os fundamentos técnicos, científicos e sociais do próprio processo de produção. No entanto, é importante ressaltar que os revolucionários não educavam somente para o futuro, como na sociedade capitalista. A educação era voltada também para as tarefas cotidianas da revolução.

Transformar a escola do ensino em escola do trabalho a princípio foi uma necessidade essencialmente burguesa. A escola única do trabalho de caráter politécnico não consiste necessariamente em aprender um conjunto de técnicas. Esse tipo de educação possibilita dar outro significado àquilo que é apreendido no cotidiano da escola.

A escola politécnica deve oferecer uma panorama da economia do país, familiarizar os estudantes com a indústria agrícola, com a mineração, com a manufatura e seus principais ramos de processamento de metal, têxtil, químico. [...] O método do trabalho é o melhor método de aprendizagem. No processo de trabalho, o estudante aprende melhor sobre física, química e leis da mecânica. [...] A escola politécnica não oferece um especialista pronto, mas dá a possibilidade aos estudantes de aprender rapidamente por completo uma profissão escolhida, ela paralisa a especialização estreita prejudicial, facilita a transição de uma profissão para outra profissão, e o mais importante, fornece perspectiva necessária para a construção da nova vida". (KRUPSKAYA, 2017, p.85 e p.86)

A educação politécnica é a relação entre o estudo e o trabalho socialmente produtivo. Ela fomenta a formação de profissionais, uma instrução de habilidades gerais e operários conscientes; ela é antagônica a uma instrução meramente superficial.

A educação multifacética, defendida por Krupskaya, consistia na formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, capazes de promover a unidade de todos os trabalhadores. Com o apoio do Komsomol, espalharam-se as FZU¹²⁷, um passo fundamental para a consolidação da escola politécnica.

No prefácio da quarta edição do texto *Educação Pública e Democracia*¹²⁸, (1915), Krupskaya chama a atenção para a importância que Lênin deu à educação pública, da obrigatoriedade da escola para com as crianças e da necessidade de aproximar cidade e campo, a fim de consolidar a escola politécnica¹²⁹. O escrito, publicado pela primeira vez em 1917 na cidade de Petrogrado, marca a relação trabalho manual e trabalho intelectual com suas tendências tecnológicas, afirma:

Os países capitalistas estão começando a prestar mais atenção à produção de trabalhadores preparados multilateralmente para o trabalho: eles organizam escolas profissionais de todos os tipos, cursos noturnos e outros. Na medida em que cresce a

¹²⁷ Escola de formação profissional da União Soviética entre 1920-40.

¹²⁸ Nome original deveria ser Educação Pública e Classe Operária, escrito no período de exílio durante a Primeira Grande Guerra.

¹²⁹ A escola politécnica configura-se com início do comissariado de Educação Pública em 1917.

demanda por trabalhadores qualificados, quer-se transformar o ensino técnico em ensino geral, e começam a uni-lo com ensino básico, com a finalidade de reformar a escola pública. (KRUPSKAYA, 2017, p.37)

Ressalta a importância da escola do trabalho a fim de que esta deva romper com as velhas formas de repressão do desenvolvimento pessoal do estudante – garantindo o desenvolvimento da escola com as necessidades da produção da classe trabalhadora. No prefácio da terceira edição deste mesmo escrito, publicado ainda em 1917, Krupskaya reforça que enquanto a escola do trabalho não estiver contextualizada, pronta a atender as demandas da classe operária, não conseguirá se aproximar de seus interesses.

Na transição do século XIX para o século XX, colocar a educação técnica alemã equiparada aos dos americanos era uma questão de honra – surge o entendimento de que o trabalho manual organizado possui um valor educativo geral. Nos materiais para a revisão do programa do partido, escrito em maio de 1917, a revolucionária tratava de um conjunto de reivindicações que seriam desenvolvidas para a nova etapa socialista, o parágrafo quatorze se encontrava redigido da seguinte maneira:

Educação gratuita, geral obrigatória e politécnica (que familiariza tanto na teoria como na prática como todos os principais ramos da produção) para todas as crianças e ambos os sexos com menos de 16 anos de idade; uma estreita ligação do ensino com o trabalho socialmente produtivo das crianças. (Krupskaya, 2017, p.61)

Krupskaya refere-se a uma escola que contribua para o desenvolvimento geral do indivíduo, que tenha condições de preparar, independente do gênero, para que os jovens sejam capazes de executar todos os tipos de trabalho. Reconhecia ainda que outros pensadores já haviam tratado da relação do ensino com o trabalho, acrescenta:

A pedagogia burguesa moderna estabelece a necessidade de ligação do ensino com o trabalho produtivo, mas o trabalho produtivo que ela tem em mente, na maioria dos casos não tem seriedade. É necessário ligar esse trabalho, como Marx salientou, com a produção, assim, ele terá um valor educativo enorme. Sem a exigência de participação – através da mediação da escola – das crianças e dos adolescentes na produção, não se pode combater a exigência de proibição do trabalho das crianças até 16 anos; isso significaria tirá-las da classe operária e deixá-las sobre a influência da burguesia. (KRUPSKAYA, 2017, p.62)

A mera separação das escolas média e profissional sem destruir o caráter classista da escola moderna apenas agudiza a distância entre pobres e ricos. O Estado deve intervir com amparo governamental independente da classe social.

No artigo *Diferença entre instrução profissional e politécnica*, na revista *Onáshij détiáj*, *Sobre nossos filhos*, de 1930, estabelece a diferença entre educação profissional e

politécnica, Krupskaya retoma o exemplo da indústria têxtil, - para ser um bom tecelão é preciso saber manusear um moderno tear e conhecer as matérias primas e uma habilidade que se adquire através de anos de treinamento. Tudo isso fruto de um tipo de aprendizagem individual, esta que, por sua vez, tende a desaparecer com o tempo dando lugar à escola profissional. “Se a escola profissional estiver bem equipada, o aluno conhecerá perfeitamente a máquina e se acostumará pouco a pouco a trabalhar nela. A moderna escola profissional precisa estar bem equipada, se quiser cumprir seu propósito, mas isso é muito caro.” (KRUPSKAYA, 1978, p.55, tradução nossa.)

Essas escolas modernas precisam ser bem equipadas para cumprir o seu propósito. Pois, a medida que a ciência avança tornam-se obsoletos os hábitos adquiridos. Num país atrasado as escolas profissionais são de grande importância. Num país que está em busca da industrialização é fundamental que os alunos conheçam todo o processo produtivo. Nesse sentido é que a escola da fábrica de sete graus ensinará:

[...] a) O papel desempenhado pela indústria têxtil na economia de todo o mundo e do nosso país; b) Os alunos irão saber onde estão os centros de nossa indústria têxtil, e as matérias-primas; c) Sobre a instalação das fábricas e as peculiaridades de sua estrutura; d) Eles também saberão quais profissões são necessárias na fábrica e) Estudarão a construção de máquinas têxteis, aprenderão a projetar essas máquinas; f) Conhecerão a história do desenvolvimento da produção têxtil e do que consistem as melhorias modernas. (KRUPSKAYA, 1978, tradução nossa.)

A escola de sete graus deve despertar nos alunos um grande interesse na produção e elevá-la ao nível superior. Uma escola que tenha em seus objetivos ancorados na educação geral, na individual e na social, capaz de possibilitar amplo ensino politécnico.

Sobre *A questão da escola socialista*, publicado em 1918, Krupskaya ressalta que para a classe dominante a escola é um instrumento de manobra das massas. Ela se organiza e se estrutura a fim de atender os interesses burgueses como é o caso da escola nova. O caráter elitista desse tipo de ginásio rural é paradoxal à vida do camponês, acrescenta:

As crianças estão cercadas de cuidados e carinhos nessas escolas. Elas gozam de liberdade, autogoverno e confiança dos professores. Os melhores professores revelam aos seus olhos a beleza da natureza e da arte, introduzem-na no santuário da ciência. O fortalecimento da saúde e da agilidade recebe atenção cuidadosa. Junto com isso, se esforçam para desenvolver nas crianças a vontade, a persistência em alcançar o objetivo traçado, a eficiência, a capacidade de gerenciar a si mesma e aos outros. Ao mesmo tempo, os educadores procuram estabelecer nos estudantes uma base sólida da ideologia burguesa, fundamentá-la histórica, ética e filosoficamente. Isto é mais fácil nos ginásios rurais, pois as crianças estão afastadas da vida real e de suas tristezas, contradições e lutas. (KRUPSKAYA, 2017, p.66.)

Explicita que a escola pública da Europa se transformou em escola de ensino – livresca, desconecta com a vida e oposta à escola do trabalho – este tipo de escola atrofia o desenvolvimento intelectual da criança.

Chama atenção para como as escolas americanas estão naturalmente ligadas ao trabalho desde os primeiros anos de estudo. O trabalho produtivo se encontra em todas as atividades escolares, como afirma Krupskaya,

[...] as crianças se acostumam com o trabalho, com a habilidade de lidar com qualquer tipo de material e ferramentas; aprendem pelo trabalho a observar, pensar independentemente e agir. As crianças desenham, pintam, esculpem, cortam, colam. A escola pública continua o trabalho do jardim de infância, mas o trabalho torna-se cada vez mais complexo, exige cada vez mais agilidade, resistência, perseverança e independência. [...] A atividade multilateral de trabalho detecta muito cedo as inclinações da criança, seus gostos e talentos, por isso, a escolha da profissão para um jovem ou uma jovem que passou pela escola americana é muito mais fácil do que na Europa. (KRUPSKAYA, 2017, p.44)

Ressalta ainda como as escolas do trabalho conseguem alocar melhor os rapazes e moças nas fábricas. Afirma,

[...] nas escolas americanas há “conselheiros para a escolha da profissão específicos”, que observam as crianças na escola, determinam suas inclinações, detectam para qual profissão o adolescente é mais habilitado ao concluir a escola, e de acordo com isso, orientam os adolescentes. Esse cargo é desconhecido na Europa. (KRUPSKAYA, 2017, p.45)

A escola americana voltada para o trabalho forçou a Europa e especialmente a Alemanha a repensar a escola do ensino numa perspectiva de escola do trabalho e como o cotidiano das fábricas vai reverberar com a ruptura do antigo modelo de escola. No Congresso de professores alemães de 1912 se apresentou a seguinte visão para a questão da escola do trabalho:

O trabalho manual como um meio de desenvolvimento da personalidade da criança, como uma arena para a manifestação das suas aspirações criativas, como um método de ensino, como um meio de desenvolvimento harmonioso – assim o compreender os melhores representantes do movimento de reforma da escola alemã dos últimos anos. (Krupskaya, 2017, p.49)

Compreendia que os princípios da psicologia experimental na escola pública americana eram utilizados para medir todas as capacidades da criança e que mesmo com as muitas limitações do método inauguradas por Ernest Weber era capaz de abrir muitas possibilidades (KRUPSKAYA, 2017).

A escola deve criar mecanismos para a valorização da vida social do jovem. É fundamental prepará-lo para o trabalho e para o intelecto, um princípio educativo em sua totalidade. A educadora elaborou a ideia de educação politécnica, desenvolvendo sua base pedagógica e colocando em prática nas escolas. Para Krupskaya o ensino politécnico não poderia se apresentar separado do currículo e confinado ao âmbito escolar. O ensino deveria, acima de tudo, ligar as ciências naturais às ciências sociais. (SKATKIN, 1994)

A missão da escola politécnica é preparar o indivíduo para uma visão ampla de mundo e ao mesmo tempo capacitá-lo para compreender as rotinas do trabalho. Ela possibilita o desenvolvimento de habilidades para o trabalho individual a fim de desenvolver a capacidade de organizar-se para a coletividade. Afirma Krupskaya,

Com efeito, a base do comunismo é uma excelente organização racional do trabalho social no interesse de todo o coletivo. É por isso que a Escola Politécnica, juntamente com a preparação dos estudantes para o trabalho, deve educa-los nas habilidades de organização. Isto significa que o ensino do trabalho deve acontecer naquelas condições de ampla liberdade para a iniciativa organizacional dos operários.” (KRUPSKAYA, 2017, p.86)

Uma das premissas para uma sociedade socialista em sua plenitude é o elevado nível de desenvolvimento social no processo produtivo – todo tipo de produção deve estar integralmente articulado. O conhecimento dessa cadeia produtiva permite uma visão geral do trabalho na sua totalidade. Esse tipo de apreensão do cotidiano é que se chama de conhecimento politécnico. (OYAMA, 2014)

A politecnia não perspectiva apenas ensinar a resolver problemas específicos – objetiva possibilitar homens e mulheres capazes de compreender todo o processo produtivo.

Krupskaya refere-se as observações de Marx quanto a combinação da instrução com trabalho produtivo e administrado no início da vida é um meio poderoso de reestruturar a sociedade moderna e promover o desenvolvimento harmonioso dos estudantes. Krupskaya dá a essas ideias conteúdo específico, mostra como elas podem ser implementadas e analisa o primeiro tenta fazê-lo. (SKATKIN, 1994, p. 6, tradução nossa).

Na medida em que teoria e prática se encontrarem conectadas, o indivíduo encontrar-se-á preparado para enfrentar as grandes transformações. O estudante inserido no processo produtivo teria uma visão da produção como um todo, dos procedimentos simples aos mais complexos, dos conhecimentos específicos ao conhecimentos politécnicos.

No I Congresso de Instrução Politécnica em 1930, Krupskaya pronunciava:

O tema da minha conferência é a reconstrução da economia nacional e a instrução politécnica.

[...]Esta reconstrução é plenamente socialista. Trata-se não tanto de aumentar a coletivização dos meios de produção, mas de fazer com que todo o sistema organizativo seja estruturado de modo novo, que o objetivo da reconstrução da economia nacional seja perseguido no interesse das massas trabalhadoras.

[...]A particularidade mais importante da nossa reconstrução é que ela venha a ser efetuada pelas mãos das massas populares e que não seja possível a esta grande massa não tomar parte do modo mais ativo e consciente.

Segundo Lenin as escolas direcionaram-se rumo ao politecnismo por conta das orientações do Partido.

A questão sobre o ensino politécnico foi decidida, basicamente, pelo nosso programa de partido – parágrafos 1º ao 8º da seção do programa dedicada à educação pública. Estes mesmos pontos do programa são indicados também na diretriz do Comitê Central. O parágrafo 1º fala sobre o ensino politécnico até a idade dos 17 anos; o parágrafo 8º fala sobre o ‘amplo desenvolvimento da educação profissional para pessoas de 17 anos de idade em ligação com o *conhecimento politécnico geral*.’ (SHULGIN, p.155, 2013)

Tão importante quanto aos trabalhadores exercerem com destreza o ofício de suas profissões são os trabalhadores aptos a construir uma sociedade comunista. Eles devem ser preparados para assumir a sociedade.

Por isso, todo o estudante da FZU deve compreender o processo produtivo em geral, o seu lugar no sistema da nossa economia, seu destino e, *ao mesmo tempo*, deve conhecer a agricultura, os princípios que estão na sua base, a sua evolução, o seu destino. Não só teoricamente, mas também na prática. Se na cidade as primeiras aproximações ao politecnismo são apresentadas pela FZU, na aldeia são as ShKM¹³⁰, que também surgiram sob a pressão do *Komsomol*. (SHULGIN, 2013)

Para isso, precisam conhecer não apenas o seu trabalho, não apenas um estreito círculo de problemas associados a este trabalho; não, eles devem conhecer na teoria e na prática todos os principais ramos da produção.

4.4 AUTOGESTÃO

Com a revolução socialista a prioridade passa a ser educação das massas, de caráter gratuito e obrigatório. Destaca-se a importância do trabalho coletivo e da autogestão, na forma como a escola se conecta com a vida e com o trabalho, seja este de caráter manual ou intelectual e como este dialoga com o homem.

¹³⁰ Escola da Juventude Camponesa.

[...]Ernest Mandel discute a necessidade da organização da sociedade socialista como autogestão, percebendo a relação entre os vários movimentos autogestionários com a ampla participação política do proletariado: A ideia de sociedade socialista, como amplo conjunto planejado, é conscientemente dirigida por produtores e por cidadãos que se administram por si próprios e representam a própria essência do marxismo. (MENDEL, 1988 *apud* LEUDEMANN, 2002, p. 33)

Ao tratar da autogestão, faz-se necessário elucidar que encontramos referenciados em outro documento a expressão auto-organização. Preferimos optar pela tradução de autogestão porque acreditamos oferecer uma maior completude, uma vez que conceitualmente ancorados numa perspectiva socialista é muito mais que governar a si próprio, significa também governar para a coletividade.

Realça-se esclarecer que a conceptualização de autogestão pensada em Krupskaya diverge dos conceitos representados na perspectiva liberal. A autogestão pensada na educação soviética não se ancora num falso conceito de democracia, de neutralidade. Embora, evidencia-se de forma constante na classe dominante. Não se trata de se conceber o conceito de autogestão de desempenho referenciado pelas escolas burguesas, conceitos difundidos nas escolas de gestão espalhadas pelo território brasileiro que funcionam como um braço do estado atendendo a lógica opressora do capital.

É preciso ressaltar ainda que, aos tratarmos da autogestão, não estamos fazendo referência aos gestores escolares, embora, seja basilar que os alunos “gradualmente aprendam sobre gestão e os representantes dos estudantes devem entrar no conselho escolar, onde sua voz deve ser ouvida, mas na questão da gestão da escola a palavra final não pertence a eles.” (KRUPSKAYA, 2017, p.115)

A autogestão numa perspectiva revolucionária deve possibilitar superar todas as formas de exploração das relações sociais capitalistas. A autogestão deve voltar-se para o movimento da totalidade. O controle da autogestão se dá pelo indivíduo dentro da coletividade, possibilitando a transformação do mundo do trabalho pelo homem.

Para Krupskaya um dos grandes equívocos da escola é querer conduzir as crianças pelos mesmos caminhos oferecidos aos adultos. Não precisamos adentrar e justificar aqui que estamos tratando de realidades distintas. Há uma lacuna entre as atividades lúdicas nas séries iniciais e o ensino regular, e é preciso que tenhamos a lucidez necessária para se pensar numa forma de transição para a construção de um novo caminho, capaz de conduzir os indivíduos para a emancipação.

Na condução desse caminho para a aprendizagem das crianças é importante o entendimento de que elas têm bem menos experiência que os adultos e que por sua vez a

forma de corrigi-las necessariamente precisará ser diferenciada. Elas aprendem “[...] no processo do trabalho, na *vida*, pelo trabalho realmente necessário, considerando toda a prática, todo o conhecimento dos estudantes. (SHULGIN, 2013, p. 157)

A escola sozinha não educa – o professor deve atuar na educação das crianças possibilitando o desenvolvimento de sua aprendizagem, bem como de sua autogestão. Quanto mais a escola dialoga com o cotidiano, mais ela reflete a realidade das crianças. A escola precisa preparar as crianças para enfrentarem as adversidades cotidianas.

A experiência dos estudantes é grande, a influência educativa de um processo informal é contínua, e os estudantes vêm para escola não somente com uma série de habilidades isoladas, conhecimentos, mas também com avaliações, julgamentos, com embriões de programas políticos. [...] Há filas perto de mercados. Não há pão. E arrastam-se rumores, fofocas, especulações. A escola está em silêncio. E o menino repete o que gritam nas filas. E não tem nada para retrucar, ele é impotente, a escola não o armou. Ela passa o programa e não considera as filas. [...] As crianças crescem com as questões político-ideológicas e não há como isenta-se disso – e mesmo na alienação há um tipo de ideologia – e por isso não se pode deixar de lado a educação informal. Na escola, devemos fazer de forma mais ampla e mais profunda o que fazem as melhores delas, isto é, ajudar as crianças a reconhecer e aprofundar a experiência que elas têm e, além disso, expandi-la intencionalmente com a educação formal. (SHULGIN, 2013, p. 173 e p. 174)

As experiências cotidianas ensinam e educam de forma espontânea. Ressalta-se aqui que a luta pela educação universal surge originalmente para atender interesse econômico. Os trabalhadores que não tenham apreendidos o mínimo necessário para o funcionamento da engrenagem, não atendem a lógica do capital.

Nesse sentido, Krupskaya se mostra como uma mulher de grande sensibilidade, para ela a educação na idade pré-escolar é um dos períodos mais difíceis e o mais importante para o desenvolvimento da criança. Nos jardins de infância as crianças aprendem a partir de exercícios e atividades cotidianas, completa Krupskaya (2017, p.29) “[...] cada jogo, cada lição ensina algo, e o mais importante, a criança aprende a trabalhar, aprende o que é ordem, recebe orientações para não brigar com seus amigos e ceder, sem caprichos e lágrimas”.

A escola socialista deve superar o tipo de educação oferecido pela classe dominante, como afirma:

Os estudantes da escola do futuro irão adquirir muito mais conhecimento, ao mesmo tempo, eles acostumar-se-ão à escola e ao trabalho produtivo e, mais importante, a escola não irá apenas ensinar, mas também desenvolver todas as suas forças físicas e espirituais, a escola formará cidadãos úteis e com energia. (KRUPSKAYA, 2017, p.30).

É indispensável “desenvolver nas crianças o hábito de viver, estudar e trabalhar coletivamente. Isto define a natureza da organização da vida escolar, a auto-organização das crianças, a ajuda mútua das crianças e outras. (KRUPSKAYA, 2017, p.106)

Mesmo reconhecendo todos os limites é preciso valorar como

A atividade dos escoteiros tem objetivos básicos definidos, mas o atingimento deles é expresso na forma de jogos. Aqui leva-se em conta muito sutilmente o psiquismo da puberdade. Portanto, é preciso conceder amplo lugar a tais organizações, como a organização dos jovens pioneiros, capazes de satisfazer e não eliminar, ainda mais, as necessidades dos adolescentes no jogo. (KRUPSKAYA, 2017, p.121)

Krupskaya reconhece o valor dos escoteiros, embora entenda que esse tipo de associação não atenda aos anseios comunistas.

No escrito *Acerca de la educación Comunista*, Krupskaya (19--) chama atenção para como as escolas devem promover o verdadeiro conhecimento a fim de fomentar nas crianças uma visão de mundo articulada com a sociedade, levando em consideração como esta se encontra configurada. A escola não pode se fechar como uma família de burgueses; ela precisa, sim, abrir-se para a massa operária, para que esta possa dar vida ao espaço educativo.

No artigo “*La educación social*”, publicado em 1922 na revista “*Hacia una escuela nueva*”, a autora apresenta questões afetas ao desenvolvimento das crianças e às condições em que estas devem viver para se desenvolverem plenamente.

É necessário colocar a criança desde a mais tenra idade, a viver sob tais condições, brincar, trabalhar e partilhar as suas alegrias e tristezas com os outros. E é necessário que esta vida seja tão completa, feliz e brilhante possível. Impressões coletivas devem ser associados na criança, com uma gama de alegria sentimentos (KRUPSKAYA, 1973, p. 168, tradução nossa)

Para se pensar uma escola autogestora que possa conduzir a um novo de tipo de sociabilidade, faz-se necessário garantir o mínimo de condições estruturais/organizacionais aos jovens, sem esquecer, claro dos jardins de infância:

Muito cedo a criança começa a buscar, também, uma variedade de maneiras de expressar as impressões recebidas por ela: pelo movimento, palavras, expressões faciais. Temos que lhe dar oportunidade de ampliar o campo de expressão das imagens que ela constrói. [...] A arte e a linguagem são um poderoso instrumento de aproximação entre as pessoas e são meios para compreender os outros e a si mesmo. [...] Durante este período de desenvolvimento da criança, a escola, continuando o trabalho do jardim de infância, de ajudar a transformar diretamente o desejo da criança de criar o trabalho produtivo, em trabalho necessário para os outros. A escola deve fornecer as habilidades gerais do trabalho, deve dar a oportunidade de observar amplamente as relações sociais, de aprender a conviver com os outros, ajudando um ao outro, vivendo conjuntamente muitas experiências” (KRUPSKAYA, 2017, p.71 e p.73)

Para Krupskaya os jardins de infância devem superar a ortodoxia disciplinar destinada aos filhos dos operários, e presente também nas escolas contemporâneas. A escola deve com deleitamento fortalecer laços sociais ampliando a percepção de que o trabalho é a categoria que funda a sociedade humana. O fortalecimento das relações é que vai permitir o desenvolvimento numa perspectiva coletiva.

Todas essas questões são fundamentais para que a criança possa se apropriar de uma educação capaz de desenvolver as atividades humanas que elevem as suas capacidades superiores e que provoquem o indivíduo a sentir-se sujeito útil da sociedade a qual ele integra.

No texto *Autogestão escolar e organização do trabalho*, escrito em 1923 e publicado na obra pedagógica em 10 tomos. A educadora chama a atenção para a necessidade da organização da classe trabalhadora para que se organizem a fim de dominar o poder estatal, superar a opressão e a exploração daqueles que dominam a sociedade. Acrescenta a educadora,

Redigimos, imprimimos bons livros, mas não conseguimos coloca-los a tempo onde é necessário, a escola fica sem livro de estudo e toda a energia gasta na organização do livro, sua impressão e o demais, perde-se inutilmente. Recebemos dinheiro para a alimentação escolar, mas não sabemos organizar a tempo a compra de produtos, não sabemos armazenar o que foi comprado e os estudantes ficam sem comer. Marcamos o trabalho voluntário aos sábados, reunimos as pessoas, mas não prevemos a pá e vassoura e as pessoas andam de uma lado para o outro sem tarefa, em vão desperdiçam seu tempo. E assim é em todas as áreas.” (Krupskaya, 2017, p.118)

No texto *Metodologia para a organização do processo educativo*, escrito por Anton Makarenko em 1935, o critério básico de educação escolar para a coletividade é a produção.

Ao organizar a coletividade básica segundo o critério de produção, convém necessariamente levar em consideração as diferenças etárias.

[...] Se existir uma organização de pioneiros é necessário que em cada destacamento haja um núcleo de pioneiros. Se há um número suficiente de pioneiros para todos os destacamentos dos menores, é recomendável que se organizem destacamentos especiais compostos inteiramente por pioneiros.

[...] Do mesmo modo devem ser distribuídos os membros da Juventude Comunista nos destacamentos dos mais velhos. Só se autoriza a organização de destacamentos constituídos unicamente por membros da Juventude Comunista. (LEUDEMANN, 2002, p. 283)

Numa coletividade bem organizada, o processo educativo desenvolve-se naturalmente. Se os estudantes se organizarem apenas na escola e fora desta tiverem um

comportamento descomedido – serão indivíduos educados sempre com os piores parâmetros educativos.

O conceito de coletividade em Makarenko, tendo por interlocutores Lênin e Krupskaya nos anos da Revolução de Outubro e, principalmente, no anos de 1920, apresentou maior fertilidade, maior flexibilidade para a constituição da pedagogia socialista do que nos anos de 1930. [...] uma das tarefas primordiais da coletividade pedagógica consiste em ajudar a reforçar a influência política da Organização da Juventude Comunista, tornar coesa a direção e entusiasamá-la no desempenho de um trabalho enérgico na coletividade e a exercer a autogestão. (LEUDEMANN, 2002, p. 239 e p. 286)

A autogestão permitirá que a criança reconheça e assimile o seu próprio potencial, que gradualmente poderá ser ampliado. O professor “deve saber com simplicidade e clareza ajustar-se ao estoque de representações das crianças, explicar a ela os fenômenos”. (KRUPSKAYA, 2017, p.113)

A autogestão deve ser um componente da vida escolar que possibilite as crianças a encontrarem soluções conjuntas da vida cotidiana e do trabalho coletivo na comunidade escolar. Ela só tem sentido se for uma atividade cotidiana que supere o grande equívoco da escola quando insiste em convocar as crianças para algum tipo similar à autogestão apenas em momentos de crise. É preciso que brote da experiência da criança. A autogestão suscita os limites da vida e do trabalho.

Para que se aprenda a viver conjuntamente, é preciso aprender a respeitar o trabalho, conhecer as inclinações das outras pessoas, é preciso aprender a levar em conta os outros com suas necessidades e emoções.

Na relação educativa é importante precisamente o próprio processo de escolha da forma de auto-organização. Naturalmente, é importante também a auto-organização como forma de ensinar a autodisciplina, como hábito para acatar voluntariamente a vontade coletiva.

[...] deve estar o mais perto possível da vida da criança, nascer dos interesses das crianças. É evidente que não pode assemelhar-se a auto-organização dos adultos.

[...] Na escola a auto-organização é o caminho para organizar o trabalho e o estudo coletivo. O nascimento da auto-organização somente é possível na escola do trabalho, na escola com amplo desenvolvimento da vida social, onde as crianças estão constantemente organizando-se para fins diferentes. (KRUPSKAYA, 2017, p.115 e p.116)

Obviamente quando se trata da autogestão da criança não se pode pensar na sua completude. Somente à medida em que se entra em novas fases da vida ela vai se tornando mais complexa. Na autogestão a disciplina das crianças decorre de uma necessidade delas mesmas – ela se apresenta no cotidiano das crianças de forma objetiva sem subutilizar o uso do tempo escolar. A escola do trabalho é a ligação orgânica com a autogestão escolar.

A escola do trabalho cria exatamente a possibilidade de aplicar e desenvolver estes hábitos. Nisso está sua força. (Krupskaya, 2017, p.121) Assim, pouco a pouco a criança obtém hábitos corretos, tratando coletivamente a resolução dos problemas apresentados pela vida, e isto dá a ela a possibilidade de relacionar-se conscientemente também com o problema, ver como ela se organiza melhor para a execução das tarefas colocadas perante ela. (KRUPSKAYA, 2017, p. 121 e p.124)

A autogestão se apresenta como uma possibilidade para as crianças que poderão ter um olhar muito mais amplo e objetivo da realidade e encararão com mais seriedade o mundo cotidiano. E o professor, enquanto sujeito, participante ativo desse processo, deve possibilitar às crianças a tomarem consciência do cotidiano e das questões as quais elas enfrentam todo tempo na vida. “O órgão fundamental de autogestão é a assembleia geral de todos os educandos da instituição infantil. Ela deve se reunir uma vez por semana no período de organização e de brechas no trabalho da instituição e pelo menos duas vez por mês no período normal.” (LEUDEMANN, 2002, p. 292)

Não é um papel de afastamento dos diálogos, ou que transpareça algum tipo de omissão no movimento construído pelas crianças – ao mesmo tempo não deverá se apropriar de um trabalho que deve ser conduzido pelas crianças. Ele deve possibilitar de forma indireta a autogestão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preliminarmente ao tecer nossas considerações finais, acentuamos que o objeto de estudo necessita de aprofundamentos investigativos no cenário educacional brasileiro. A pedagogia socialista desenvolvida e difundida pelos educadores soviéticos deixou uma contribuição insubstituível não só para a construção da nova escola da URSS, mas para a construção do novo ser humano emancipado.

Nadezhda Krupskaya era uma marxista ortodoxa, comprometida com a educação pública e sedenta por possibilitar a transformação da vida das pessoas. As pesquisas, as reflexões e os conceitos por ela difundidos como o trabalho como princípio educativo, a politecnia, a escola única e a autogestão estruturaram os eixos gerais da educação na URSS.

Evidenciamos no que tange a questão de gênero que Krupskaya defendia condições de igualdade para as crianças e jovens, independentemente de serem meninas ou meninos, defendendo acesso à educação, à política e ao trabalho. A pedagoga protagonizou a democratização, garantindo-a à educação, retirando a tutela da Igreja Ortodoxa.

A bolchevique rompe com um patriarcado herdado por séculos de história, acentuado pelo capitalismo. Ao estudar sobre a Escola Única do Trabalho e Politécnica, Krupskaya criticava a fragmentação das disciplinas presentes na escola velha. Entendia a importância da Escola Nova – americana e europeia – e ao mesmo tempo compreendia os seus limites.

Para Krupskaya, o trabalho deve estar articulado à escola e à vida cotidiana, assim como as crianças devem estar inseridas nas mais diversas formas de produção. Nesse sentido foi emblemática na criação do *Sistema Único de Educação* articulado em todos os níveis de ensino e ancorado na educação multilateral – que contemplasse toda a vida educacional de homens e mulheres – proclamado pelo *Narkompros*.

Reitera-se que esta é uma pesquisa de dissertação de mestrado e que muito ainda há de aprofundar nas leituras da pedagoga, especialmente na categoria da autogestão que tão defendida pela revolucionária, reforça a coletividade e por sua vez o diálogo com mundo cotidiano – através dela é possível conduzir o indivíduo à emancipação.

Para Krupskaya, o mundo real não pode ser apreendido por mera imposição, cada ação dentro da escola ensina alguma coisa. Quanto mais a escola desperta o aluno para educar-se a si mesmo, mais ela o desperta para a realidade. A autogestão na rotina das crianças possibilita que elas aprendam ao longo da vida.

Krupskaya deu os primeiros passos nos anos pós-revolução, quando estabeleceu, ao lado de Lênin, um governo proletariado que desejava centrar esforços no *Programa do Partido Comunista Russo* de 1919, que em linhas gerais, estabelecia os princípios norteadores para a educação soviética, objetivando educação para as massas, a fim de eliminar a divisão da sociedade em classes.

A educadora sempre se manteve firme no seus principais ideais que consistiam na superação do analfabetismo; valorar e organizar a educação pública; na construção da escola única do trabalho; abrir caminhos à educação politécnica; relação entre educação e política e ao cotidiano destinada aos operários e camponeses que inspiraram e continuam inspirando a educação, bem como criar condições que garantissem a emancipação feminina.

Durante quase meio século, ela dedicou sua vida ao *Partido Comunista*, para servir ao povo e à transformação revolucionária da sociedade. Participou dos preparativos e reuniões de congressos e conferências, e colaborou na publicação e distribuição de brochuras e na publicação de folhetos de instrução popular.

O sentido que procurou dar à politecnicidade e à autogestão foram os guias do projeto educacional de Krupskaya nos primeiros anos de existência do estado operário na URSS e que reverberaram na educação ocidental. Ao que parece, ainda que de forma equivocada, tentamos nos apropriar dessas categorias que nortearam a educação russa. Alocamos num tipo de escola politécnica concebida na sociedade atual que caminha na contramão da politecnicidade da sociedade pós-revolucionária.

Na escola contemporânea existe um tipo de organização que se assemelha a ideia de emancipação que se apresentam no campo da ideologia: os professores chamam uns pelos outros, pela educação e pela autoeducação das crianças, pela transformação da escola, por sua reconstrução de um novo modo. Mas isso não consegue reverberar no espaço escolar. Estamos frente a um tipo de modelo educacional que distancia alunos e professores de qualquer tipo de relação efetiva de aprendizagem.

Krupskaya defendia que as experiências dos países capitalistas poderiam ser aproveitadas, contudo assumindo novas perspectivas, e com a lucidez necessária a serviço da reconstrução socialista soviética. A educação apresentada por Nadezhda Krupskaya propunha colocar o indivíduo tanto em contato com os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos como fornecer aos jovens a capacidade consciente de trabalho e de autogestão. Os alunos deveriam sair da escola tanto plenos de conhecimentos acumulados pela humanidade quanto sabendo trabalhar e organizar a produção.

Para Krupskaya, a reconstrução planejada da educação ultrapassa os muros da escola. Trata-se de uma educação que possa conduzir o indivíduo em sua plenitude. A reconstrução do processo produtivo deve visar à totalidade da sociedade. Através da educação, e não somente, poder-se-ia abrir também a possibilidade de transformar a sociedade, tomando a importância dos sujeitos conscientes de si e do mundo.

A educadora foi dura na crítica à escola do ensino inclinada à repetição de conteúdos, que naturalmente estabelece uma fragmentação da vida escolar – nessa perspectiva a criança não tem como exercitar nenhum tipo de autogestão.

A líder bolchevique defendeu a *escola do trabalho* que exigia um tipo de convergência de forças, ao se possibilitar elementos para esta, criando por simbiose elementos para a autogestão escolar. A escola não deve se reduzir ao papel social de limpar e ornamentar o ambiente educacional – esse tipo de educação não consegue possibilitar a essência da vida. É nesse tipo de escola que se encontra a educação básica no cenário brasileiro e qualquer coisa diferente disto não passa de experiências isoladas.

Por décadas, em centenas de escolas da bárbara Rússia czarista, desenhos de crianças foram pendurados na parede e a sala de aula foi decorada para as festas, e isso nunca educou e não poderia educar uma moral comunista para as crianças. Eles sabem muito bem disso e não querendo declarar-se abertamente inimigos do trabalho social, ficam com as coisas aceitáveis, familiares, sob o pretexto de que são “acessíveis as crianças”. De fato recusam-se a tomar parte no nosso trabalho educacional com as crianças, recusando-se a introduzir o trabalho social. (SHULGIN, p.142, 2013)

O trabalho social deve ser desenvolvido levando em consideração toda a comunidade escolar, introduzindo na criança uma visão ampla de mundo, possibilitando-a a criança a criar condições de se livrar da opressão. É fundamental que o trabalho tenha um fim útil que possibilite construir uma sociedade emancipada, - e isso será possível apenas através da coletividade. Somente com o trabalho coletivo das massas é que se pode abrir caminhos para se levar à emancipação. Passados quase 20 anos deste século, ainda nos deparamos com uma escola de saberes fragmentados.

Desta feita, nossos esforços não permitiram ainda chegar à conclusão se Krupskaya é detentora de pedagogia própria, embora sempre tenha se mostrado autêntica em seus posicionamentos. Por outro lado, também não se apresenta como uma reformista, - nos deparamos sim, com uma teórica de pensamento genuíno, que procurou identificar na figura da mulher e do homem indivíduos de ação transformadora. “A educação foi uma constante na vida de Krupskaya, esteve presente desde os primeiros trabalhos profissionais, como

professora particular, até sua morte, já reconhecida como educadora comunista por todo o bloco soviético.” (LODI, 2017, p. 45).

A educação revolucionária proposta por Krupskaya fundamenta sua filosofia a partir da práxis política. Faz parte de uma corrente historicista; para ela há uma vinculação inseparável entre conhecimento e práxis. Rompe com a separação entre concepção e execução do trabalho como mercadoria. Ela deixa um grande legado para a humanidade reconhecendo a importância da superação do trabalho alienado para a existência humana, independente da sociedade e do período histórico em que se vive.

Nesse sentido, nota-se que o comunismo e o capitalismo talvez estejam mais próximos do que acreditamos, isso, claro, numa perspectiva dialética. É do conhecimento dos estudiosos do marxismo que ainda não tivemos uma experiência comunista em sua essência efetiva no mundo e tão-somente negar o capital, – ao invés de superá-lo – talvez tenha sido um equívoco de muitos socialistas.

Nos últimos anos o capitalismo tem passado por um processo oscilatório contínuo cada vez mais acentuado¹³¹, fruto, não somente da concentração de capital e do processo de exploração da classe trabalhadora. A tônica de suas lutas centrou-se na conquista de melhorias – econômicas, políticas e sociais – deixando de lado a superação radical de toda forma de exploração e a luta por uma sociedade socialista. (TONET, 2018, p.n.p)

Trata-se de um movimento de superação que difere do movimento de negação. O movimento de negação termina caracterizando um outro tipo de atividade que abandona a perspectiva revolucionária e adota quase que naturalmente uma perspectiva reformista. Um dos aspectos que contribuem com esta crise é a competição mais acirrada entre as nações imperialistas. A centralidade do trabalho foi transmutada para a centralidade da política.

Estamos frente a uma sociedade marcada por conflitos antagônicos que tem atingido toda e qualquer forma de sociabilidade. De um modo ou de outro a vida do indivíduo está sempre posta à lógica do capital, o que não implica que em sua totalidade esteja subordinado, “mas, na medida em que a sociabilidade gerada pela contradição entre capital e trabalho é contraditória, a possibilidade de uma oposição à hegemonia do capital também é uma possibilidade real”. (TONET: 2016, p.19).

Não esqueçamos que a revolução bolchevique agudizou os questionamentos quanto ao modo de produção capitalista – máximo da produção com o mínimo de tempo, tudo

¹³¹ Ao escrever *A crise estrutural do capital*, Mészáros põe em questão os limites últimos de uma estrutura global.

sustentado por uma forte propaganda política de carácter liberal – com a implementação de uma Nova Política Económica.

Desse modo, se o objetivo é superar essa lógica avassaladora e todas as suas mazelas, seu carácter exploratório e opressor, faz-se necessário adentrar as entranhas do capital, conhecer o cerne desse sistema e destruir suas estruturas. Somente assim, é possível, provocar as transformações necessárias, para se pensar a partir de uma nova plataforma que esteja ancorada nas massas.

Desta feita, uma vez que partimos da concepção de educação como um complexo de uma práxis fundada a partir do trabalho, ato gênese do ser social.

Afirmar o trabalho como categoria fundante do ser social não significa entender que haja uma separação cronológica entre o trabalho e outros complexos do ser social, como a linguagem e a consciência – cuja efetivação derivou do salto ontológico que rompeu com a esfera natural e inaugurou a sociabilidade humana. (LIMA, 2009, p.29)

O homem estabelece relações que não dependem objetivamente de sua vontade e que estão conectadas a um determinado desenvolvimento das forças produtivas – aquilo que é produzido na vida material é reflexo de um desenvolvimento intelectual. O mundo subjetivo e objetivo não se separam.

Nesse sentido, a contemporaneidade de pensamento de Krupskaya se expressa principalmente na preocupação da formação de jovens provenientes das massas que possam ser formados com o intuito de dirigir a sociedade em que vivemos. Uma sociedade que supere a crise instalada pelos interesses do capital, e possibilitando ao professor atuar plenamente como sujeito transformador.

É factual que resta um longo caminho a ser percorrido para se pensar em alcançar essa sociedade transformadora aberta às mudanças substanciais. Mesmo frente a um cenário político-educacional corroído no Brasil, Krupskaya consegue nos provocar com suas reflexões e sua história de vida nos possibilita a pensar um novo caminho. Por isso, ela é considerada não apenas uma educadora, mas uma mulher da práxis.

Elencamos ainda que o regime político adotado ao contexto brasileiro, especialmente na esfera educacional, não vai se evidenciar na sua forma brutal a partir de atitudes simples e/ou exibicionistas, uma vez que possui muitas faces, é perspicaz e meticuloso. Seu poder se encontra alicerçado na macroestrutura, sutilmente, para depois agudizar os processos. Confunde-se, inclusive, com as questões ideológicas de esquerda e de

direita. Embora aparentem tomar alguma postura, sempre se encontram no limbo; se apropriam de mediadas populistas para ganhar o aval das massas.

O movimento revolucionário necessita ressignificar o seu papel e assumir o compromisso de superação da ordem burguesa, objetivando possibilidades alternativas para a criação de uma sociedade que tenha como pedra angular as necessidades coletivas.

Diante deste contexto, reafirmamos a contribuição da educação soviética para buscar elementos que possam servir de subsídio à escola contemporânea. Enquanto o Estado apresenta a educação como redentora de todos os males – paradoxalmente as escolas públicas se encontram precarizadas. As práticas educacionais pragmáticas carregam um caráter de neutralidade a fim de preparar o indivíduo para ascensão social. (LIMA, 2009).

Recuperemos, assim, que seja provável que o próprio Dewey tenha se impressionado muito com a Rússia, estigmatizada com uma base tão rígida e ditatorial conseguisse desenvolver experiências ancoradas na coletividade. Lembremos que nem a “democracia” ocidental não conseguia e não consegue se organizar com experiências em massa. No período revolucionário soviético as escolas russas funcionavam como parte da própria revolução, “elas criam hábitos para que as pessoas ajam de forma coletiva e cooperativa, ações que as diferem dos países capitalistas onde predomina o individualismo.” (DEWEY, 2016, p. 83)

No cenário educacional brasileiro, estamos caminhando na contramão desse processo. Encontramo-nos frente a uma escola, e porque não dizer um sistema educacional que se apresenta amordaçado – legitimado por uma escola sem partido – que caminha contra o viés político emancipatório ou minimante com resquícios democráticos. Um tipo de discurso que não encontra sustentabilidade, uma vez que independente das questões ideológicas que sejam dialogadas, é esperado que a escola sempre venha a se posicionar. É impossível a escola não tomar partido.

Se em nossas escolas nos deparamos com os conselhos escolares, associação de pais, conselhos fiscais, comissões de proteção entre outros – que se encontram, em tese ancorados num tipo de “*bem-estar*” dos alunos. A autogestão escolar pode se apresentar como uma possibilidade de promover canais de diálogos entre esses organismos para o fortalecimento de suas ações.

Nesse sentido, ratificamos a importância do trabalho coletivo tão defendido por Nadezhda Krupskaya para a educação da nova geração: a educação de gênero, o ensino politécnico e a autogestão articulados/as às atividades educacionais e para o trabalho podem contribuir para essa importante tarefa de transformação na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BROUÉ, Pierre. **O partido bolchevique: dos primeiros tempos à Revolução de 1917.** Tradução de Anísio Garcez Homem. Curitiba: Pão e Rosas, 2005.
- COUTINHO, Carlos Nelson, 1943 – **Gramsci: um estudo sobre o seu pensamento político / Carlos Nelson Coutinho.** – Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- DEWEY, John. **Impressões sobre a Rússia Soviética e o mundo revolucionário.** Tradução Carlos Lucena. Uberlândia: Navegando Publicações, 2016.
- FERREIRA, CM. **As contribuições dos educadores bolcheviques na concretização de políticas educacionais na educação soviética.** 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.
- GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e a Revolução: Política da família Soviética e da vida social entre 1917 e 1936.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- HOBSBAWN, Eric. **Sobre História.** Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim. (Org.) **1917: O ano que abalou o mundo.** São Paulo: Edições Sesc; Boitempo Editorial, 2017.
- LIMA, M.F. **Trabalho, reprodução social e educação em Lukács.** 2009. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.
- LODI, S. **Entre a pena e a baioneta: Louise Michel e Nadezhda Krupskaya, educadoras em contextos revolucionários.** Campinas: [s.n.], 2016.
- LODI, S. **Nadezhda Krupskaya: uma estrela vermelha.** Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.
- LOMBARDI, J.C. Educação e ensino em Marx e Engels. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v.2, n. 2, ago. 2010.
- LOYN, HR. **Dicionário da Idade Média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LUKÁCS, G. **Existencialismo ou marxismo.** São Paulo: Senzala, 1967.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I.** Tradução Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Shneider. São Paulo: Boitempo, 2012.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II.** Tradução Nélio Shneider. São Paulo: Boitempo, 2013.
- LUXEMBURGO, Rosa. **A Revolução Russa.** São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2017.
- KRUPSKAYA, N. K. **Cartas de Krupskaya.** Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/krupskaya/>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

- KRUPSKAYA, N.K. **Acerca de la educación pré-escolar**. Prosvieschenie: Editorial Moscú, 1973.
- KRUPSKAYA, N. K. **Acerca de La Educacion Comunista**: artículos y discursos. Moscú: Ediciones em linguas extranjerias, 1997.
- KRUPSKAYA, N. K. **La educación de la juventude**. Madrid: Nuestra Cultura, 1978.
- KRUPSKAYA, N. K. **En La educación comunista**: Lenin y la juventud. Madrid: Nuestra Cultura, 1978. p. 55-61,
- KRUPSKAYA, N. K. **A Construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- MARX, K. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. v.1. t.2.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: *Expressão Popular*, 2009.
- MARX, K. **Contribuição a crítica da Economia Política**. 4. ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2011.
- MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- MILHAZES, José. Navegadores russos e Império colonial português. **Revista CITCEM**, n. 1, p.11-23, 2013.
- PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- OLIVEIRA, José Silvio de. **A Paidéia Grega**: a formação do omnilateral em Platão e Aristóteles. 2015. 189f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- OYAMA, E. R. A perspectiva da educação socialista em Lenin e Krupskaya. **Marx e o Marxismo**, v. 2, n. 2, p. 44–70, 2014.
- PARTERNAK, B. **Doutor Jivago**. [S.l.]: Record, 2002.
- PUSHKIN, A. S. **A Filha do Capitão**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- SEGRILLO, Ângelo. **Os Russos**. São Paulo: Contexto, 2015.

SKATKIN, MS; COV'JANOV, GS. Nadezhda Krupskaya: Prospects: the quarterly review of comparative education. **International Bureau of Education**, Paris, v. 24, p. 49-60, 1994,

SHULGIN, VN. **Rumo ao Politecnismo**. Tradução de Alexey Lazarev e Luiz Carlos de Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria Marxista da Educação**; Tradução Maria Carlota Melo. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.

TONET, I. **Educação contra o capital**. 3. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

_____. Contra o Reformismo e Politicismo. **Diário Liberdade**, 2018. Disponível em: <<https://gz.diarioliberalidade.org/brasil/item/221644-contr-o-reformismo-e-o-politicismo.html>>. Acesso em: 5 jul. 2018

TROTSKY, L. **A história da Revolução Russa**. Tradução de E. Huggins. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TROTSKY, L. O soviete de 1905 e a Revolução. In: _____. **Margem Esquerda**. São Paulo: Boitempo, 2005. v.5.

TOLSTÓI, Liev Nikoláievich. **Guerra e Paz**. 3. ed. [S.l.]: Publicações Europa-América, 2009.